

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

ANANDA ELISA DOS SANTOS SOMMIER MOLINA

**As Representações Sociais Sobre a Capoeira na Cidade de São
José dos Campos a Partir da Fundação da Associação Desportiva
e Cultural Besouro Mangangá**

São Paulo

2024

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

**As Representações Sociais Sobre a Capoeira na Cidade de São
José dos Campos a Partir da Fundação da Associação Desportiva
e Cultural Besouro Mangangá**

Ananda Elisa dos Santos Sommier Molina

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Especialista em Educação, Cultura e
Relações Étnico-Raciais.

**Orientador: Profa. Ms. Máira
Carvalho de Moraes**

São Paulo

2024

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é dedicado aos meus ancestrais, sobretudo ao meu Vô Teca e a minha Vó Ia, presentes em meu coração e em minhas memórias. Agradeço ainda a todos os meus familiares que se dispuseram afetosamente para a realização deste projeto, em especial a minha mãe Mariangela, meu tio Manão (Esdras Filho) e meu primo André. A todos os capoeiristas que me acolheram e me receberam em seu “templo”, a Associação Desportiva e Cultural Besouro Mangangá, em especial ao Mestre Lobão, responsável pela edificação de um sonho iniciado em 1971, por fazer da capoeira até hoje uma realidade na cidade de São José dos Campos e no mundo. Agradeço ainda a minha orientadora por acreditar na viabilidade deste estudo, por sua amorosidade e generosidade na condução da pesquisa.

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A CAPOEIRA NA CIDADE DE SÃO
JOSÉ DOS CAMPOS A PARTIR DA FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA
E CULTURAL BESOURO MANGANGÁ¹**

Ananda Elisa dos Santos Sommier Molina²

Resumo: O presente trabalho buscou compreender as representações sociais sobre a capoeira elaboradas a partir da inauguração de sua prática na cidade de São José dos Campos. Através de pesquisa bibliográfica, observação participativa e entrevistas semiestruturadas realizadas com 03 capoeiristas responsáveis pela condução dos treinos de capoeira quando da abertura da primeira academia de capoeira da cidade, a Besouro Mangangá, hoje Associação Desportiva e Cultural do município de São José dos Campos, objetivou-se identificar valores, comportamentos e percepções sobre a capoeira, seus desígnios e impactos sociais promovidos por sua presença no município de São José dos Campos na década de 1970.

Palavras-chave: Capoeira. Representações Sociais. São José dos Campos. Besouro Mangangá.

Abstract: The present work sought to understand the social representations of capoeira elaborated from the inauguration of its practice in the city of São José dos Campos. Through bibliographical research, participatory observation and semi-structured interviews carried out with 03 capoeiristas responsible for conducting capoeira training at the opening of the first capoeira academy in the city, Besouro Mangangá, today the Sports and Cultural Association of the municipality of São José dos Campos, aimed - identify values, behaviors and perceptions about capoeira, its purposes and social impacts promoted by its presence in the municipality of São José dos Campos in the 1970s.

Key words: Capoeira. Social Representations. São José dos Campos. Mangangá Beetle.

Resumen: El presente trabajo buscó comprender las representaciones sociales de la capoeira elaboradas a partir de la inauguración de su práctica en la ciudad de São José dos Campos. A través de investigación bibliográfica, observación participativa y entrevistas semiestruturadas realizadas a 03 capoeiristas responsables de realizar la formación de capoeira cuando se inauguró la primera academia de capoeira de la ciudad, Besouro Mangangá, hoy Asociación Deportiva y Cultural del municipio de São José dos Campos, tuvo como objetivo identificar valores, comportamientos y percepciones sobre la capoeira, sus propósitos e impactos sociales promovidos por su presencia en el municipio de São José dos Campos en la década de 1970.

Palabras clave: Capoeira. Representaciones Sociales. San José de los Campos. Escarabajo Mangangá.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Educação Cultura e Relações Étnico-Raciais.

² Pós-graduando em Educação, Cultura e Relações Étnico-Raciais.

1. INTRODUÇÃO

Pisa na linha levanta o boi, levanta meu boi do chão. Pisa na linha, levanta o boi. O levanta, levanta.

A partir dos estudos realizados junto ao Centro de Estudos Latino-Americanos Sobre Cultura e Comunicação – CELACC da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, sobre negritude, ancestralidade, diáspora e a escravização de africanos, bem como o processo de assimilação da população negra no Brasil no período pós-escravatura, pude compreender, através da ressignificação de minhas memórias, o valor das minhas raízes e a dimensão que um lugar, então conhecido, pode alcançar.

Ensinamentos traduzidos em cantigas, histórias e brincadeiras, a miscigenação das migrações, o sincretismo religioso, tudo costurado pelo som dos atabaques, pandeiros e berimbaus. Foi nos almoços de domingo na casa de meus avós que os rabos de arraia e as inúmeras vezes em que um capoeira sem perder a compostura esquivou-se da morte, que os cantos e encantos da cultura popular brasileira se revelaram.

O andar compassado, manso, ginga na fala e nos afetos. Contornos que apenas aqueles que aprendem a cair transparecem. A um especificamente me converto em reverência, Esdras Magalhães dos Santos, sergipano, natural de Laranjeiras, para alguns Tenente Esdras, para outros Mestre Damião, a quem tenho a honra de chamar de “Vô”.

Uma vida dedicada à abertura de caminhos, para que pudesse a capoeira entrar pela porta da frente de uma casa chamada Brasil. Conservo em minhas lembranças a grandeza da capoeira. Ensinamentos para toda uma vida. A ginga é do tamanho do passo. Assim ele nos ensinou.

Através de seus ensinamentos, Mestre Damião, o discípulo de Manoel dos Reis Machado, Mestre Bimba, reverberou sua luta, seu esporte, sua dança, e porque não, sua vida, sendo o responsável pela fundação da primeira instituição destinada ao ensino da capoeira na cidade de São José dos Campos no ano de 1971, a academia Besouro Mangangá, hoje Associação Desportiva e Cultural Besouro Mangangá, patrimônio cultural do município.

Na companhia de seus fiéis escudeiros Mestre Esdras e Mestre Lobão, este responsável pela continuidade da Besouro Mangangá, à frente da academia até os dias de hoje, o espaço concebido por Mestre Damião, desde sua fundação se propôs a realização de treinos da capoeira e difusão de sua prática no município e em outras regiões do país.

Inaugurada durante o período da ditadura militar no Brasil, o espaço de desenvolvimento da capoeira no município de São José dos Campos guarda significações e particularidades

decorrentes da vinculação de seu mentor com a Aeronáutica Brasileira, o que contribuiu significativamente para a assimilação da prática e de seus praticantes pela cidade.

Para evidenciar a singularidade da dinâmica promovida por Esdras Magalhães dos Santos na intersecção entre a capoeira e os espaços de sua atuação enquanto oficial da Aeronáutica, sua identificação no presente estudo será propositalmente realizada como Tenente Esdras e Mestre Damião, instigando neste ponto uma reflexão acerca da conduta fluída do capoeira diante do controle e da rigidez, o que possibilitou a inserção e desenvolvimento de uma tradição da cultura negra brasileira na cidade de São José dos Campos.

É a partir de experiências vivenciadas nos espaços da capoeira que um capoeirista se constitui, desenvolvendo-se na luta, na arte e na dança da capoeira, por meio de valores compartilhados pelos integrantes do grupo ao qual pertencente, ancorados nos ensinamentos e saberes oralmente transmitidos pelo Mestre responsável.

Através da observação participativa, pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas semiestruturadas realizadas com 03 capoeiristas presentes quando da fundação da academia Besouro Mangangá e responsáveis pela condução das atividades nos primeiros anos de funcionamento do espaço, buscou-se compreender as circunstâncias e particularidades no processo de inauguração da capoeira na cidade de São José dos Campos, bem como os sentidos e significados da capoeira presentes quando do início de sua prática no município.

A análise dos dados fundamentou-se na Teoria das Representações Sociais desenvolvida por Serge Moscovici, tendo como objetivo identificar elementos de objetivação e ancoragem no processo de elaboração das representações sociais sobre a capoeira, seus espaços e praticantes, através dos relatos prestados pelos primeiros capoeiristas responsáveis pelo ensino da capoeira na cidade de São José dos Campos.

2. A CAPOEIRA E SUAS DEFINIÇÕES

A Capoeira encontra-se entre as manifestações da cultura brasileira mais estudadas e debatidas ao longo dos anos. Reconhecida por sua multidimensionalidade, é ao mesmo tempo dança, luta e jogo.

Inúmeras são as lacunas e controvérsias presentes nas narrativas sobre sua origem, o que pode ser atribuído a sua amálgama constituinte ou mesmo a dura repressão enfrentada em seu desenvolvimento e disseminação.

Para Carlos Eugênio Líbano Soares (Soares, 1994, p.7), poucas expressões do que se convencionou chamar no século XX de cultura popular têm ocupado um espaço tão dilatado,

não somente nas preocupações da intelectualidade, mas no cotidiano e no imaginário daqueles que a ciência social denomina de “camadas populares”.

Quanto a sua denominação e origem, diversas são as abordagens explicativas, dentre as quais citamos a apresentada pelo dicionarista Antônio Joaquim Macedo Soares, segundo o qual:

Pode ser que capoeira gente venha de Capueira mato. Do negro que fugiu dizia-se e diz-se ainda “foi para a capueira, caiu na capueira, meteu-se na capueira”. E não só do negro, também do recruta e do desertor do Exército e da Armada, e que procuravam fugir das autoridades policiais. E diz-se também do gado que foge para o campo. Um capoeira não seria sinônimo de “negro fugido” “canhambora”, “quilombola”? Este para se defender precisava atacar, e às vezes inculcava apenas mais malvadez do que tinha. “Negro fugido, canhambora, quilombola” ainda hoje são sinônimos de entes faquistas, assassinos, e ao mesmo tempo vivo, esperto, ligeiro, corredor, destro em evitar que outros o peguem. Capoeiras enfim (Soares, 1994, p.18).

A ideia sobre as origens da capoeira na luta de escravos fugidos para o “mato” e organizados em quilombos, por muitos anos foi utilizada como explicação para o fenômeno, no entanto, Líbano nos chama a atenção para a contribuição trazida pelo visconde de Beaurepaire-Rohan, o qual remete sua etimologia ao cesto utilizado para o transporte de capões e galinhas, denominado capoeira (Soares, 1994, p.20).

Cumpre-nos mencionar que tanto nas definições apresentadas por Macedo Soares quanto por Beaurepaire-Rohan, a figura do capoeira estava intrinsecamente ligada à malandragem, vadiagem, violência e periculosidade, conforme se depreende da descrição formulada por Beaurepaire-Rohan:

Este nome se estende hoje a toda sorte de desordeiros pertencentes à ralé do povo. São entes perigosíssimos, por isso que, armados de instrumentos perfurantes, matam qualquer pessoa inofensiva, só pelo prazer de matar (Soares, 1994, p.20).

Segundo Líbano à Adolfo Morales de Los Rios Filho, estudioso argentino radicado no Brasil, atribui-se a hipótese formulada no início do século XX, pela qual fora a ideia de derivação da capoeira dos quilombos refutada. Em suas palavras:

[...] Adolfo Morales pergunta se os escravos em fuga escolheriam “misérrimas capoeiras” ao invés do alto das montanhas e as serras íngremes, em risco de enfrentar capitães-do-mato bem armados e a cavalo.

A temeridade de usar golpes de capoeiras contra jagunços com armas de fogo em terreno aberto é vista com zombaria pelo intelectual argentino. Ele conclui que as “capoeiras” (mato ralo, extinto, roça abandonada) não foram campo de luta para os “capoeiras”, pela sua própria conformação física (Soares, 1994, p.20).

Para Adolfo Morales (Soares, 1994, p.21), a capoeira como luta teria nascido nas disputas de estiva, nas horas de lazer, nos “simulacros de combate” entre companheiros de

trabalho, que pouco a pouco se tornaram hierarquias de habilidades, onde se duelava pela primazia do grupo, denominando-se como a dança do escravo carregador do “capu”, grandes cestos utilizados para desembarcar e carregar mercadorias pelos escravos no período colonial, hipótese esta, que segundo Líbano guarda vantagens sobre as que a precederam. Primeiramente porque coloca o surgimento da capoeira como próprio do ambiente urbano, em segundo lugar, pela concepção acerca da vinculação entre a capoeira e a escravidão de ganho, presente no mundo citadino.

Ainda que dissonantes quanto à etimologia e manifestação inaugural da capoeira, inegável ponto de convergência entre as abordagens refere-se a sua derivação da condição escrava no Brasil, bem como a sua vinculação às culturas africanas manifestadas pelos escravizados, destacando-se segundo Líbano que na primeira metade do século XIX, todas as nações africanas tiveram representantes presos como capoeiras, nas mais diversas proporções. Para Líbano a identidade étnica criada pelo tráfico, silenciadora da identidade nativa seria substituída pelo novo código construído no cativo. Em suas palavras:

Essa “descoberta”, fruto da intensa troca cultural inter-africana, teria criado uma “supernação”: a “protonação banto” [...] Pensamos a capoeira como um braço possível dessa protonação banto; síntese de uma disparidade de ritos, rituais, danças cerimoniais e guerreiras, ela representou a forma cultural possível que os jovens africanos encontraram de responder às violências e demandas de uma sociedade urbana hostil (Soares, 1994, p. 25).

Essa resposta cultural segundo o autor teria sido tão bem-sucedida que em pouco tempo escravos e libertos se juntariam às maltas, grupos de capoeiras que disputavam a geografia da cidade, colocando-se a capoeira como importante frente de resistência ao Estado escravista e senhorial.

Desta forma, pode-se inferir que a Capoeira está ligada a diversidade cultural, fruto da construção de estratégias de resistência e sobrevivência através do encontro entre povos africanos escravizados no Brasil, a partir de expressões pela dança, luta e jogo, cujos contornos foram se estruturando de acordo com os contextos e circunstâncias em que se desenvolveu e se desenvolve, consubstanciando-se em um fenômeno em constante construção.

Para além das controvérsias quanto a sua origem e denominação, marcadores referentes a experiência do negro nos períodos da escravatura e no pós-abolição, no que diz respeito a criminalização de suas expressões culturais e de sobrevivência, fazem-se presentes nas hipóteses apresentadas ao longo dos anos, o que nos leva a crer que a construção do “sujeito capoeira” se encontra paradoxalmente ligada a incessante marginalização do negro na sociedade brasileira.

Os contornos conferidos ao controle da capoeira ao longo da história estão diretamente ligados ao racismo estruturante da sociedade brasileira, sendo que até as primeiras três décadas do século XX, sua prática era criminalizada.

Para Muniz Sodré, a Capoeira como toda estratégia cultural dos negros no Brasil, implicava num jogo de resistência e acomodação, necessária aos herdeiros de uma cultura em movimento de autopreservação e continuidade. Segundo o autor:

Luta com aparência de dança, dança que aparenta combate, fantasia de luta, vadiação, mandinga, a capoeira sobreviveu por ser *jogo cultural*. Um jogo de destreza e malícia, em que se finge lutar, e se finge tão bem que o conceito de verdade da luta se dissolve aos olhos do espectador e — ai dele — do adversário desavisado (Sodré, 1988, p. 205).

Pensar a capoeira através do estar no mundo de seus Mestres, professores e alunos, nos mostrou que para além de uma luta herdada da diáspora africana, a pratica rompe com a temporalidade, representando o encontro entre passado, presente e futuro, pela presença marcada do conto, do corpo e do ritmo.

Desde suas origens a capoeira representa um espaço de construção de conhecimentos específicos através de uma confluência cultural. Inicialmente ligada a diversidade étnica de negros escravizados, tornou-se com o passar do tempo, lugar de encontro e identificação entre distintas experiências sociais.

3. TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A teoria das Representações Sociais Desenvolvida foi desenvolvida pelo psicólogo social romeno Serge Moscovici em 1961 através do estudo intitulado *La Psychanalyse: son image et son public*. Para Moscovici, as representações sociais são representações de alguma coisa ou de alguém. Em suas palavras:

[...] a representação social é uma organização de imagens e linguagem, ela realça e simboliza atos e situações constituídos por interações sociais, que se tornam comuns aos indivíduos e grupos, portanto, as representações modelam o que é dado do exterior mediante a relação que esses indivíduos e os grupos mantêm com os objetos. Toda representação é composta de figuras e de expressões socializadas (Brenelli, Silveira e Osti, 2013, p.51).

Desta forma, a representação social encontra-se no centro do eixo individual – social, ao passo que podendo ser identificada em fenômenos sociais, sua elaboração é singular, diferenciando-se de pessoa para pessoa, acrescentando o indivíduo dados particulares, específicos de si no processo de representar. Para Diogo Marinho de Oliveira:

As representações sociais são bastante utilizadas por cientistas sociais, que pretendem conhecer como os indivíduos, em um grupo social, e o próprio grupo constroem o conhecimento e, sobretudo, o que fazem com esse conhecimento na sua realidade social. É preocupação da teoria a construção do saber popular, do imaginário coletivo, do senso comum. Para isso, estuda-se o emprego dos símbolos, das linguagens e imagens utilizadas para a percepção da realidade, enfim a comunicação entre indivíduos de diferentes grupos sociais e suas relações (Oliveira, 2012, p. 101).

As representações têm por objetivo sistematizar a realidade e o ambiente onde se desenvolve a vida cotidiana pois, por meio do diálogo, transformam e interpretam a realidade dos indivíduos que produzem e comunicam suas representações. Desta forma:

A representação social é uma preparação para a ação, ela guia o comportamento, remodela e reconstitui os elementos do meio ambiente em que o comportamento deve ter lugar. As imagens e as opiniões traduzem a posição e a escala de valores de um indivíduo ou de uma coletividade [...] na teoria de Moscovici (2005), as representações se relacionam com um modo particular de comunicação, de compreender o mundo, e esse modo cria tanto a realidade quanto o senso comum (Brenelli, Silveira e Osti, 2013, p. 48).

As representações sociais se formam na vida diária das pessoas, quando estas discutem e falam sobre o cotidiano e diversos temas, estando presentes nos meios de divulgação, através da comunicação, nos costumes e instituições, na herança histórica – cultural das sociedades.

Através das conversas, dentro das quais se elaboram os saberes populares e o senso comum, é possível identificar as representações, pois elas se exprimem através da linguagem, da arte, da ciência, religião, assim como nas famílias, em suas relações e regras, contemplando também as relações econômicas e políticas [...] contribuem para a formação de condutas e orientam as relações e a comunicação (Brenelli, Silveira e Osti, 2013, p. 55).

Desta forma, opiniões, valores e ideias transmitidas pelos meios de comunicação ou grupos sociais, são recebidas e introjetadas na consciência individual, passando a integrar a partir da comunicação a consciência coletiva.

De forma muito geral, podem ser as representações sociais definidas como princípios organizadores das relações simbólicas entre indivíduos e grupos (Bertoni e Galinkin, 2017, p. 109).

A concepção que o homem tem, como ele pensa, acredita e interpreta sua realidade são na verdade representações sociais.

As representações sociais criam uma realidade, elas enriquecem a relação entre o sujeito e o objeto, interagem com o espaço, o tempo, a linguagem e a cultura, formando uma base para a memória social. Desse modo relacionar a TRS com a capoeira é permitir que os agentes deste bem cultural ganhem “voz” e identidade, considerando que suas diferenças sociais produzem diferentes representações sobre o mesmo tema (Oliveira, 2012, p. 112).

Para Moscovici é através dos processos de ancoragem e objetivação que as representações sociais são geradas, tratando-se de mecanismos responsáveis por tornar o não familiar em familiar. Segundo o autor:

O primeiro mecanismo tenta ancorar ideias estranhas, reduzi-las a categorias e imagens comuns, coloca-las em um contexto familiar. Assim, por exemplo, uma pessoa religiosa tenta relacionar uma nova teoria, ou o comportamento de um estranho, a uma escala religiosa de valores (Moscovici, 2010, p. 60).

Sobre o processo de ancoragem o autor elucidar tratar-se do processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada.

É quase como que ancorar um bote perdido em um dos boxes (pontos sinalizadores) de nosso espaço social [...] No momento em que determinado objeto ou ideia é comparado ao paradigma de uma categoria, adquire características dessa categoria e é re-ajustado para que se enquadre nela [...] Ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa (Moscovici, 2010, p. 61).

No que diz respeito a objetivação, trata-se do processo pelo qual o objeto passa da condição de abstrato para a condição de concreto, materializando-se por meio da palavra. Segundo Brenelli, Silveira e Osti, a objetivação transforma um esquema conceitual em real, transfere um saber científico para o domínio comum, atribuindo uma imagem ao objeto representado. (Brenelli, Silveira e Osti, 2013, p. 55).

Através de entrevistas semiestruturadas realizadas com três capoeiristas presentes na inauguração da capoeira na cidade de São José dos Campos, em que lhes fora permitido expressar e verbalizar seus pensamentos e sentimentos sobre a prática da capoeira, sobretudo na década de 1971, buscou-se compreender suas percepções sobre a assimilação da capoeira pela população joseense, bem como suas formas de pensamentos, comportamentos e interpretações oriundas deste espaço comum, a academia Besouro Mangangá.

4. A CIDADE DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Para melhor compreensão sobre os sentidos e significados da capoeira produzidos a partir da fundação da academia Besouro Mangangá, importante se faz uma breve apresentação acerca da formação do espaço e contexto social no qual está inserida.

A cidade de São José dos Campos formou-se a partir de um aldeamento jesuítico no final do século XVI, nas imediações do Rio Comprido, a 10 km do centro da cidade, tornando-se um pequeno centro produtor de café, contando com pequenas e médias fazendas, sem grande projeção na economia nacional.

Destaca-se que os campos de São José não eram propícios à produção agrícola, condição que determinava a ocupação e a exploração das terras coloniais, identificando-se inclusive referências às suas terras em registro cartográfico datado de 1776 como “Mato ruim e Pântano Inútil” (Papali, Souza e Zanetti, 2015, p. 113).

A baixa produtividade agrícola, agravada pelas constantes secas e pragas, provocou intensas migrações para lavouras cafeeiras do Oeste paulista, êxodo que despertou a preocupação da administração pública municipal, a qual muito embora tenha empregado esforços para implementação de medidas voltadas ao incentivo da permanência de trabalhadores na cidade, tais como concessão de terrenos e habitações para operários, bem como o fornecimento de água gratuitamente durante 25 anos, não obteve resultados satisfatórios.

Em paralelo, ao final do século XIX, a cidade foi se configurando como um importante centro de reunião voluntária de doentes acometidos pela tuberculose, sem grandes recursos, ganhando no início do século XX fama por seus “bons ares” em razão do clima propício para o tratamento da tuberculose, passando a ser nacionalmente conhecida como “Cidade Esperança”, qualificando-se como uma estância de tratamento de tuberculose (Papali, Souza e Zanetti, 2015, p. 116). Desta forma:

O componente migratório vinculado à doença será o elemento decisivo para a implementação de políticas de organização do espaço e de caráter urbanístico, ditadas pela nova lógica. O processo migratório vivenciado por São José dos Campos na primeira metade do século XX estabeleceu novas redes sociais movimentadas em torno da tuberculose e de sua população. Foi, portanto, por meio da doença que foram justificadas as políticas públicas de intervenção no espaço e adotadas as políticas de melhorias urbanas, como implantação das redes de água, de esgotos, de iluminação elétrica, ampliação e melhoramento das vias de acesso etc. A doença, sobretudo, marcou os limites da convivência entre sãos e doentes, pelo princípio de zoneamento (Papali, Souza e Zanetti, 2015, p. 117).

Foi a partir do tratamento da tuberculose que São José dos Campos galgou sua infraestrutura e sobretudo mão-de-obra para o trabalho, ao passo que com as pessoas que para a cidade migraram em busca de cura, estavam parentes e familiares, condição que acabou por impulsionar na década de 1920 a primeira fase da industrialização no município, marcada por empreendimentos nos setores de cerâmica, têxtil e de alimentos, estendendo-se até o final dos anos de 1940.

Paralelamente ao processo de industrialização, uma segunda estrutura produtiva ligada ao desenvolvimento de Ciência e Tecnologia começava a ser organizada no município ainda na década de 1940 (Papali, Souza e Zanetti, 2015, p. 120), isto porque em meio a Segunda Guerra Mundial, o governo brasileiro iniciou um projeto de criação de uma base científica e tecnológica

com vistas ao desenvolvimento da indústria bélica e de setores correlatos, elegendo-se a cidade de São José dos Campos para a implementação de um complexo tecnológico-industrial-aeroespacial.

Voltada ao setor aeroespacial, essa nova estrutura, planejada e desenvolvida pelo governo federal, teve como marcos a inauguração do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) em 1950, instalado no campus do Centro Técnico de Aeronáutica (CTA), atual Departamento de Ciência e Tecnologia Aeroespacial (DCTA), destacando-se ainda a inauguração, em 1963, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), bem como a criação no ano de 1969, da Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A. (Papali, Souza e Zanetti, 2015, p. 121).

A partir de 1950, com a inauguração da Rodovia Presidente Dutra interligando a região aos dois principais centros econômicos do País, São Paulo e Rio de Janeiro, verifica-se a instalação de diversas empresas nacionais e internacionais na cidade, inaugurando-se então a segunda fase de industrialização do município, passando São José dos Campos a ser reconhecida como cidade tecnológica.

A partir desse núcleo, o município industrializado passou a ter, já na década de 1960, um arranjo produtivo semelhante ao de um polo científico-tecnológico, atraindo profissionais e estudantes de outras regiões.

A presença da base aeroespacial na cidade de São José dos Campos é um elemento marcante na implementação e funcionamento da Besouro Mangangá, primeiramente porque foi a partir da chegada de Mestre Damião no município, como oficial da aeronáutica, que se consolidou a prática da capoeira na cidade. Destacando-se, por conseguinte, terem sido os primeiros treinos de capoeira realizados na quadra esportiva do Centro Técnico de Aeronáutica (CTA).

Em entrevista realizada com Mestre Esdras, este atribui a concepção da academia aos treinos realizados entre os anos de 1968 e 1970, inicialmente entre ele e Mestre Damião, contando, posteriormente com a participação de alunos do Instituto Tecnológico de Aeronáutica. Ressaltando o entrevistado ter sido no final do ano de 1970 que a ideia para abertura da academia foi apresentada por Mestre Damião.

É notória a participação e influência de pessoas vinculadas ao Centro Técnico de Aeronáutica na sedimentação e desenvolvimento da capoeira na cidade, como demonstram as palavras de Mestre Damião ao narrar a cerimônia de inauguração da academia Besouro Mangangá:

Com suas instalações completamente ocupadas pelos convidados, teve início a solenidade de inauguração com o desenlace da fita verde e amarela pelo então Brigadeiro do Ar Paulo Victor da Silva, Diretor do Centro Técnico Aeroespacial, e acendrado entusiasta das tradições nacionais. Achavam-se presentes também o então Chefe de Gabinete do CTA, Coronel Aviador Edílio Ramos Figueiredo, vários Oficiais e Civis do referido Centro e o Magnífico Reitor do ITA do Prof. Francisco Antônio Lacaz Neto, grande entusiasta da Capoeira na sua mocidade, bem como os vereadores Nadim Rahal, Lico Pinto, Fauxi Metene e o jornalista Luiz Paulo Costa (Santos, 1996, p. 28).

Curioso pensar a implementação de uma academia de capoeira no ano de 1971 na cidade de São José dos Campos, a qual conforme elucidado, dirigida desde a sua fundação por segmentos historicamente conservadores. Neste processo, difícil seria afirmar qual o elemento de maior influência para que se tornasse a Besouro Mangangá uma realidade, se as conexões advindas do ofício militar do Tenente Esdras ou se a ginga e a desenvoltura de Mestre Damião. Talvez, como registrado pelo próprio, tenha sido “água que foi querendo coisa” (Santos, 1996, p. 49). O capoeirista, senhor do seu corpo, improvisa sempre e, como o artista, cria (Sodré, 1988, p.211).

5. A FUNDAÇÃO DA ACADEMIA BESOURO MANGANGÁ

Nasceu em linda tarde do dia 16 de maio de 1971, às 16 horas, no prédio da rua Paraibuna nº 586, em São José dos Campos – São Paulo, a academia de Capoeira Besouro Mangangá, pioneira do ensino da Capoeira no Vale do Paraíba (Santos, 1996, p. 28).

A academia Besouro Mangangá, hoje Associação Desportiva e Cultural da cidade de São José dos Campos, foi concebida a partir de treinos de capoeira realizados na quadra esportiva do Centro Técnico de Aeronáutica (CTA) entre os anos de 1968 e 1970.

Conforme narrado por Mestre Esdras (Entrevista realizada no dia 30 de março de 2024 com Esdras Magalhães dos Santos Filho), o qual no ano de 1968 contava com apenas 15 anos, os treinos foram inicialmente realizados entre ele e seu pai Mestre Damião aos finais de semana, ocasião em que eram realizados os movimentos do jogo de sequência de Mestre Bimba, passando posteriormente a contar com estudantes do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA).

Destaca-se que conforme informou o entrevistado, não eram os treinos inicialmente acompanhados por instrumentos ou música, tratando-se de um treino, sobretudo, voltado para a defesa pessoal do capoeirista. Em suas palavras:

[...] a capoeira é o seguinte você não pode deixar o cara te agarrar ele falava. Então ele falava assim “você tem que aprender o desagarramento”. Então para cada movimento, o cara te abraçava você por trás, como é que você saia, pegava pela frente,

pescoço, perna [...] Então tinha isso e tinha a sequência de movimento que era feita. Depois a gente brincava um com o outro, sem berimbau. E ficava cada um dando um movimento, o outro saindo, brincando assim, mas não tinha música não tinha nada” (Entrevista realizada no dia 30 de março de 2024 com Esdras Magalhães dos Santos Filho).

Segundo o relato foi após o contato com o grupo de capoeira coordenado pelo Mestre Suassuna na cidade de São Paulo, o qual inclusive, juntamente com o grupo de treino de capoeira da quadra esportiva do CTA, realizou uma apresentação de capoeira, a convite do Tenente Esdras, na semana da ASA, entre os anos de 1968 e 1969, que os treinos na quadra esportiva se tornaram conhecidos, chegando a contar após a apresentação com 30/40 alunos.

No ano de 1970, Mestre Esdras passou a treinar capoeira com o grupo do Mestre Suassuna aos finais de semana em São Paulo, local em que conheceu Mestre Lobão, ocasião em que Mestre Damião deu sequência aos treinos com os alunos do CTA.

Após alguns meses treinando em São Paulo, Mestre Esdras retornou a São José dos Campos, a pedido de seu pai, para assumir os treinos de capoeira com os alunos do CTA, sendo que ao final do ano de 1970 começa a nascer a ideia de abertura da academia.

Segundo Mestre Esdras, a única condição estabelecida por Mestre Damião para abertura da academia, era para que seus estudos não fossem interrompidos, razão pela qual sugeriu que um capoeirista do grupo do Mestre Suassuna fosse convidado para ajudá-lo com os treinos.

Mestre Esdras então, conforme depoimento, solicitou ao Mestre Suassuna permissão para que fosse aberta a academia na cidade de São José dos Campos, bem como para que pudesse convidar um de seus alunos para apoiá-lo na condução dos treinos.

O aluno convidado foi o Mestre Lobão, o qual chegou a São José dos Campos para a festa de inauguração da academia. Segundo as narrativas de Mestre Esdras, Mestre Lobão e da professora Mariangela, a cerimônia foi marcada pela presença de políticos, jornalistas, capoeiristas renomados, dentre os quais Mestre Suassuna, Mestre Brasília, Mestre Limão, Mestre Silvério e, também pela presença de pessoas ligadas à Aeronáutica Brasileira. Detalhando Mestre Lobão:

A academia lotou no dia, tava na época da ditadura, me lembro que tava o brigadeiro Paulo Vitor, tava lá, foi cortar a fita. Jornal Agora, jornal Vale Paraibano, a segurança do brigadeiro tudo armado na porta da academia, no fundo da academia, academia lotada. Foi bonita a festa (Entrevista realizada no dia 09 de abril de 2024 com Everaldo Bispo de Souza).

Os treinos na Academia Besouro Mangangá foram logo iniciados após a solenidade de abertura, sendo inicialmente coordenados por Mestre Lobão e Mestre Esdras, contando

posteriormente com a presença da professora Mariângela a qual iniciou o primeiro treino de capoeira destinado à mulheres na cidade, o qual muito embora tenha sido concebido para atração de mulheres para a academia, não se firmou com um espaço de segregação entre homens e mulheres, ressaltando Mariangela serem os treinos abertos “para quem quisesse treinar” (Entrevista realizada no dia 09 de abril de 2024 com Mariangela Faggionato dos Santos).

As rodas de capoeira realizadas pela Besouro Mangangá promoveram o encontro e a integração da cidade de São José dos Campos com os mais diversos e respeitáveis Mestres da capoeira, dentre eles Mestre Suassuna, Mestre Limão, Mestre Joel e Mestre Silvestre.

Verifica-se a partir das entrevistas realizadas que a chancela, sobretudo, por pessoas vinculadas ao Centro Técnico de Aeronáutica, para inauguração da capoeira no município, corresponde a um importante elemento de recepção e desenvolvimento do grupo.

6. OS CAPOEIRAS DOS ANOS DE 1970

Em entrevistas realizadas com os Mestres e professora responsável por ministrar os primeiros treinos na academia, alguns elementos nos chamam a atenção primeiramente no que diz respeito a experiência do capoeirista na cidade de São José dos Campos na década de 1970 e por conseguinte os sentidos e significados atribuídos a prática.

Todos os entrevistados ressaltaram a importância há época da participação do Tenente Esdras na fundação, desenvolvimento e divulgação da capoeira na localidade e também em outras regiões do Brasil, tendo sido citada uma apresentação realizada pelo grupo da Besouro Mangangá na cidade de Joinville a convite da Universidade Federal do município, bem como uma apresentação em um programa de televisão na rede Bandeirantes.

A partir dos relatos coletados, verifica-se que os treinos e apresentações realizadas no CTA, sobretudo na semana da ASA em que capoeiristas de outras localidades foram convidados por Mestre Damião para compor as apresentações, aproximou a prática da capoeira do que há época pode ser entendido como o polo de maior prestígio na cidade, haja vista que o CTA representava para além de sua estrutura e autoridade militar, um local de produção de alta tecnologia e conhecimento referenciado no território nacional e internacional e por onde circulavam mestres e doutores de diversas regiões do país.

Segundo Mariangela (Entrevista realizada no dia 09 de abril de 2024 com Mariangela Faggionato dos Santos), Mestre Damião contou com um contingente muito grande de pessoas bem posicionadas na cidade de São José dos Campos, o que impulsionou o sucesso do empreendimento em uma região extremamente conservadora.

Os entrevistados relataram ter sido a capoeira muito bem recepcionada pelo município, contando inicialmente com um corpo de alunos oriundos dos treinos ministrados no CTA e posteriormente atraindo novos participantes para a prática da capoeira.

Para Mariangela a academia Besouro Mangangá era um espaço democrático, em suas palavras:

[...] quando você começa tocar o berimbau, atabaque nas apresentações, o povo vai chegando. Quem frequentava a academia? Todo mundo. Tinham pessoas de todos os estratos sociais né, desde aquela pessoa que era engraxate né, que era engraxate, até aquelas pessoas que, vou falar do universo real que a gente viveu, até aquelas pessoas que eram envolvidas até com algumas coisas meio né, ilícitas. O espaço recebia qualquer um. A academia tava de espaço aberto. Lá dentro todos eram respeitados. Fora cada um tinha a sua vida. Então tinha pessoas desde estudante universitário, médico, advogados né, até aquela pessoa que vendia bala na esquina, ou que era, na época ainda tinha sapateiro né, e ali dentro todo mundo era praticante de capoeira, nós éramos amigos, e mesmo fora dali, mesmo fora dali a gente se encontrava, se cumprimentava e se respeitava (Entrevista realizada no dia 09 de abril de 2024 com Mariangela Faggionato dos Santos).

Ainda conforme descrito por Mestre Lobão (Entrevista realizada no dia 09 de abril de 2024 com Everaldo Bispo de Souza), os treinos iniciais da academia contavam com um contingente de estudantes de maioria branca da classe média joseense, público este que com o desenvolvimento da academia foi se diversificando: “A maioria era branco de classe média, aí depois começa a surgir algumas pessoas. Algumas pessoas mais pobres, que trabalhavam em fábrica no dia a dia”.

A academia Besouro Mangangá, segundo os relatos, foi recebida como uma atração na cidade, sendo realizadas frequentemente apresentações, sobretudo, na Praça Afonso Pena, situada no centro da cidade de São José dos Campos.

Para Mariângela:

[...] chegava no centro da cidade, tem três, quatro capoeiristas ali, “os capoeiristas tão ali”, vamos fazer uma roda. Ai daqui a pouco começava bater palma, pronto, ai ia chegando um chegando outro, ai já chegava o berimbau que não tava mas veio né, ai o outro que morava perto trouxe o atabaque, mas começou com palma. Pronto (Entrevista realizada no dia 09 de abril de 2024 com Mariangela Faggionato dos Santos).

Denota-se dos relatos apresentados que a vinculação da capoeira com um dos espaços de maior prestígio na cidade de São José dos Campos, o CTA, representada, sobretudo, pela figura do Tenente Esdras e pessoas a este relacionadas, favoreceu o processo de elaboração de sua representação social através de uma valoração positiva pela população da cidade, haja vista ter sido sua objetivação experienciada em um espaço familiarizado.

Para Mestre Lobão:

O Tenente Esdras foi o cara que abriu as portas, ele que ia atrás de jornais, os dois jornais da cidade ele tinha muito acesso, ao jornal Agora, ao Vale Paraibano. Ele que mexia os pauzinhos de apresentações no CTA, ele que faz. Então a capoeira deve muito ao Tenente Esdras entendeu. Essa iniciação em São José dos Campos, ele que fazia todo o trâmite, ele era, como diz, o empresário, que ele mexia com tudo, levava a galera, ligava para o pessoal, ligava para o jornal, o jornal tava pronto, então ele é [...] ele fala que era um Templo, a capoeira é um Templo, e ele tratava isso, levava isso a sério. Então a capoeira deve muito. Então todo o desenvolvimento que a capoeira teve em São José nós devemos ao Tenente Esdras, ele que fez todo esse trâmite” (Entrevista realizada no dia 09 de abril de 2024 com Everaldo Bispo de Souza).

Desta forma, os sistemas de valores, normas e símbolos, transmitidos pelo espaço de realização da inauguração da capoeira na cidade, bem como o empenho empregado pelo Tenente Esdras em sua disseminação através de plataformas de rádios e jornais (Entrevista realizada no dia 09 de abril de 2024 com Everaldo Bispo de Souza), foram elementares na elaboração das representações sociais sobre a capoeira e positividade expressada pela população quando da abertura da academia Besouro Mangangá.

Para Brenelli, Silveira e Osti:

Ao pensar na representação social no cotidiano das pessoas, é possível perceber que opiniões, valores e ideias são transmitidos através dos meios de comunicação como rádio, televisão, jornais e revistas, ou por meio de organizações sociais como igrejas, partidos políticos, associações de bairro, grupos sociais da escola ou do trabalho. A informação é recebida pelas pessoas, introjetada na consciência individual e passa através dessas comunicações a integrar a consciência coletiva, reproduzindo assim uma imagem, um valor (Brenelli, Silveira e Osti, 2013, p. 56).

Conforme ainda relatado por Mestre Lobão e Mestre Esdras, embora não houvesse na cidade uma representação que vinculasse o capoeirista a agressividade e criminalidade, havia a época uma preocupação do grupo em zelar pela imagem da capoeira, evitando-se brigas de rua ou mesmo quando estas ocorressem que não fossem os golpes da capoeira utilizados.

Neste ponto, verifica-se uma transmissão de valores pela prática da capoeira entre os entrevistados, refletindo a conduta de seus praticantes para além dos espaços de treinos e apresentações, sobretudo, no que diz respeito a preservação de sua imagem no corpo social.

Ambos ressaltaram as orientações de Mestre Damião sobre o comportamento e sagacidade de um capoeirista, o qual deveria estar sempre preparado para sair de um conflito ou mesmo, quando necessário, utilizar de seus “artifícios” de sobrevivência que segundo Mestre Esdras provinham do curso de Especialização ministrado por Mestre Bimba. Em suas palavras:

Esse negócio de põe um pouco de areia no bolso, por uma pedra no outro, não andar pelos cantos, andar sempre no meio da rua né, não andar debaixo da árvore, alguém em cima né, um desafeto [...] Então e como se portar diante do adversário né, ele me ensinou que você ganha a briga quando você convence o adversário a não brigar com você, ele falou que essa é a melhor defesa, é não brigar. Com você o cara, você não quer brigar, ele não vai brigar, você não vai brigar e acabou a coisa. Agora, se precisar

brigar, ele já ta convencido que não vai brigar, ai você bate nele (Entrevista realizada no dia 30 de março de 2024 com Esdras Magalhães dos Santos Filho).

Ainda, segundo Mestre Lobão:

[...] tinha o lance de além de ensinar o capoeira, o educar, o comportamento. Tinha o comportamento quando sair pra rua para além da capoeira, para quando a coisa esquentasse fora, na rua, não ficar usando a capoeira, mas usar os artifícios que o Tenente Esdras passava pra gente. Ele passava alguns artifícios pra gente, como usar um cinto de cabo de aço. O dobrão né. O cinto de cabo de aço eu usava. Tinha que ter guardado aquilo lá, era um cinto com uma bolinha, que tirava na mão. Então tinha toda essa maneira de se comportar na rua. Não beber, para não estar bêbedo quando, numa confusão, evitar confusão, mas se não tivesse como evitar entendeu. Se tivesse areia na mão jogava no olho do sujeito para, entendeu. Tinha todo esse lance do comportamento dentro e fora” (Entrevista realizada no dia 09 de abril de 2024 com Everaldo Bispo de Souza).

Verifica-se que entre os primeiros homens responsáveis pelo ensino da capoeira em São José dos Campos estavam presentes os seus desígnios de sobrevivência urbana, o que não se constata no relato proferido por Mariangela, primeira mulher a ensinar a capoeira na cidade, a qual muito embora tenha sido a única a relatar uma experiência de estranhamento entre as pessoas da cidade por sua vinculação com a capoeira, não apresentou elementos em seu aprendizado quanto às práticas de sobrevivência descritas por Mestre Esdras e Mestre Lobão.

Ainda, conforme narrado por Mestre Esdras, o ser capoeira carrega consigo o instinto de sobrevivência, manifestado por um estado de alerta constante e presença, pautado pela interpretação do meio e avaliação dos riscos, em suas palavras:

[...] a capoeira tem uma coisa, ela entra no seu ser, e você passa ser o “ser capoeira”, não tem jeito. Por mais que eu queira, você joga capoeira numa discussão, toda aquela coisa que você aprendeu lá na capoeira, você faz a capoeira no discurso, faz numa festa. Qualquer lugar você ta sempre, você entra numa festa, mesmo que eu não queira, eu já to olhando as rotas de fuga, mesmo que eu não. Eu vou lá, entrei assim, instintivamente eu já olho a rota de fuga, se tem janela, se ta baixa se é alta, por onde, qualquer confusão por onde eu saio. Isso aí é instintivo do capoeira. Qualquer lugar que você ta, você está sempre atento para ver como é que você, qualquer confusão (Entrevista realizada no dia 30 de março de 2024 com Esdras Magalhães dos Santos Filho).

A fala de Mestre Esdras nos remonta a história narrada por Ana Maria Gonçalves em sua obra *Um Defeito de Cor*, a qual ao contar sobre o encontro de sua personagem Kehinde com os *capueiras* em uma cerimônia de batismo da capoeira, descreve os signos e códigos presentes na prática no período colonial, refletindo o seu entrelaçamento com a rotina do negro brasileiro. Desta forma o romance nos faz viajar para o estado do “ser capoeira” descrito por Mestre Esdras, e por tanto, ainda que desvestido dos rigores metodológicos, este talvez o ponto de encontro mais relevante com a prática, importante se faz o seu registro:

O berimbau então passou do toque de santa maria, que avisa quando tem arma na roda, para o de cavalaria, que o Piri-piri depois me contou ser o toque de alerta máximo, que avisa que o jogo está perigoso e que é melhor pensar em uma saída. Os capoeiras tinham inventado esse toque para avisar da chegada da polícia quando estavam jogando no meio da rua, o que era proibido. Ao ouvir o cavalaria, o capoeira tem que lutar se defendendo enquanto tenta descobrir o adversário mais fraco, ao mesmo tempo que corre os olhos por todo o local, esperando a hora certa de fugir na direção que oferece menos perigo. Um dos capoeiras reprovados tinha passado por todas as fases, mas na hora de fugir escolheu o lado errado e foi pego por quatro homens que estavam de tocaia (Gonçalves, 2022, p.677).

Espaço de duelo entre o campo do sensível e do invisível, entre aquilo que é e o que parece ser, entre a brincadeira e a seriedade. Assim se traduz o jogo e a vida, numa mistura entre a dura realidade permeada por discriminações, violências, segregações e o mundo fantástico do capoeira.

Destaca-se que para os entrevistados Mestre Esdras e Mestre Lobão, não havia na cidade tratamento diferenciado dispensado aos capoeiristas em decorrência da prática, no entanto, como dito, Mariangela deixa claro em seu relato a presença de um estranhamento da população joesense face a sua figura enquanto mulher nos espaços da capoeira.

Muito embora tenha sido a prática da capoeira positivamente assimilada, a presença de uma mulher neste contexto não encontrou igual representação.

Para Branelli, Silveira e Osti:

Toda representação é composta de figuras e de expressões socializadas, ou seja, a representação social consiste numa organização de imagens e linguagem, ela realça e simboliza atos e situações que se tornam comuns. Ela acaba por modelar o que é dado do exterior, na medida em que os indivíduos e grupos sociais se relacionam com situações, atos e objetos constituídos no decurso das interações sociais (Branelli, Silveira e Osti, 2013, p. 57).

Na fala de Mariangela é possível identificar a transformação decorrente do contato e familiarização de sua presença nas rodas de capoeira, o que fez com que outras mulheres na cidade se aproximassem da prática, em suas palavras:

Mas é engraçado que no começo treinar capoeira né, e eu era a única mulher, era uma coisa meio assim né na cidade, o pessoal gostava, achava bacana, mas tinha uma coisa meia ai, eu acho que tinha uma coisa meio, sabe aquela nuvem no ar, meio que o pessoal achava bárbaro as rodas, super legal, mas pairava uma coisa no ar, me respeitava tudo, mas com o tempo isso foi se desfazendo, assim sabe, até por causa das rodas de samba, que ai depois a gente transformava das rodas, transformava numa coisa de brincadeira, de cantar, e a coisa foi ganhando uma outra dimensão. E as meninas de assistir a roda de capoeira, de ir la pra ver a roda de capoeira, começaram a se interessar de participar da roda de capoeira. E ai é que começaram as namoradas, as irmãs, as esposas de capoeiristas, e depois ai eu comecei a dar aula. A coisa ganhou uma dimensão enorme né. A coisa começou a crescer e as mulheres começaram a fazer parte (Entrevista realizada no dia 09 de abril de 2024 com Mariangela Faggionato dos Santos).

No que diz respeito às tradições da capoeira presentes, sobretudo, no período de fundação da academia, os entrevistados ressaltaram o respeito aos Mestres, sendo uníssona a representação desta figura como autoridade e detentor dos conhecimentos da capoeira, tendo o seu reconhecimento conferido pelo grupo através da reverência à sua sabedoria e trajetória na capoeira. Os entrevistados destacaram que embora tenha a capoeira sofrido transformações em razão da institucionalização esportiva de sua prática, ainda assim, em diversos grupos a figura do Mestre para além das graduações sistematizadas, se constrói na tradição. Segundo Mestre Lobão:

Geralmente quando a pessoa tem uma idade “ai Mestre” só por causa da idade, mas o lance é a sabedoria, o tempo que a pessoa tem, o reconhecimento que ela tem perante os outros Mestres, isso é o que manda. Quando a pessoa te chama assim de Mestre, é porque ela conhece o seu perfil, conhece a sua trajetória, é a trajetória que vai dizer quem é Mestre, quem é Professor [...] o título de Mestre ela conquista nas andanças, com outros Mestres. Não basta eu chegar aqui e falar assim você agora é Mestre. E aí? [...] Eu acho que a pessoa tem que ser capoeirista, independente de ser Mestre, eu vejo, ela tem que ser capoeirista, independente de patente, de graduação, de contra mestre, é capoeirista (Entrevista realizada no dia 09 de abril de 2024 com Everaldo Bispo de Souza).

A figura do Mestre de capoeira mostrou-se uma representação significativa compartilhada entre os entrevistados, ao passo que conforme relatos, fruto de um constructo coletivo, o qual a partir da participação ativa na formação de outros capoeiristas e disseminação da prática e dos conhecimentos da capoeira tem sua autoridade reverenciada, sendo-lhe conferido máximo respeito entre os capoeiristas. Para Mariângela:

[...] o aluno de capoeira ele deve respeito ao Mestre [...] o Mestre de capoeira é um Mestre Griô né. Então assim, e ai o aluno que realmente quer pertencer aquele espaço, aquela academia, ele tem que respeitar o Mestre e aquilo que o Mestre conversa com ele, porque ele ta escolhendo participar daquele grupo né. E é o Mestre que cuida daquele grupo, tanto que o respeito pelo Mestre é imenso. Até hoje né. Na última roda que eu fui [...] eu quase chorei na roda, de tão emocionada que eu fiquei de sentir essa força do Mestre perante os alunos dele, e perante os alunos que ele formou, e perante de outros Mestres [...] E não tem nada no papel, você tem que. É uma coisa que é construída na relação né. Mas isso lá atrás era muito mais forte, porque eram acordos que eram construídos na relação. Porque eu queria pertencer aquilo ali e eu queria reverenciar aquele Mestre, para mim era importante ouvir o que ele tinha para falar né e escutar o que ele tinha para falar né. De como que eu tinha que ta cuidando daquele espaço, qual o significado do berimbau, qual o significado do pandeiro, dos atabaques, dos golpes, de como me portar ali dentro, de como participar da roda, de como tratar os outros capoeiristas né. Tudo isso eram conversas que eram trocadas ali, construídas ali, não existia uma coisa, regra no papel, então assim era o Mestre que ia ali conversando com os seus alunos né, com quem tinha escolhido aquele ali como Mestre (Entrevista realizada no dia 09 de abril de 2024 com Mariângela Faggionato dos Santos).

Identifica-se ainda na fala do Mestre Lobão a elaboração da representação social da figura do Mestre de capoeira e sua reverberação no comportamento social do capoeirista para

além dos espaços da capoeira, vejamos: “Sempre o mais velho o primeiro. Ele é o primeiro a pegar no berimbau, a cantar, a sair pro jogo entendeu. Se tá num determinado local que vai comer, os mais velhos primeiro” (Entrevista realizada no dia 09 de abril de 2024 com Everaldo Bispo de Souza).

Destaca-se que em treinos realizados no período da tarde no primeiro semestre do ano de 2024 junto aos alunos da Associação Desportiva e Cultural Besouro Mangangá, foi possível constatar através de observação participativa que o respeito e reverência ao Mestre, decorrente do seu reconhecimento pelo grupo enquanto autoridade máxima é uma tradição presente neste espaço, revelando assim através deste comportamento a transmissão da representação social sobre esta figura entre os capoeiristas da academia ao longo dos anos. Sobre este enfoque, convém destacar a fala de Mariangela, ao reforçar o senso comum elaborado nos espaços da capoeira através do que esta nomeou de “combinados”:

Lá atrás na década de 70 era uma coisa mais espontânea, tinha claro os treinos, os golpes, mas não tinha tanta, tinham as regras também, de convivência né, uma série de coisas, que isso era discutido com os Mestres né, porque o aluno de capoeira ele deve respeito ao Mestre né, o Mestre é responsável por ele e ele é responsável por ter escolhido esse Mestre e esse espaço para praticar a capoeira e ele tem que respeitar o que é discutido ali, o que é combinado. Era uma coisa de combinado. Como que a gente vai combinar de conviver aqui. Como é que é a capoeira que é praticada aqui. Como é que a gente vai cuidar desse espaço sabe. Tudo isso era ali discutido na conversa, tipo um Mestre griô conversando lá com o seu povo né. Porque o Mestre de capoeira é um Mestre Griô né. Então assim, e aí o aluno que realmente quer pertencer aquele espaço, aquela academia, ele tem que respeitar o Mestre e aquilo que o Mestre conversa com ele, porque ele tá escolhendo participar daquele grupo né. E é o Mestre que cuida daquele grupo, tanto que o respeito pelo Mestre é imenso. Até hoje né (Entrevista realizada no dia 09 de abril de 2024 com Mariangela Faggionato dos Santos).

Ainda em sua entrevista Mestre Esdras revela a vinculação do nome concebido à academia, Besouro Mangangá, à academia do Mestre responsável por sua formação enquanto professor de capoeira, bem como por seu encontro com Mestre Lobão, evidenciando em seu depoimento a valorização do apoio de Mestre Suassuna na formação da academia. Em suas palavras:

Eu falei pro pai, eu vou falar com o Suassuna para ver se ele concorda né. Ele falou, então vai falar com ele e já tinha falado. Aí eu cheguei “Suassuna, o pai quer montar uma academia e quer que eu de aula lá. Ele falou “vai Esdras, vai com o meu apoio, com a minha benção, se vai trabalhar lá”. Fomos os primeiros da Cordão de Ouro a montar uma academia [...] fui eu que dei o nome, eu dei Besouro Mangangá pra ficar próximo da Cordão de Ouro né, porque a do Suassuna já era Cordão de Ouro [...] o Besouro Mangangá é o Besouro Cordão de Ouro. É o mesmo nome dele. Ele era conhecido como Besouro Mangangá ou Besouro Cordão de Ouro (Entrevista realizada no dia 30 de março de 2024 com Esdras Magalhães dos Santos Filho).

Ponto de relevante observação nos relatos apresentados diz respeito a inexistência de representações sociais elaboradas quando da fundação da academia Besouro Mangangá enquanto local de resistência da cultura negra brasileira, destacando-se, no entanto, que ainda que em um contexto de consciência desta representação, não tenham os entrevistados informado sobre a preocupação à época de significação deste espaço neste contexto, desde a sua formação a academia contou com apenas Mestres Negros em sua liderança.

Desta forma, muito embora como dito por Mestre Lobão, conte a academia, sobretudo, nos dias de hoje, com um corpo de alunos majoritariamente brancos, sua reverência e respeito são dedicados a autoridade do espaço, representada pelo Mestre, este uma pessoa negra.

Importante ressaltar terem sido relatados atos de racismo praticados em detrimento de capoeiristas do grupo, evidenciando-se pelas falas que a presença do Tenente Esdras na organização e acompanhamento inicial da academia representava forte oposição a qualquer tipo de discriminação em face dos praticantes da capoeira na cidade, conforme se depreende do relato de Mestre Lobão (Entrevista realizada no dia 09 de abril de 2024 com Everaldo Bispo de Souza):

Uma coisa que aconteceu uma vez, a capoeira já tinha bastante tempo, acho que 1980 e alguma coisa, aqui nós fomos fazer uma apresentação, apresentação não, fizemos uma roda perto de um restaurante chamado Fino, ali perto da Nelson D'Ávila, e chegou um delegado, não sei se era (inaudível) embargou lá, aí queria prender um menino, aí nós chamamos o nosso guardião entendeu, Tenente Esdras.

Mestre Esdras e Professora Mariangela relataram situações de violências raciais explícitas vivenciadas na cidade por capoeirista do grupo, em ocasiões do cotidiano.

Os entrevistados ressaltaram a inobservância de discriminações raciais testemunhadas ou mesmo vivenciadas nos espaços da capoeira, o que reforça a narrativa apresentada por Mariangela, transcrita no início deste estudo, ao afirmar constituir-se a academia Besouro Mangangá quando de sua fundação, delimitação cronológica esta reforçada apenas para fins de vinculação a temporalidade proposta pela pesquisa, em um espaço democrático, em suas palavras: “Quem frequentava a academia? Todo mundo (Entrevista realizada no dia 09 de abril de 2024 com Mariangela Faggionato dos Santos).

No entanto, a dura e violenta realidade experienciada no cotidiano de pessoas negras na cidade, faz-se explícita nas palavras de Mestre Esdras ao narrar uma situação em que Mestre Lobão, na sua presença, fora impedido de ingressar em um clube do município: “Quando entrou, ele levantou da mesa com uma garrucha “que que esse preto tá fazendo aqui, sai daqui agora” (Entrevista realizada no dia 30 de março de 2024 com Esdras Magalhães dos Santos Filho).

As situações narradas por Mestre Esdras, revelam o racismo presente em São José dos Campos na década de 1970, cuja perversidade e violência, como hipótese, em razão da figura do denominado por Mestre Lobão, “guardião” dos capoeiristas da cidade, Tenente Esdras, não ecoou dentro do “templo” da capoeira, reverberando, no entanto, na rotina do negro em seu cotidiano, como elucidado pelas duras palavras de Mestre Lobão: “A gente vê o olhar” (Entrevista realizada no dia 09 de abril de 2024 com Everaldo Bispo de Souza).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ingressar na Academia Besouro Mangangá nos dias de hoje, estranhamente, sou tomada por uma sensação de familiaridade e acolhimento. Talvez pelo retrato de meu avô Mestre Damião junto com seu Mestre, o inesquecível, Bimba, pendurado no salão de treinos, talvez pela similaridade no trato com que os capoeiristas se apresentam, em minha memória me remontam aos domingos em família. Este espaço simbólico, revelou-me o significado das tradições e reverberação de um estar no mundo transmitido por gerações.

Navegando pelas narrativas apresentadas por aqueles que fizeram parte de um fragmento da história da capoeira no Brasil, qual seja, a sua inauguração na cidade de São José dos Campos, temos que as representações elaboradas sobre a prática, expressadas pelos sentimentos, interpretações, comportamentos e perspectivas reveladas pelos entrevistados, demonstram as singularidades de suas significações moldadas a partir das vivências e interações experienciadas nas diferentes trajetórias de vida, encontrando-se ainda elementos de convergência no que diz respeito aos princípios e valores compartilhados pelo grupo quando da fundação da academia Besouro Mangangá.

Desta forma, muito embora oriundas de uma experiência compartilhada, as representações sociais sobre a capoeira entre os capoeiristas presentes quando da inauguração da prática no município, encontram variações, conforme se depreende como exemplo das diferentes vivências e relatos descritivos do processo de assimilação dos capoeiristas homens e mulheres neste espaço.

Emociona-me constatar a significativa participação da Professora Mariangela na abertura dos espaços da capoeira para as mulheres da cidade, cuja representação simbólica fora, conforme relatado, ressignificada, através do contato e familiarização pela população joseense com a figura da “mulher capoeira”, promovidos pela prática e presença da Professora.

Através da minha experiência nos treinos de capoeira, da conquista de um apelido que me disse alguém no grupo, parte do todo, integrante, pude compreender a minha representação

social sobre este signo da capoeira, o “apelido”, o qual conforme verificado nas entrevistas realizadas encontra igualmente significados e objetivações diversas entre os capoeiristas.

Ademais, a partir dos relatos fornecidos pela Professora Mariangela, Mestre Esdras e Mestre Lobão, verifica-se que o processo de assimilação da capoeira pela população joesense encontrou ancoragem na vinculação deste espaço, direta ou indiretamente, ao CTA, referendado inclusive, conforme narrativas, por autoridades militares em pleno período ditatorial.

Cumprе ressaltar ainda a inegável constatação das representações sociais elaboradas sobre a figura do Mestre de capoeira, compartilhadas entre os entrevistados e identificadas, sobretudo, nos treinos realizados no ano de 2024 junto aos alunos do período da tarde da Associação Desportiva e Cultural Besouro Mangangá.

Autoridade máxima nos espaços e na roda, o Mestre é o pilar, entidade detentora dos saberes e conhecimentos sobre a capoeira, fundindo-se a sua figura à própria capoeira, como dito por Mestre Esdras, haverá tantas capoeiras quanto forem os seus Mestres, o que denota que as representações sociais encontram variações a partir da linguagem e valores transmitidos pelos diversos grupos de capoeira, a partir das orientações, princípios e valores acordados com os respectivos Mestres.

Outro elemento identificado pela pesquisa diz respeito a inexistência de representações sociais presentes entre os capoeiristas entrevistados no que diz respeito à concepção da academia, há época de sua inauguração, enquanto espaço de resistência da cultura negra, sendo certo que conforme narrado por Mestre Lobão em sua entrevista, esta ressignificação e resgate da história da capoeira a cada dia tem ganhado novos contornos em sua trajetória, ressaltando o entrevistado a importância da atuação de grupos e Mestres de capoeira na disseminação da informação e no combate ao racismo, destacando a necessidade de elucidação dos caminhos percorridos pela capoeira diretamente ligados à sobrevivência e resistência da população negra brasileira.

Ainda no que diz respeito a baixa adesão aos treinos ministrados na academia por pessoas negras, significativa hipótese levantada a partir da entrevista realizada com Mestre Lobão, diz respeito a valoração negativa de elementos da cultura negra, o que poderia ocasionar a negação de identificação por pessoas negras como forma ainda que inconsciente de autopreservação no corpo social, o que no caso de pessoas brancas não encontra correspondente atravessamento.

Inegável que a luta de Mestre Damião, referenciado por seu incansável esforço pela promoção e reconhecimento da capoeira, sobretudo, enquanto esporte nacional, bem como pela

preservação e abertura de espaços aos capoeiristas, não foi capaz de afastar o racismo cotidiano, evidenciado pelos relatos proferidos, sobretudo, por Mestre Esdras e Mestre Lobão.

A história da capoeira na cidade de São José dos Campos é um reflexo da complexidade da formação do Brasil, revelando as sobreposições e entrelaçamentos entre pessoas, orientações ideológicas e instituições tradicionalmente dicotômicas, no entanto, factualmente implicadas.

Mestre Damião ou ainda Tenente Esdras representou a personificação deste caldeirão chamado Brasil, negro, sergipano, filho de uma professora e de um pastor protestante, casado com Maria Fernandes, esta integrante da colônia italiana de Guaratinguetá, capoeirista por excelência, tenente da força aérea brasileira, advogado e porque não colocar mais um tempero nesta biografia, maçom.

Assim a capoeira a mim se apresentou, como uma confluência de significados e significações, próprias do que se estabeleceu em seu desenvolvimento ao longo da história, mas cujos desígnios de enfrentamento, resistência e sobrevivência sempre se fizeram presentes, manifestados através da doçura e da agressividade constituintes deste capoeira cujos ensinamentos e princípios, ressignificados por meio das representações sociais que foram se formando entre os professores, alunos e Mestre da Besouro Mangangá, em essência até hoje encontram-se presentes em seu “templo”, a capoeira. Talvez, como citado por Mestre Damião, tenha sido água que foi querendo coisa.

REFERÊNCIAS

- BERTONI, Luci Mara. GALINKIN, Ana Lúcia. **Teoria e Métodos em Representações Sociais**. Ilhéus, BA:EDITUS, 2017, pp. 101 -122. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/yjxdq/pdf/mororo-9788574554938-05.pdf>.
- BRANELLI, Rosely Palermo. OSTI, Andréia. SILVEIRA, Cristina Andrade Ferreira. **Representações Sociais – Aproximando Piaget e Moscovici**. Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas. Volume 5 Número 1 – Jan-Jul/2013. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/scheme/article/view/3176>.
- GONÇALVES, Ana Maria. **Um Defeito de Cor**. Rio de Janeiro: Editora Record Ltda, 2022.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 7ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.
- OLIVEIRA, Diogo Marinho. **Representações sociais sobre a capoeira no Brasil**. Joinville: 2012. Disponível em: https://www.univille.edu.br/account/mpcs/VirtualDisk.html/downloadDirect/1026877/Diogo_Marinho_de_Oliveira.PDF.
- PAPALI, Maria Aparecida. SOUZA, Adriane Aparecida Moreira. ZANETTI, Valéria. **Políticas de Desenvolvimento em São José dos Campos, SP: da cidade sanatorial à cidade tecnológica**. GeoTextos, vol. 11, n. 2, dezembro 2015. 107-129. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/13565/10292>.
- ROQUE, Zuleika Stefânia Sabino. **Jubileu de Ouro: associação desportiva e cultural Besouro Mangangá Capoeira Mestre Lobão**. São José dos Campos: Netebooks Editora, 2022.
- SANTOS, Esdras Magalhães dos. **Conversando Sobre a Capoeira...** São José dos Campos: Editoração, Fotolio e Impressão, 1996.
- SILVA, Francisco Pereira. **Itinerários da Capoeira**. Monsanto Editora Gráfica Ltda.
- SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A Negregada Instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994.
- SODRÉ, Muniz. **A Verdade Seduzida**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1988.
- VIANA, Cláudia. **Capoeira: de luta de negro a exercício de branco**. Ilhéus: Via Litterarum Editora, 2006.

APÊNDICE A – Entrevistas

Entrevistada: Esdras Magalhães dos Santos Filho

Data: 30 de março de 2024.

1 – Qual o seu nome?

Esdras Magalhães dos Santos Filho

2 – Qual a sua idade?

To com 70 anos, faço 71 em junho.

3 – Qual a sua declaração étnico-racial?

Sou negro.

4 – Você se identifica com qual gênero?

Masculino, sou homem.

5 – Como a capoeira foi apresentada na sua vida?

Desde pequeno né, meu pai é, era Mestre de capoeira, já falecido, Mestre Damião, nome dele é Esdras, Esdras pai né, Esdras Magalhães dos Santos. E desde pequeno, com 04 anos já me via dando “au”, dando “pinote”, cambalhota, fazendo essas brincadeiras todas com ele nos finais de semana. E depois mais tarde, com 08 anos, quando eu entrei na escola primária, ele começou a me ensinar é, movimentos de defesa, de ataque, briga mesmo da capoeira, para mim me defender. Como me defender na rua né, dos outros meninos, coisas desse tipo. E aí foi um aprendizado constante né, quase todo o final de semana que ele podia ele me ensinava alguma coisa diferente.

5 – A prática em grupo foi iniciada quando?

Em 1968, quando nós chegamos em São José dos Campos.

6 – Quem foi o seu Mestre?

Meu Mestre foi ele, Mestre Damião.

7 – Onde nasceu Mestre Damião?

Ele nasceu em Laranjeiras, é que Estado que é? Sergipe. Laranjeiras. Ele saiu de lá aos 6 anos, foi para Itabuna, Bahia. Foi criado em Itabuna, com seus 16, 17 anos foi estudar na Bahia para completar os ensinamentos dele. Aí conheceu o Bimba, a academia do Bimba e começou a praticar a Regional Baiana com o Bimba, mais ou menos em, final de 1945. Mas ele se formou em 1947, recebeu a medalhinha dele, o diploma dele de formado do Bimba.

8 – A capoeira ela tem tradições?

Tem, uma tradição muito antiga, ligado muito a cultura afro né.

9 – Quais foram as tradições que te foram passadas?

Na Regional Baiana, o Bimba tinha todo um, uma forma de ensinar a capoeira que foi transmitindo para os seus alunos. Agora, tem outras tradições que veio da Angola, tem a própria capoeira mais primitiva né, em São Paulo você teve a Tiririca, no Rio de Janeiro você tinha a Pernada Carioca, Sorocaba tinha a Pernada Carioca que era oriunda da Pernada do Rio. E por

outros Estados, por onde, teve, em muitos Estados teve a escravidão, e a capoeira nasceu nesse meio, ligado ao Candomblé, ligado a Samba, ligado a festividade, o Jongo e tudo o mais. E é um instrumento de defesa do negro africano, contra a escravidão, e por ser um ser marginalizado né, se defendia. A capoeira foi proibida no Brasil até se eu não me engano 1946. Todas as Constituições, a partir da primeira Constituição, Constituição da República, ela foi proibida. E perdurou a proibição até 1946, quando Getúlio Vargas tirou, pediu para tirar ou exigiu que tirasse, a capoeira, a proibição da capoeira da Constituição. Imagina, na Constituição ter a proibição da capoeira. Então uma coisa proibida né. Então foi muito perseguida. E essa capoeira mais primitiva, mas briga de rua, mais marginalizada, foi desaparecendo. O que sobreviveu foi essa capoeira mais lúdica né, o jogo da capoeira com o berimbau, com o jogo, e que tudo isso aí amortece ou esconde a luta né. Então você vê aquela presepada, brincadeira, pular pra cá, pular pra lá, dar pinote, dar rasteira, mas passa até ser, para quem vê de longe uma coisa inofensiva, uma brincadeira, que esconde uma luta perigosa.

10 - Qual foi a capoeira que foi ensinada pelo Mestre Damião para você?

Eu aprendi, eu descobri o seguinte, no final da vida dele, bem no final, quando ele estava lúcido ainda, ele tinha uma discussão com um Mestre da Bahia, Mestre Decânio, que escreveu dois livros sobre a capoeira, não lembro o nome dos livros, mas um sobre Bimba e um sobre Pastinha. Ta aí nas redes para quem quiser comprar ou adquirir o livro. E foi, professor do Mestre Damião no Dom Pedro II na Bahia e depois eles se reencontraram na academia do Bimba já, o Damião aprendiz e o Decânio já era aluno formado de Bimba. Ai essa amizade continuou e depois quando ele veio para São Paulo né, e se perdeu e esqueceu, depois quando ele retomou no final da vida, quando ele escreveu o livro dele, entrou em contato com os capoeiristas da época, vendo quem tava vivo quem não tava vivo para pegar testemunho, relembrar fatos e tudo o mais. E um deles que ele conversou foi o Decânio e os dois ficaram nesse período discutindo se é, meu pai pressionando o Decânio, para fazer um livro sobre aquele curso do Bimba, era um curso como se fosse, não digo um Mestrado da Capoeira, mas um curso de briga da capoeira, um curso de sobrevivência mesmo, ele tinha um nome, nem lembro o nome, um curso de especialização que o Bimba dava para os alunos formados. Esse acabou se perdendo também, acho que até uma certa época. O pai fez esse curso de especialização com ele, aprendeu. E ele tava falando para o Decânio “Decânio, põe no papel o curso de especialização que vocês fizeram, até a nossa época tinha e tudo mais”. E um empurrava para o outro. O Decânio empurrava para ele “põe você no livro”, não ta fazendo esse, faz o outro da especialização. E nenhum dos dois acabaram pondo né. Aí eu cobre o pai, ele tava um pouquinho mais avançado na época, “pai põe no papel, porque você não põe no papel esse livro aí e coisa e tal?”. Ele falou assim “eu vou deixar para vocês”, mas eu “mas a gente não sabe”, aí ele falou assim “e o que foi que eu te ensinei a vida toda?”, “o que eu te ensinava desde pequeno”. Esse negócio de põe um pouco de areia no bolso, por uma pedra no outro, não andar pelos cantos, andar sempre no meio da rua né, não andar debaixo da árvore, alguém em cima né, um desafeto. Então todas essas coisas aí tava no curso de especialização do Bimba. Ele fazia emboscada né, com os alunos. Coisa que é, para ver a reação do aluno. Ele tava sozinho no bar tomando uma cachaça, na época era cachaça mesmo né, cachaça e cerveja, batendo papo, e o Bimba mandava dois ou três ir lá provocar, quem não conhecia né, um mexer com ele, os outros dois entravam, para ver a reação dele, se ele se acovardava, se ele encarava, brigava com os caras, o que ele fazia né. Então coisas desse tipo né, ele fazia um monte de presepada, vamos dizer assim, com os alunos né. E ensinando, as vezes na academia né. Chegava, a luz não acendia, tirava o bocal, e o cara ficava no escuro, ai ouvia barulho “pega ele, assalto e coisa e tal”, para ver como o aluno, o pessoal da especialização né, o cara que já tava formado né por ele. E ai dependia muito da turma. Com o tempo isso aí desapareceu né, acabou sumiu, não sei até que turma foi, mas na época dele foi. Então e como se portar diante do adversário né, ele

me ensinou que você ganha a briga quando você convence o adversário a não brigar com você, ele falou que essa é a melhor defesa, é não brigar. Com você o cara, você não quer brigar, ele não vai brigar, você não vai brigar e acabou a coisa. Agora, se precisar brigar, ele já tá convencido que não vai brigar, aí você bate nele. Então, essas coisinhas assim que ele foi me ensinando, ele falou assim “te ensinei isso a vida toda, então você tem autoridade para isso”. “Se você não quis por né pai, o Decânio não quis por, eu que vou por?”. Mas são esses ensinamentos que ele me ensinou desde moleque né.

11 - É uma capoeira que vai para além da roda? Capoeira que vai para a vida?

É, a capoeira é coisa para a vida toda né, o ser capoeira né.

12 - Quem foi o responsável pela idealização da Besouro Mangangá?

Olha ela nasceu até quase que em decorrência do treino lá no ITA né, que nasceu dos treinos que a gente fazia não todo o final de semana, mas a partir de 1968 quando ele tinha tempo, no começo foi mais constante, depois foi ficando mais rarefeito. A gente ia pra quadra de esporte lá no CTA e ele começou a me ensinar a sequência da capoeira. Até então eu aprendia, sabia já todos os pontapés da capoeira, dar cabeçada, dar rasteira. Eu tomei a primeira rasteira dele com 08 anos de idade, e foi o ano que eu dei a primeira rasteira em um moleque da escola. Aí ele foi chamado lá pela diretoria, para conversar com a diretora. Ele chegou na escola e perguntou “Com quem que você brigou?”, aí eu falei foi aquele menino lá, ele falou “então fala para a sua professora que eu vim aqui e fui embora”, porque o moleque era maior que eu, mais fortinho né, eu dei uma rasteira nele e ele que esta se vitimizando né, (inaudível) “muito bem”. Então ele ensinava essas coisas, dar cabeçadas, se defender de um soco, a benção, ponteira. Essas coisas que um moleque que tá começando a vida, com 08, 09 anos, é tudo o que ele quer saber. Como se defender, como brigar. Ele sempre ensinava a não procurar briga né, não mexer com os outros, era mais para se defender ele falava. Mas isso te dava assim, uma confiança, no seu se portar na vida, se portar em qualquer situação, você tinha certeza que você sabia. Nessa época aí eu usei, usei até morar, até 1966, ainda usava um pouquinho de areia, terra no bolso. Não sabia sair, de vez em quando eu punha um pouco, nunca se sabe o que vai acontecer né. Aí você põe a mão no bolso como quem não quer nada, tira a areia e joga no olho do cara, já ganhou a briga né. Aí você faz o que você quiser. Ele me ensinou isso desde de moleque, imagina você com 08 anos tá aprendendo essas coisas né. Mas ele sempre falava “é pra se defender, não é pra atacar, para abusar, pra bater em ninguém”. Aí a partir de 1968 ele começou a ensinar o jogo de sequência do Bimba, que era todos aqueles movimentos que eu já sabia, dentro de uma lógica de treino. Então quase todo, e quando ele não ia eu ficava treinando sozinho na quadra né. Dando armada de um lado, dando armado do outro, cocorinha, negativa. E um dos, tinha aqueles alunos do ITA que frequentava a quadra de esportes, durante a semana e final de semana. E tinha gente do Brasil todo, tinha gente da Bahia, tinha gente do Rio, Maranhão, São Paulo. E tudo garoto novo né, com 18 anos, 19 anos, nessa época eu devia estar com 14 anos, 14 para 15 anos, por aí. E o pessoal via ele fazendo esses movimentos todos né e procuraram ele, porque eles tinham também, sabiam um pouquinho mais, tava dando aula, tentando ensinar a capoeira né, era um menino do Rio inclusive, não lembro o nome dele aqui agora. Aí ele topou, falou “vamos lá, vamos ver o treino de vocês”, aí me levou, era a noite né. Aí toda a terça e quinta a partir de 1969, não lembro se foi março, abril. Ele começou a ir lá né. Ele já era o Mestre, na hora que ele chegou já tinha conversado. Já chegou dando aula né. E eu já sabia a sequência de cor, já sabia fazer muitos movimentos né, então era uma espécie assim de (inaudível) nesse começo né. Aí eu fui treinando lá com os meninos, aprendendo também mais coisas com o pai. Aí acho que no final desse ano, foi no final de 1969 mesmo, ele decidiu fazer uma apresentação de capoeira. Primeiro o irmão dele que morava em São Paulo, que era o Martinho Lutero que treinou capoeira, foi da primeira turma de capoeira, que meu pai ele deu aula de capoeira na

academia do Kid Jofre, montou o primeiro grupo de capoeira Regional Bahiana aqui em 1949. Ele veio com o grupo do Bimba né, que já tava fazendo um monte de apresentação, isso tá no livro dele né, *Conversando Sobre Capoeira*. Aí no final, foi todo mundo embora, ele foi o único do grupo que ficou. E ficou com autorização do Bimba, quando o Bimba em São Paulo ainda, antes de ir pro Rio, o Bimba disse “vou embora”, levou metade do grupo, e ele falou “Mestre vou ficar para cá e gostaria de ensinar a Regional”. O Bimba disse para ele “você tá autorizado a ensinar a minha luta, você pode ensinar a Regional”. Então a partir daí, depois o grupo foi pro Rio, fez apresentações, lutou com o jiu-jítsu, depois lutou com grupo o Sinhozinho, pessoal se machucou muito, depois foi todo mundo embora. E ele decidiu ficar, porque ele já tinha um irmão aqui em São Paulo que era o Martinho Lutero, no Rio ele tinha um irmão já morando que era o Lísias. Ai ele falou, vou ficar pra cá. Aí ficou, sem emprego, sem nada, aí foi na academia do Kid Jofre, que ele já tinha ido logo que ele veio para cá para fazer a articulação dessa luta toda. Apresentaram pra ele o Kid Jofre que era o boxe e tudo o mais. Ai ele procurou o Kid Jofre e falou assim “não tenho lugar para treinar, mas queria montar, será que você e emprestava?”. Diz que o Kid Jofre adorava capoeira. O Eder Jofre, o livro do Eder Jofre, não sei se você já viu o livro da história dele, ele fala do pai, num dos trechos lá, ele fala que teve uma hora, ele ia sair na porrada com um cara, tava com dificuldade, garotão né, e ele falou “agora é na base do rabo de arraia que eu aprendi com o Damião”. Eu conheci o Eder Jofre aqui em São Paulo, visitei ele na Assembleia há muito tempo, antes dele morrer. Ai ele ficou e criou, Kid Jofre deu todo o respaldo para ele, ai ele na parte de cima da academia né, eu não lembro, tem o endereço dela, mas não lembro mais não, aqui em São Paulo, ali perto do Estação da Luiz. Ai ele montou um grupo de capoeira, que tinha acho se não me engano 6 ou 8 alunos, que chegaram a ser formar com ele, no treino, o treino de 6 meses, saíram todos jogando capoeira, pouquinho de capoeira né, porque capoeira você vai aprender a jogar depois de 2, 3 anos você vai estar bom no treino, vai sair jogando capoeira. Mas daí ele não tinha emprego, capoeira não dá dinheiro, assim, dar aula né. Ganha dinheiro se for apresentação, shows, esses negócios que o pessoal faz da um bom dinheiro. Mas viver só da capoeira é difícil. Ai ele viu um anúncio sobre um concurso para entrar na Aeronáutica, casa, comida, roupa, e um salário. Ai ele passou no concurso e entrou para a escola de especialista que era, começou aqui em São Paulo, onde era o museu do Imigrante. Atualmente é o museu do Imigrante eu acho, e lá era a escola. Ficava um ano lá, depois foi para Guará, e aí na turma dele ele ensinou capoeira né. Os alunos né. E tanto que o apelido dele nessa época em Guará era Bimba né. Pessoal chamava ele de Bimba, pessoal que foi da turma dele, da escola de especialização chamava ele de Bimba. Tanto é que tem um grupo de capoeira que montou em Guará, também de alunos do Suassuna, isso eu ouvi da boca deles né. Numa visita que eu fiz na academia deles, mas não lembro o nome deles. Você lembra? Eram dois irmãos, jogavam bem capoeira inclusive. Eu não lembro. Ponciano. Eles fizeram, os dois fizeram educação física em São Paulo, foram alunos do Suassuna, montaram a academia lá. Não sei se foi na época que eu tava fora da academia, tava aqui trabalhando em São Paulo. Ai eu fui com ele, não lembro o ano não, mas foi em 1984, 1983. Eu não sei o que que o pai foi fazer lá, mas foi fazer uma visita a eles, bater papo, e eu fui com ele. Levei ele de carro, já não dirigira mais. E fomos na academia do Ponciano, e ele contando né, ele falou “aqui tinha um caso aqui, ele tinha academia, coisa e tal, ai chega um dia um veinho aqui vendo, coisa e tal, e falou, eu treinei capoeira com o Mestre Bimba”. Ai os caras “po, se trinou capoeira com o Mestre Bimba”, “Mestre Bimba montou uma academia aqui em Guaratingueta”, eles não entendiam, mas como o Bimba montou, Bimba era da Bahia. Até ele entenderam que Mestre Damião tinha o apelido de Bimba quando morou em Guará. Toda a turma dele da escola de especialização chava ele de Guará. E lá teve um lance muito interessante quando ele tava na escola lá em Guará, que eles tinham aula de educação física. Eu falo porque eu conheci primeiro a pessoa, que era o Carlésimo né. E segundo o filho dele. Quem me contou a história foi o filho do Carlésimo que era aqui de São José dos Campos, e ele falou “você sabia

que o seu pai fez um nocaute no meu pai?”, e eu falei “não, não sabia não”. Ai ele contou a história, meu pai conta. Que ele era boxeador e dava treino de educação física para os garotos lá. Ele era mais velhão. E ele queria ensinar boxa para os rapazes. E perguntou “tem alguém aqui que sabe lutar”, ai “tem o moreninho aqui que é capoeirista”, coisa e tal. Ai ele para fazer gracinha, o que você acha “capoeira e box?” ele falou “sou mais a capoeira mesmo, capoeira é bem melhor que o boxe né”. Ai falou “então vem cá, vamos fazer uma luta”. E cum (inaudível) e você com. E disse que ele saiu para dar o primeiro movimento, tomou pontapé na cara, caiu desmaiado, ai acabou a festa para ele né. Ai eu perguntei para ele, num dos encontros, (inaudível), “ih, seu pai fez um nocaute no primeiro round, mal começou eu já cai desmaiado, acabou a festa pra mim né”. Ai a fama dele de capoeira pegou né, Bimba capoeirista, Bimba capoeirista. Eu só fui entender que o Bimba era outro personagem depois, quando tava já nessa idade, 13, 14 anos. Até então achava que ele era o Bimba, todo mundo chamava ele de Bimba né, nesse meio que a gente conhecia. Ele deu aula também em Brasília na televisão de capoeira né, ensinando o pessoal a fazer os movimentos esse negócio todo.

13 - Quando ele estava em São José dando aula para os alunos do ITA que surgiu a ideia de abrir a academia?

Aconteceu o seguinte, o irmão dele Martinho Lutero, um dia ligou para ele e falou “tem um, conheci uma pessoa aqui, ele ta jogando uma capoeira bonita, fui na escola dele conhecer, ele foi aluno do Bimba, joga muita capoeira”. Ai meu pai se interessou e quis vir. Ai pegou um dia, eu vim com ele, a gente veio de carro, acho que foi num sábado, porque todo sábado a tarde tinha roda de capoeira, ficava ali na rua das Palmeiras. Ai nós fomos lá. Ai chegamos lá, o Suassuna não estava, não sei a época, eu sei que ele estava na Bahia nessa época. Era na rua das Palmeiras, não lembro o número, mas Suassuna não tava, mas tinha roda né. Ai quem tava cuidando da academia nessa época que o Suassuna tava na Bahia, era o (inaudível) das Areias, que era um dos dele alunos mais antigos na capoeira, mais antigo não era, mas era o assim, que tava na ativa era um dos mais antigos. Tem outros mais antigos da época, Suassuna chegou acho que aqui em 1966. Isso foi em 1968, não 1969, começo de 1969, então Suassuna chegou em 1967. Ai ele montou um grupo em 1967, ficou. Ai depois montou a academia em 1968 com o sócio dele, que foi o, não lembro o nome, Brasília, foi o sócio dele. Tinha esse negócio numa quadra, já tinha gente treinando com ele desde 1967, ele o Brasília vieram juntos, eram do grupo do Canjiquinha, foi onde o Suassuna aprendeu capoeira na Bahia, em Itabuna né. Ai de Itabuna depois ele montou um grupo lá de capoeira, tinha uma academia e ele foi para a Bahia. Ai ele foi lá, tinha, ele jogada Angola, jogava Regional, aprendeu os dois. Ai ele foi indicado por alguém, para ir conhecer o Canjiquinha, que era um grande Mestre de capoeira. E lá ele conheceu o Brasília, e eles faziam muita apresentação. Suassuna aprendeu ali a ganhar dinheiro fazendo apresentação, Canjiquinha era um bom Mestre, além disso um bom cara de entretenimento né, de fazer essas coisas todas, eram um grande capoeirista. Eu o conheci. Ai eles vieram pra cá, mas viram rapidinho que, montar academia pra um não dava dinheiro, pra dois dava menos ainda, ai separaram. Suassuna entendeu rapidamente que esse negócio de dar aula também não tinha dinheiro. Então ele fazia esses shows na academia pra angariar aluno e começou a procurar apresentação, fazer show de capoeira, fazia na rua, fazia na academia, levava gente para ver, começou, deu certo, ele virou um “buta” de um showman, além de ser um grande capoeirista, uns dos melhores que eu conheci viu, muito bom. Qualquer capoeirista com ele daria ali um, enfrentaria qualquer capoeirista. Dai ele não tava lá, ai o pai conversou com o Almir e falou que ia levar o pessoal, convidar o Suassuna para fazer uma apresentação na semana da Asa, que ia ser acho que é no mês de agosto, se não me engano, outubro, conversou coisa e tal. Chegou na hora de começar a roda às 18 horas, Almir convidou ele para ficar lá, tocar berimbau coisa e tal, e ficamos lá. Ai na hora de jogar coisa e tal, Almir tentou chamar ele para jogar e ele falou “não, não, quem vai jogar é o meu moleque aqui”, “vai lá

jogar”. Ai eu fui para a roda, foi a primeira vez que entrei numa roda com outros capoeirista né, com berimbau. Porque antes não tinha nem berimbau para a gente. Era gingando e fazendo os movimentos né.

14 - Quando começou em São José no Ita ainda não tinha berimbau?

Não, não tinha berimbau não, a gente era só, gingava, aprendia defesa pessoal com a capoeira né, aprendia, tinha um treino que era chamado de treino com golpes ligado, que era para aprender a, porque a capoeira é o seguinte você não pode deixar o cara te agarrar ele falava. Então ele falava assim “você tem que aprender o desagarramento”. Então para cada movimento, o cara te abraçava você por trás, como é que você saia, pegava pela frente, pescoço, perna. Um monte de agarramento ele ensinava se, isso ele tava me ensinando já desde Brasília né, como você escapar de alguns agarramentos e depois como você contra-atacar. Então tinha isso e tinha a sequência de movimento que era feita. Depois a gente brincava um com o outro, sem berimbau. E ficava cada um dando um movimento, o outro saindo, brincando assim, mas não tinha musica não tinha nada. (inaudível) podia tentar agarrar outro pro outro se livrar, e a gente ficava brincando nisso aí. Isso aí até, e mesmo depois que o Suassuna teve lá em 1968, ai deu uma animada melhor no grupo, que viu. Então eu joguei lá com o Almir, com o pessoal deles lá, me sai bem no jogo né. Ai em acho que em outubro, isso deve ter sido em junho ou julho, Suassuna tava na Bahia deve ter sido julho. Ai fez o contato e levou o grupo do Suassuna e o nosso também se apresentou, no dia lá né, o nosso o joguinho de sequencia que a gente já sabia fazer. Foi no CTA no ginásio de esporte. Aí fez a apresentação lá. Aí foi aquele negócio bonito, cheio de gente o ginásio, primeira vez que viu a capoeira.

15 - Como foi a primeira vez que as pessoas de São José viram a capoeira?

Ai foi naquele coisa restrito ali. Ai nós continuamos treinando né, afluiu mais gente depois disso ai no grupo lá né, afluí até gente que era, pessoal que era do CTA mesmo afluí para lá. Então chegou a ter lá assim umas 30, 40 pessoas treinando lá com a gente, que era muita gente né. Ai no, então isso foi em 1969. Ai no começo de 1970, ele falou assim “filho, não quer aprender capoeira lá agora com o Suassuna? Eu já ensinei para você tudo o que eu podia para ensinar, mas agora eu acho bom, falei com o Suassuna para você treinar”. Então eu comecei a treinar com o Suassuna no começo de 1970, acho que já janeiro de 1970 eu fui para São Paulo e me matriculei lá com o Suassuna. Ai ficava sexta, ia sábado de manhã, treinava a tarde a noite tinha roda de capoeira, vinha capoeira de tudo quanto é canto de São Paulo, era roda livre, quem comandava era o Suassuna. Ai tava Mestre Limão, Joel, Silvestre, Brasília, todos esses astros da capoeira na época tavam tudo começando ali, e a academia do Suassuna virou um ponto de encontro do pessoal. Ai no outro dia de manhã, domingo, a gente ia jogar capoeira na praça da República e o ano de 1970 foi isso o tempo todo, ir pra lá todo o final de semana e treinava de manhã, treinava a tarde, a noite jogava e domingo de manhã ia jogar na praça. E ai no meio de 1970 ele parou com a aula, e falou assim “Eu não vou mais dar aula lá, eu quero que você assuma lá o grupo, fica lá como o meu contra mestre e eu vou só acompanhando vocês lá”. De vez em quando ele aparecia, depois foi ficando cada vez mais escasso, mas eu já tava, fui pegando muita “cancha” com o Suassuna também, me dava muito conselho, me ensinava muita coisa e fui aprendendo também com ele né, foi meu segundo Mestre. Ai acabei ficando sozinho no grupo, a partir de meados de 1970 dando aula, ai no final de 1970 ele falou pra mim o que que eu achava de a gente montar uma academia na cidade.

16 – Este primeiro grupo era composto por alunos do ITA?

Ou pessoal que morava no CTA né, filhos de militar, muita gente ali. Depois desse show que deu na quadra de esporte, todo mundo gostou, achou que pulava, fazia pontapé, fazia muita rasteira, ai o pessoal adorou e queria fazer também. Isso foi o ano de 1970, ai eu falei “tudo

bem pai, vamos montar então”. Ai ele falou “só não quero que você pare de estudar”, eu falei “tudo bem, eu dou aula meio período então. Ai ele falou “vê se não tem alguém lá, fala com o Suassuna, vê quem você pode trazer de lá para pegar o dia todo”. Ai fui lá conversar com o Suassuna, ai ele falou “Esdras, quem você acha que gostaria de levar?”, eu falei “qualquer um, para mim ta tudo bem”. Ele falou “não, mas escolhe alguém”. Ele falou “quem é que pode, quem não pode?”, falou quem eu sei que tá meio assim desempregado meio a toa é o Lobão, eu falei “então vai o Lobão, Lobão é do meio nosso também”, a gente tava tudo na mesma turma né. Então eu falei “eu falo com o Lobão”. Ai o Lobão topou, ai no começo de 1971 a gente montou a academia, não lembro se foi 1º de maio de 1971. Aí veio todo aquele pessoal de São Paulo que tava em torno do Suassuna, esses grandes Mestres, Limão veio, Silvestre veio, Brasília veio, quem mais, Suassuna, Silvestre, Paulo Limão, que eu me lembro, todos esses ai tiveram ai.

17 - Como foi em São José a articulação para abertura da academia? Teve alguma objeção por parte de alguma figura pública da cidade?

Não, que eu saiba não, não, não tinha nada. Que eu saiba assim, não teve nada de animosidade né, com a capoeira no começo. Aí fez aquela festa, muita gente foi, não cabia gente com a rodinha assim, muita gente lá presente né

18 – Tinha figura pública há época na cidade que foi na inauguração?

Aí já não me lembro, deve ter ido, deve ter ido, que o velho, o pai era muito articulado né, sempre foi. Mas eu não lembro não. Deve ter jornal da época lá que fale, mas eu não lembro.

19 – Você estava lá no dia da inauguração?

Pô se tava, era eu e o Lobão o principal né. Cortamos a fita lá de início da roda né.

20 – Quem foram as primeiras pessoas que se matricularam na Besouro Mangangá?

Aí é difícil lembrar. Tinha o, eu lembro assim dos alunos mais antigos, tinha o Corisco, depois parou, Corisco, deixa eu ver quem mais.

21- A maioria homem?

A maioria homem, logo em seguida a “mana” começou a treinar também com a gente. Ai depois começou a vim aos poucos, depois ficou bem mesclado viu, acho que assim uns 30, 40. Na academia do Suassuna quando eu treinei, quando eu comecei a treinar não tinha nenhuma mulher. Ai depois no ano de 1900 e meados de 1970, aí tinha duas meninas treinando, depois no final do ano tinham 03 treinando lá com a gente também, aprendendo né, que a gente encontrava lá. Mas era muito pouco mulher nessa época viu.

22- Os primeiros alunos da Besouro a maioria era negra ou branca?

A maioria pode se chamar negro, incluindo o pardo de negro né, acho que a maioria era pardo, negro. Branquelo, branquelo tinha pouco. O Corisco por exemplo era branquelão, grandão né, mas era um bom capoeirista. Mas a maioria era negro mesmo, pardo né. Não sei se o pardo sabe que ele é negro, então assim o cara é café com leite né.

23 – Depois que inaugurou, quanto tempo depois que os treinos começaram?

A já no outro dia, na segunda-feira. Isso foi num sábado, na segunda-feira já estávamos nós de porta aberta lá e aparecendo gente para treinar. E como tinha já uma boa divulgação no CTA né, também, a gente divulgou lá, muita gente veio, e aí veio. Tinha gente que vinha do CTA, gente ali do entorno da cidade. Que saiu no jornal né, bastante. Saiu aquela roda, aqueles caras dando pulo. Muita rasteira e tudo mais. O Álvaro Gonçalves era jornalista, amigo do pai. Chico

Triste, era jornalista também, divulgou muita coisa. Aí tinha muito aquele circuito da imprensa, ele tinha muito contato. Então saiu em tudo quanto é jornal. Tinha um outro que era o Bessa, que era dono do jornal Agora que era muito conhecido dele. Então todo jornal foi lá noticiou, fez manchete, então chamou a atenção. Então sempre teve uma fluência boa de aluno. Agora o preço era pequeno, porque não dá pra você cobrar caro né. Era, não tinha esse negócio de academia que tem hoje né. Era de escola de luta tinha no Tênis, judô, que eu não lembro o nome do rapaz que dava aula, tinha o Mamete, que tinha, que dava aula também em alguns locais. Mas ele tinha, ele era professor, ele aprendeu com uns caras bons, ele era professor também, dava aula de judô. De Karatê não tinha ninguém. E não tinha outra coisa. Só tinha judô e a capoeira chegou movimentando a cidade né. Ai depois começou, depois de uns 03, 04 meses a gente começou a fazer roda na praça né. Já tinha um pessoal jogando né, mais o pessoal do ITA, o pessoal ali tudo, começou a jogar capoeira. O berimbau atrai, pandeiro né. A gente começou a fazer apresentação na Afonso Pena, principalmente na Afonso Pena. Fizemos algumas naquela praça da Matriz, mas por causa da igreja a gente preferiu ficar mais na Afonso Pena. Aí quase todo domingo a gente de manhã começou a fazer roda lá, inventou a roda de capoeira, que atraía muita gente, distribuía panfleto. E aquilo foi dando um giro de aluno. Mas nunca deu dinheiro assim, a gente não ganhou dinheiro com aquilo né.

24 – O berimbau começou a ser inserido quando a academia abriu?

Não, quando eu comecei a treinar com o Suassuna, eu comecei a levar gravador, com musica lá para o pessoal para a gente fazer. Aliás, acho que era até uma vitrola com disco no começo e depois fita. Eu gravava, de disco, lá do som do Suassuna, e punha lá para o pessoal tocar. Comecei a levar o berimbau para os caras conhecer também. Isso ainda no ITA tá. Teve alguns que aprenderam alguma coisa, outros que não aprenderam nada. Mas a gente levava. E eu mesmo comecei a tocar berimbau pro pessoal gingar e jogar, não tinha pandeiro, só berimbau. Aprendi a tocar, já tinha aprendido com meu pai a tocar berimbau, depois no grupo do Suassuna, como eu sabia tocar, eu já entrei também na bateria, aí aprendi a tocar pandeiro, atabaque, todos os outros instrumentos. Mas tinha só o berimbau, tocava o berimbau. Aí quando montou o grupo da Besouro Mangangá, era berimbau, pandeiro e atabaque, mas isso aí o pessoal pega rápido. Tinha o Lobão que tocava bem também, eu tocava. Então quando eu tava no berimbau, o Lobão tava no pandeiro. Quando eu tava no pandeiro, o Lobão no berimbau. Atabaque, tum, tum, tum, tum, não tem muito segredo.

25 - Vocês dois que puxavam o treino no começo da academia?

É, nós dois.

26 - Tinha mulher matriculada na academia nessa época?

Eu não lembro assim das meninas da época. Talvez Lobão, não sei se Lobão tem esse arquivo, porque já faz muito tempo né. Mas teve uma época que teve muitas meninas lá viu. Não lembro que época foi, talvez 1972, 1973.

27 – Treinavam com vocês?

Treinavam ou comigo ou com o Lobão. Porque assim, eu ia de manhã, eu dava aula no CTA, tinha um grupo bom lá, e comecei a dar aula no CTA, eu dei aula lá em 1972 e 1973 se eu não me engano. De manhã eu dava aula na quadra, contratado pelo CTA eu dei aula lá pra garotada de manhã lá no CTA, era contratado do CTA. E dei um curso de capoeira para a polícia da Aeronáutica nessa época e animei aquela festa da semana da ASA desse ano, de 1972. Tinha muita gente, e muita gente conheceu, aumentou o número de circulação na Besouro Mangangá depois disso. Porque veio escola de toda a região da cidade, despejavam gente lá, era convidado né, tinha uma escala né. Ali assim era 30, 40, 50 crianças que nunca tinha visto na vida. Aí fazia aquela roda né, mostrava o berimbau, mostrava os movimentos, já tinha uns garotos lá que

treinavam também, cada um puxava um, aí saiu muita gente dali que se envolveu com a capoeira depois, foi na academia. Mas isso já foi 1972, 1973.

28 – Começou com você e Lobão puxando os treinos, vocês já eram Mestres?

Já. Formados do Suassuna. Fomos formados do Suassuna de 1970, eu e Lobão. Primeira turma de formandos do Suassuna.

29 - Só tinham vocês dois puxando, quando começaram outros professores na Besouro?

Bem mais tarde, bem mais tarde. Acho que depois que eu parei de ir lá, ainda bem mais tarde. O que aconteceu foi que, aconteceu isso com muitas academias, principalmente aqui no Sul né, nó Sul e outras regiões. Na Bahia tinha aquela, o Mestre era Pastinha, era Pastinha, era Bimba, era Bimba, outros lá ficavam 10 anos com o Bimba, 10 anos o Mestre era o Bimba né. Aqui no Sul o cara aprendeu, acho que a primeira academia do grupo do Suassuna, quem montou fomos nós, aí depois foi uma febre dos alunos dele formando, alguns querer montar academia. Aí todos que se formavam já queriam montar a academia. Isso cria um problema para Mestre, porque era um concorrente. O Suassuna aprendeu a administrar isso rapidamente. Ele foi um dos primeiros franchisings aqui no Brasil, sem saber que era franchising. Ele falou para os alunos, põe a sua academia, não monta não, monta a Cordão de Ouro pra você, não vai gastar nada e você me dá 30 % ou meio a meio comigo né. Então ele montava no começo, aí uns dão certo outros não, tinha aquelas histórias de tudo né. Tudo isso a gente não, você não podia impedir o cara que aprendeu de ensinar. Eu falei pro pai, eu vou falar com o Suassuna para ver se ele concorda né. Ele falou, então vai falar com ele e já tinha falado. Aí eu cheguei “Suassuna, o pai quer montar uma academia e quer que eu de aula lá. Ele falou “vai Esdras, vai com o meu apoio, com a minha benção, se vai trabalhar lá”. Fomos os primeiros da Cordão de Ouro a montar uma academia. E também o Suassuna não tinha essa visão, e nem nós tínhamos nenhuma visão de né, o pai falou vamos montar, vamos montar, eu topo montar né, era uma coisa assim de embalo, então, assim, subindo né na capoeira, tava voando, para lá e para cá, ele tava muito animado também né e eu concordei, o Lobão topou e a gente montou né. Mas assim falar que deu dinheiro, não dava pra um, para dois não dá. A gente não ganhou dinheiro. Dava pra ao Lobão se manter, eu também ganhava um dinheirinho, mas gastava tudo né.

30 - Vocês eram os Mestres da Besouro Mangangá, quem veio de professor depois?

Foi nós éramos os Mestres. Depois começou a ensinar, acho que o primeiro que começou a ensinar, como uma espécie de aluno formado. Eu não lembro quando formou a primeira turma, eu já não tava lá viu, eu já não tava mais. Mas o Corisco virou um contra mestre lá da academia. Deixa eu ver quem mais, eu acho que o Prego, Papagaio, que eu me lembro assim. O Zé Carlos. Agora cada um acabou montando, com exceção do Corisco né. O Corisco brigou lá com o Lobão e o Lobão brigou. Não sabia o que fazer né. Porque não tinha essa ideia de franquias né de franchising, e isso foi ocorrendo. Quer dizer, a partir da década de 1970, você pega aquele grupo lá do Rio, não o Abadá o Senzala. O Senzala é um grupo que veio do Senhorzinho né, veio da tradição do Senhorzinho.

31 - Qual diferença entre Mestres e Professores?

Na época não tinha essa graduação. O cara era, era assim o cara treinava capoeira vários anos com o Mestre, quando o Mestre, pela dedicação dele, pelo estagio que ele ta, tudo o mais, o Mestre sempre pegava pessoas que pudessem ajudar ele no treino, ajudar ele na turma, que ele chamava de contra mestre. Esse seria o professor entendeu, que a gente chamava de professor aqui. Quando o Suassuna formou a primeira turma ele chamou todos de professor. Estão formados professor de capoeira. Professor é Mestre né. Mas na verdade teve que ser contra mestre. Mas, na graduação que ele chamou, ele chamou de professor os alunos formados. Isso em 1970, ele formou a primeira turma, final de 1970. Nos formamos como professor de capoeira

tá. Era uma turma de 10 ou 12, não lembro o nome de todos. Mas eram 10 ou 12, não tinha 15. Era entre 12, 10 ou 12 alunos dele que se formaram, o pessoal da primeira leva deles aí. Eu não lembro de todos os nomes, não vou falar porque se eu esquecer um é sacanagem né. Eu não lembro todos eles não. Mas, era, uns 10 é capaz de eu lembrar, mas todos eu não lembro não. Mas era a turma dele da década de 1970, uns até antes, anteriormente na década, 1969, 1968. Formaram todos eles professores.

32 - Quem dá a denominação de Mestre?

Olha eu não sei quem dá a denominação de Mestre né, até hoje não tem nada disso. O cara monta a academia e vira Mestre para os alunos dele né. Não tem nada que regule isso. Tem uma tal de Federação da Capoeira aí, que a grande maioria não aceita, não aceita essa Federação, tem a Confederação de Capoeira, que é uma criação bem retardatória né. Tentou, mas, um trabalhou que não uniu, que não deu certo. Eles tentaram organizar isso, quem é que vira Mestre, quem vira Contra Mestre, aí deve ter Mestre 1, Mestre 2, Mestre infinito, não sei como é que tá. A graduação, cordão e tudo mais. Eu não sei. No começo meu pai apoiou até essa.

33 - Quando você falou que a Besouro Mangangá foi a primeira academia que o Suassuna autorizou a ser aberta com alunos dele. Algumas outras foram abertas sem a benção do Mestre e viraram rivais, o que quer dizer essa rivalidade na Capoeira?

O mesmo aconteceu em São José dos Campos, se vê o Zé Carlos com o Lobão. O Lobão montou a academia dele, sem a benção do Lobão, sem pedir pro Lobão. Zé, o outro é o Prego. Montou academia também. Eu acho que o que tá mais próximo do Lobão, eu acho, seria o Papagaio, que também montou a academia dele. Mas esse processo natural, porque o individuo aprendeu a capoeira, ta dominando a capoeira, não tem grau de professor, até hoje ta esse negócio, cada um trata de um jeito né. Mas o que eu tava falando é que o Suassuna soube depois de algum tempo, porque ele também teve esse problema com vários alunos, a fazer aquele negócio da franquia, monta junto com o cara, monta junto com o Contra Mestre, então mantém o elo. Monta como Cordão de Ouro, ele continua sendo o Mestre e ele ganha uma porcentagem, uma parte do negócio. É, foi uma coisa que o Suassuna, ele sempre foi, ele aprendeu, na minha opinião, não posso afirmar com certeza, que ele precisa escrever o livro dele, até hoje não escreveu né, ele ta querendo escrever um livro, contar a história dele, várias vezes a gente já conversou sobre isso, mas nunca se animou. Antes que ele fique gagá e perca a história né, vai ficando cheia de lacuna. Mas ele enxergou, porque, ele sempre foi. Ele aprendeu, na minha opinião, pelo que eu conheço dele, ele aprendeu com o Canjiquinha, eu digo Canjiquinha, porque quando eu tive na Bahia com ele, eu achei que daqueles capoeiristas todos que tavam ganhando dinheiro, ganhavam dinheiro com apresentação de capoeira, fazendo espetáculo e tudo o mais, eu achei que o Canjiquinha era o melhor deles, assim em termo de showman, de se apresentar, de fazer coisa diferente e tudo o mais, também não vi tudo né, fui visitar alguns Mestres com eles. Mas tinha alguns pontos chaves. Tinha lá o barracão do Valdemar na Baixa do Sapateiro, não sei se ainda tem né, se tem não é mais com o Valdemar, deve ser com algum discípulo que ficou. Que ia, aí o pessoal levava para ir lá assistir a capoeira no barracão do Valdemar. Tinha lá na academia do Pastinha, levava a gente lá pra ver. E nisso aí o cara ganhava, mas ganhava pouco, o Mestre né. Pessoal ir lá ver a capoeira, chegou até, muitas vezes nem ganhava nada né, depois no começo, aí começaram a comercializar. Eu acho que, tinha o Caiçara também que fazia isso.

34 – E o que acontecia com essa rivalidade entre os grupos?

Se afastavam né, chegou a ter rivalidade assim, de um com o outro de não se falar mais, de perder a amizade né. E tudo por causa disso, de não saber o que fazer né. Porque você entra numa escola, você se forma, você tem a sua professora do primário, você nem lembra mais quem é, o que que ela tá fazendo da vida, agora ela te ensinou muita coisa né. Você pega um

curso técnico, você aprende lá com vários professores, depois você vai buscar seu lugar no mercado. Só, quando você busca no mercado, você tá concorrendo com o Mestre, quando você vai montar seu grupo, São Paulo tem muito espaço né. O cara vai montar no bairro dele, monta ali. Mas o fato, só o fato dele não pedir a benção para o Mestre, não ir conversar, falar pra ele o que ele tá querendo ensinar, o que ele acha e tudo o mais, eu acho que para o Mestre, o caro que ensina, eu nunca tive essa preocupação, nem essa, pra mim a capoeira nunca foi profissão, tanto é que eu fui buscar uma profissão pra mim, porque sabia que aquilo não dava dinheiro, gosto muito de capoeira, até hoje pratico faço alguns exercícios, mas não joga mais. Se você não joga mais, não adianta entra na roda, porque você não tem o reflexo, não tem, então nem dá pra jogar. Mas, brincar um pouquinho você brinca né, mas na roda com um amigo, qualquer coisinha. Mas ninguém soube lidar com esse negócio, que o indivíduo vai, vai, chega num nível, ele, se ele montar um grupo ele vira concorrente com você. Agora os Mestres não sabiam o que fazer, eles só foram aprender mais tarde e nesse aspecto eu acho que o Suassuna foi pioneiro. Tanto aqui em São Paulo, ele foi pioneiro, eu acho que ele aprendeu isso com o grupo do Canjiquinha, ele e o Brasília, os dois vieram pra cá pra ganhar dinheiro e com capoeira. Aprenderam essa coisa do espetáculo né, de fazer o pessoal pular pra cá, pular pra lá, porque isso que é bonito, ninguém quer ver uma roda dos caras batendo, porque aí vai ver MMA né, MMA na rua né. O cara quer ver rasteira, cair e levantar, já dar um pulo pro ar, aquela habilidade toda que o capoeirista adquiri treinando e jogando capoeira. O Suassuna conseguiu rapidamente a enxergar que é isso que dá dinheiro, e ele ganhou muito dinheiro, não posso dizer muito né, mas ganhou dinheiro mais com apresentação de capoeira, show, do que com academia. E os outros seguiram os passos dele aqui em São Paulo né. Todos os outros capoeiristas dessa leva antiga, o Brasília foi um que aprendeu a ganhar dinheiro com espetáculo, com apresentação e tudo o mais. Embora sejam grandes capoeiristas e treinaram e tem excelentes alunos formados por eles, que jogam capoeira, brigam capoeira, e também aprenderam a fazer o espetáculo da capoeira.

35 - Com relação aos Mestres como era feita a titulação dos Mestres na Besouro Mangangá?

Até onde eu fiquei na Besouro Mangangá até o ano de 1993, 1994 eu ia de vez em quando, 1995 eu não ia mais, até 1993 eu participei ativamente. Em 1994 eu fui fazer o curso de tráfego aéreo, estudava o dia todo e tinha que estudar a noite. Para poder acompanhar o curso. Então eu ia uma vez ou outra, fui parando de, naquela ideia de buscar uma profissão né. A minha ideia não era parar a capoeira, mas depois vim trabalhar em São Paulo, depois voltei pra São José, fui fazer faculdade, a faculdade a noite, a coisa foi levando para outros caminhos. No começo eu até queria fazer educação física, mas eu cheguei a conclusão, eu falei “educação física, eu não quero ser professor de educação física, eu quero jogar capoeira, eu gosto de praticar a capoeira né”, eu falei “então não é uma profissão boa para mim”. Aí fiquei, fui para esse negócio do tráfego aéreo e de lá falei “pô vou fazer engenharia né”, fui estudei, estudei para fazer engenharia, passei no vestibular, e fiz minha engenharia. E depois fui trabalhar como engenheiro né. Ai, já tava com família, uma série de coisa. Então já tava assim, com outro caminho. Mas nunca deixei de em casa fazer meus treinos de capoeira, manter contato, tocar berimbau né, em todo o local que eu fui que tinha academia de capoeira, eu procurei ir. Aprendi muito assim, só conhecendo outros capoeiristas também, vendo como os caras jogavam né. Aprendi bastante. Nunca perdi contato né. Mesmo aqui, todo o sábado tem um, dois grupinhos de capoeira no parque aqui perto. Eu sempre passo lá no grupinho faço exercício com eles, toco berimbau, canto um pouco, só não entro na roda, porque se você não está preparado para jogar, acontece duas coisas, você se machuca e você acaba machucando alguém, você machuca porque você faz um movimento que não está preparado pra fazer, vai distender um músculo, você cair, vai se machucar, ou você faz tudo devagar o cara acaba te machucando, ou você solta muito rápido o movimento e machuca a pessoa. Você não tem controle dos movimentos né,

nem dos reflexos. Você quer fazer o movimento, mas o corpo não acompanha, aí na próxima vez você faz com muita força para fazer o movimento e acaba machucando alguém. Eu acho que isso aí tá errado pra quem já jogou capoeira, conhece, tá fazendo essas bobagens né. Então eu só entraria numa roda se eu tiver preparado fisicamente, pra poder jogar capoeira então.

36 – Mas até o ano que você ficou na Besouro Mangangá, 1974, foram formados Mestres e Professores?

Não tinha essa coisa. Não, até essa época não. Eu acho que a gente distribui o primeiro cordão, cordão trançado. Que a gente adotou essa, o Suassuna adotou e todo mundo adotou, os cordões trançados né. A gente usava isso na academia. Então eu acho que até, eu acho que primeiro grupo de cordão trançado, se eu não me engano, foi ou 1984 ou 1985, eu já não me lembro. Mas 1983, até 1983 não tinha. Então, tinha eu e o Lobão como trançado, que era Contra Mestre né, cordão de Mestre mesmo o Lobão deve usar hoje.

37 – Qual é o cordão de Mestre?

É o branco. Eu parei de usar cordão faz tempo.

38 – Quem dá o cordão para o Mestre?

Hoje ele que põe o cordão.

39 – Não existe um batismo do Mestre?

Não, não.

40 – Nunca teve?

Tem uma graduação, que eu falei, pela Federação e Confederação Brasileira de Capoeira né. Então, eu tenho um diploma de Mestre da Confederação Brasileira de Capoeira, Lobão tem um também. Não sei o que ele fez com o dele. O meu eu nem sei onde é que tá, porque uma eu nem valoriza essa Confederação e Federação de Capoeira.

41 – Vocês faziam já os batizados sistematicamente?

O Suassuna adotou esse negócio dos cordões, que era cordão verde para principiante, depois era o cordão amarelo, depois o azul, depois o trançado.

42 – Quem trouxe essa graduação?

Isso aí surgiu depois que o Suassuna fez essa festa, essa graduação, se eu não me engano foi no final de 1972, que nós viramos alunos formados em capoeira. Em 1970 nós fomos graduados professor de capoeira. Aí continuamos treinando com ele, se eu não me engano, final de 1972, a primeira turma dele, eram 20 capoeiristas, pessoal de 1968, 1969, 1970, até os de 1970, que se formaram professores, ele deu uma graduação de aluno formado. Formado em capoeira, professor, você é Mestre né. Ele só não pôs Mestre por causa da briga, da ciúmeira dos outros Mestres, que era aquele pessoal, não era o mais antigo, era o que veio da Bahia, quase tudo na mesma época, Suassuna, Brasília, depois veio o, como chama ele Paulo Limão, Zé de Freitas já tava aqui, foi aluno de Caiçara, acho que foi de Caiçara. O Airton Onça, veio depois do Bimba, mas era formado do Bimba, não era Mestre, Mestre formado do Bimba, era formado do Suassuna, eu também sou Mestre. Ai veio Silvestre, quem mais, um gordão, forte, Gilvan, Joel e Gilvan. Valdemar da Paixão não, Valdemar da Paixão era lá da Bahia, tinha mais, que eu não lembro, eu acho que eram uns 08 ou talvez 10. Eram basicamente esses daqui, era o pessoal que tava sempre junto na praça né. Nós os considerávamos, chamávamos eles de Mestre também, mas jogava pau a pau com eles.

43 - O Mestre então na verdade, vem do reconhecimento do grupo?

É, veio do reconhecimento do grupo aqui em São Paulo. Porque eles não eram Mestres na Bahia. Se tornaram Mestre aqui em São Paulo e depois voltaram Mestre. Porque não tinha ninguém que graduasse lá.

44 – Conta a história da vinda do Bimba?

Quando o Bimba veio pra cá em 1972, aí os caras montaram, eu achei isso aí, não achei legal isso aí. Fizeram, o Bimba deu um diploma, um bando de Angoleiro receber diploma do Bimba, porque ele não sabia que era Angoleiro. Mas, ta aí gravando? (risos). Mas isso aconteceu. Então todo esse pessoal aí, foram 20 capoeiristas se eu não me engano, 20 capoeiristas, era dessa leva que chegou aqui nessa época aí com o Suassuna. Então tava lá quem, tinha o próprio Airton Onça, Suassuna, Joel, Gilvan, o Limão, quem mais, esse aqui que é da Vila Mariana, Pinati, quem mais, tem mais, Paulo Limão, Airton Onça eu já falei. Eram uns 10 ou 12, no final, de todos aí.

45 – Mas isso fazia parte desse processo de formalização que estava se buscando?

Não, não tem nada haver. O Bimba jamais poria o nome dele sabendo que o cara é Angoleiro. Cara, pelo amor de Deus. Ele jamais faria isso.

46 – De quem foi essa ideia?

Não, ai, a vinda dele pra cá né, era pra ele, uma homenagem a ele. Foi o Airton Onça que trouxe, o Suassuna, meu pai também ligou pro Bimba. E ele veio pra cá pra receber a homenagem dos capoeiristas que tavam aqui e tudo mais. O Onça era formado dele né, Airton Onça. Não sei se tinha mais gente, acho que só o Onça era formado dele desse pessoal todo. E o vô, mas o vô não tem diploma dele. O vô tem uma medalhinha dele, que ele dava uma medalhinha para aluno formado. O pai tem a dele até hoje, 1947, formado.

47 - O Bimba dava uma medalha para os alunos formados?

Era uma medalhinha, uma medalhinha só, tinha lá, formado, 1947. Eu não tenho, tem que ver o que tá escrito. Essa medalhinha acho que tá com o Duda lá né. Não sei tem que procurar depois aí. Ele dava uma medalhinha, ta formado. Mas isso depois do cara ta lá uns 02, 03 anos né. O pai entrou se eu não me engano em 1945, 1946, é se formou em 1947. Ainda ficou 1948 na academia, 1949, só se separou do grupo quando veio pra aqui. Então, ele não pediu nada de diploma, nem nada disso, nem tava preocupado com isso. Mas para esse pessoal que tava no ramo dando aula, era importante um negócio desse né. Agora tinha aluno do Caiçara, tinha aluno do Valdemar da Paixão, quem mais, Canjiquinha, Pastinha.

48 – Ele fez o que? Formou o pessoal? O Bimba?

Não, o Bimba formou todo esse, formou, ele deu um diploma de formando, isso que eu to falando, ele assinou o papel lá para todo mundo, nem sabia. Ele assinou. É isso que ele ta aí falando aí. Mas aí todo esse pessoal ganhou um diploma de Mestre Bimba e pôe lá na porta, na parede com o pá e coisa e tal.

49 - Não necessariamente foram alunos dele?

Não, a maioria não. Suassuna treinou com ele, mas não é formado dele, treinou com ele. Ele formado na capoeira da vida né. Treinou na cidade dele com bons capoeiristas, já jogava bem capoeira, depois foi pra Bahia, treinou um pouco lá com o Bimba. Já tinha treinado com aluno do Bimba lá em, ai tem a história dele que ele tem que contar né. Ai ele entrou pro grupo lá, pra ganhar dinheiro, porque não tinha, semianalfabeto, não tinha né, ele era escolado na vida, um cara muito rápido de raciocínio, bom de negócio, aprendeu a ganhar dinheiro.

50 - A Besouro Mangangá seguiu os ditames da Cordão de Ouro em São Paulo?

É nós seguimos, hoje em dia eu não sei. Porque o Lobão tem o voo solo. Hoje é o grupo do Lobão lá né, da Besouro Mangangá, mas que ta ligado ao Suassuna ainda né.

51 - Na época em que foi fundada? As graduações?

É, foi ligada, eu só não pus Cordão de Ouro, eu pus Besouro, fui eu que dei o nome, eu dei Besouro Mangangá pra ficar próximo da Cordão de Ouro né, porque a do Suassuna já era Cordão de Ouro, se fala assim “é porque que não põe Cordão de Ouro em vez de”, eu “então tá bom, você deixa, eu ponho Cordão de Ouro”, poria Cordão de Ouro, aí depois o pessoal só começou a por Cordão de Ouro quando ele sacou o negócio da franchising aí né.

52 - De onde veio Besouro Mangangá?

Não, o Besouro Mangangá é o Besouro Cordão de Ouro. É o mesmo nome dele. Ele era conhecido como Besouro Mangangá ou Besouro Cordão de Ouro.

53 – Você que resolveu mudar?

Eu pus Besouro Mangangá. Falei “Suassuna, vou por Besouro Mangangá”. Ele falou “ta bom”. Mas nem tava aí, ligado em negócio né. É que rapidinho quando começou esse negócio dos alunos formados querer montar seus grupos né, que ele não sabia lidar, e nenhum deles soube lidar com isso daí. Tanto é que a Besouro Mangangá também teve, é desfalcou, perdeu quadros né, ganhou inimizadas, por causa disso, de como lidar com esse negócio aí, do indivíduo que, pô, né, já ta formado, chegou no cordão de ouro, lá não tem graduação, pá, vira contra mestre, quer dizer, o cara chega uma hora que quer montar no bairro dele.

54 - No começo da academia, tinham algumas mulheres treinando, logo que ela iniciou os treinos?

Tinha mas eu não lembro, talvez a “mana” lembre, eu não lembro assim. Lembro de uma menina, mas tem, não lembro, tinha desde criança, adolescente, mulher mesmo assim acho que não tinha nenhum, tinha acho que uma ou duas só. Mas a maioria era jovem, adolescente ou criança.

55 – O perfil dos alunos lá em 1970, a maioria era?

A maioria era estudante viu, maioria estudante.

56 – Os códigos de linguagem entre os capoeira da Besouro Mangangá lá nos anos 1970?

Como assim códigos?

57 – Tinha gírias? Como eram as brincadeiras? Como era essa relação entre alunos, Professores e Mestres?

Era muito cordial, muito brincando, a gente punha apelido em todo mundo.

58 – Essa história dos apelidos na capoeira, vem da onde isso?

É, eu sou um dos poucos que não tem apelido né. O Lobão tentou por um apelido em mim, não colou. Na Cordão de Ouro todo mundo me chama, a vida toda eu sou tive apelido em casa né, primeiro lá na família da, na minha família né, desde criança tive um apelido, mas fora de casa todo mundo me chamava de Esdras, e mesmo na capoeira todo mundo me chamava de Esdras. O cara que entrava lá tinha um apelido. Então, o Edson Veneziani era Pedro Bala, quer dizer não sei se até hoje é Pedro Bala, é o apelido dele. Quem pôs foi o Lobão. Pedro Bala.

59 - É uma tradição na capoeira os apelidos?

É brincadeira, é tradição você por apelido, mas é uma brincadeira né. Do jeito da pessoa. Tô tentando lembrar outro, tinha o, o Décio era Décio, não sei se tinha apelido, tinha o Baite, Carlos Inácio, também tinha nome, a “mana” era “mana” mesmo, Mariangela. Deixa eu ver quem mais, tinha o, por exemplo, esse que faleceu agora recentemente lá, que era o, “tampinha”, “tampinha” morreu de, que que ele teve, ele teve uma doença aí, artéria esclerose, não lembro, uma doença rápida, ele é novo, bem mais novo que eu, faleceu agora há pouco tempo, então era “tampinha”, tem o primo dele era “dentinho”. Tinha os dois, os dois menininhos, que era, tinha o “gatão” que era o barbeiro da cidade lá, Geminal era o nome dele, já parou a barbearia dele agora há pouco tempo, fechou faz um ano dois anos a barbearia, nem sei se ficou para os filhos dele. O apelido dele era “gatão” não sei porque, alguém pôs aí no grupo. Os dois filhos dele a gente chamava de “nenê”. Os dois “nenê”, jogavam uma capoeira, hoje tão uns “buta” de uns negão, grandão, fortão, eu nunca vi, mas já vi fotos deles, faz tempo que eu não os vejo né. Depois tinha o “dez” e o “nove e meio” lá do CTA. Porque era “dez” e “nove e meio”, porque o pai deles era cabo e era cabo dez, “cadê o cabo dez”, aí quando chegou lá, chegou o primeiro, falei “ah, você é filho do dez? Do cabo dez? Então você vai ser “dez” aqui também né”, aí não “mas esse aqui é meu irmão”, então ele é o “nove e meio”. Ficou “dez” e “nove e meio” né. Corisco era loiro né, parecia um corisco, jogava bem capoeira, então ficou é o Corisco, desde que ele chegou lá virou Corisco. Tinha outro que era o “Codorninha”, vocês não conheceram. No começo lá o “Codorninha”.

60 - Os apelidos eram aceitos pra quem chegasse?

Ah o cara aceitava, tudo na brincadeira. O “Tinta Forte” é o Zé Carlos né, por causa de ser aquele negro bem retinto né, a gente deu o apelido pra ele “Tinta Forte”, “Tinta Forte” bem parrudo, era o Zé Carlos né, isso pegou, “Tinta Forte” né, até hoje pegou na capoeira. Deixa eu ver quem mais, isso são apelidos que eu lembro né, mas muitos deles tiveram apelido, que passaram.

61 - Nos anos 1970 como foi a assimilação na cidade de São José dos Campos com relação a figura do capoeira?

Foi bem assimilada, foi bem assimilada. Não tinha nada né. Em termos assim de esporte assim, você tinha, era basquete que era no Tênis né, Tênis Clube, e tinha na Associação Esportiva, tinha o futebol que era na Associação Esportiva, tinha o campo lá de esporte de São José dos Campos, e não tinha mais nada. Tinha judô, no CTA tinha judô, Mamedi dava aula lá, tinha outro rapaz que dava aula no Tênis que eu não lembro o nome dele. E era só isso, não tinha mais nada né.

62 – Você fala dos alunos que eram estudantes. Estudantes do ensino médio? Estudantes universitários?

Tinha a turma das 22 horas que era tudo o pessoal que saía da faculdade de direito, ia tudo lá pra academia pra treinar, era uns 10 ou 12, ficava lá até umas 23:30 e depois, desopilava. Tinha esse pessoal, da engenharia não lembro ninguém, tinha uns alunos da engenharia também, mas eles treinavam de dia, porque faziam o curso de engenharia acho que de dia e treinavam, não lembro o nome, eu lembro de um especial lá, como era o nome dele, não lembro o nome dele agora não, mas ele ficou um bom capoeirista também.

63 – O corpo de alunos naquela época então, a maioria era universitário?

Não, universitário não, estudante. Universitário não era a maioria não. A maioria era estudante que tava fazendo o ginásio, o colegial, poucos na faculdade.

64 – Pessoas que já estavam trabalhando, operários?

Tinha, tinha gente trabalhando, bastante. Aí esse pessoal é o pessoal da noite né. Bastante gente a noite. Pessoal, tinha um pessoal de manhã, era pouca gente, mas tinha o pessoal da manhã, normalmente era criança, adulto não, mas pessoa que tinha o horário livre de manhã. Depois tinha a tarde, pessoalzinho que treinava também. Depois a partir das 18 horas que lotava a academia né. Sessão das 20:00 que era bastante gente, aí ia até as 20:00, 21:00, 22:00, aí vinha o pessoal das 22:00, normalmente era o pessoal de faculdade, saia da faculdade e ia lá fazer um pouco da capoeira.

65 – A interação entre Professores, alunos e Mestres, fora da academia havia esta interação?

Havia, a maioria havia. Porque quase todo sábado a gente fazia sambão na praça ou em algum boteco, se reunia para fazer roda de capoeira. Não digo todo domingo ou todo sábado, mas vira e mexe, pelo menos duas vezes por mês tinha, porque também vinha quando tinha show, Suassuna vinha, as vezes em outra cidade, porque era convidado, saia para fazer apresentação, levava o nosso pessoal, mas tando lá normalmente a gente fazia roda de capoeira aos domingos, eventualmente aos sábados, normalmente domingo de manhã, ia pra praça Afonso Pena ou outra praça, fizemos, a Afonso Pena era onde mais fazia né, era a praça que a gente escolheu, fazia capoeira lá, começava sei lá 09 horas, 10h30, acabava meio dia, meio dia e pouco, fazia também naquela praça do sapo também, fazia roda ali, a gente nunca fez na praça da matriz viu, acho que é por causa da igreja lá, para não criar problema lá com o pessoal de domingo né.

66 - Na sua percepção, nessas interações com a população da cidade, tinha diferença no tratamento dos integrantes do grupo por conta da cor?

Não, com o grupo não. Nós tivemos dois casos de racismo, mas foi com o Lobão. Talvez três, o terceiro eu já não me lembro como é que foi. Um foi no, esse que eu te falei que o cara lá quase deu um tiro no, na gente lá, que era, foi na Associação Esportiva, mas era, sabe onde tem aquela Associação lá no Centro, tem um negócio de dar baile e tudo o mais, nós ficamos sócios lá, eu e o Lobão. Aí teve um dia lá que o Lobão foi entrar e o cara não deixou entrar. Era de dia, não sei porque que a gente ia entrar lá, ou fomos lá regularizar a situação dele, que ele falou que não podia entrar, coisa e tal. Ai a gente não sabia porque, fomos lá falar, “ah porque está atrasada a mensalidade, ta isso”, “não tudo em dia, paguei tudo direitinho”. Ai foi eu, Lobão, Edson Veneziani, Capota, eu não sei se tinha mais alguém, se tinha mais alguém junto era o “Cri”, eu acho, mas não lembro. Eu tenho que tava eu, Pedro Bala, Cri, era o Cri, Cri não, Cri não tava, Capota. Capota, Pedro Bala, eu, tinham mais um. Eu acho que era o Cri, Cri é apelido, eu não lembro o nome dele viu, o Cri. Eu tenho contato com ele, mas chamo de Cri até hoje. Ai tinha os dois Cri Cri que eu não lembro quem que era os dois Cri Cri viu, não lembro quem que era os dois Cri Cri, eram dois geminhos, os dois nenê do Germinando, eram os dois nenê, o dez e o nove e meia eram irmãos, depois tinham os dois Cri Cri que eu não lembro quem que eram, enchiam o saco. Eu sei que ai nós fomos lá, e o cara falou “não, tem que falar com o seu Toti”, Toti era o diretor administrativo, um dos fundadores lá, ele ta ali, eles tão carta lá nos fundos. Ai fomos entrar lá, entramos lá nós quatro, nós quatro entramos lá, Pedro Bala conhecia o Toti né, “não vamos lá falar com o Toti” abriu e fomos entrando lá, ah e o Lobão tava junto. Quando entrou, ele levantou da mesa com uma garrucha “que que esse preto tá fazendo aqui, sai daqui agora”. Eu falei “a gente não vai sair Lobão”, aconteça que a gente não sai daqui, ele olhou assim pra mim, o Pedro Bala que fez a mediação né. Eu dei um toque no Capota, tava do meu lado. Capota vai escorregando por aí, o outro acho que era o Cri, não tava, só o negão Lobão. Ele tava na direita, vai escorregando pra direita, que eu vou pela esquerda. Ele tem duas balas, ele tem duas balas na garruchinha né. E o Pedro Bala conversando com ele. Eu me esgueirando pela esquerda, o Capota, e o Lobão branco ali, porque ele tava apontando pro Lobão né. Aí começou “Toti sou amigo”, “não, não admito preto aqui, não sei o que”, “mas ele é sócio do

clube”, “não, desse clube não é sócio”. Aquelas putarias todas né. Aí fui me achegando, Capota pelo outro lado, se ele ameaçar atirar, pegar a distância, dava pra pular nele, Capota do outro lado, pular nele. Mas não era a ideia essa não né. Ai o Pedro Bala conseguiu convencer ele a baixar a garrucha, sentar lá, mas queria que o Lobão saísse de qualquer jeito.

67 - Você lembra em que ano foi isso?

Deve ter sido em 1972 viu, 1973, 1971 não foi, pode ter sido até 1971, final de 1971, não lembro, essas datas, nem sei se o Lobão lembra disso viu. Aí eu não sei como é que ficou o negócio lá, mas aí no final autorizaram lá o Lobão é, eu acho que frequentar lá aquele outro onde tinha futebol, coisa e tal, mas não deixaram lá no salão de baile, eu acho. Aí eu não sei como é que ficou, daí a gente conversou lá, no final assertou tudo, a gente, o Toti assinou lá o negócio que precisava assinar e a gente foi embora né. Mas você entra assim e o cara puxa uma garrucha, porra. Levei um susto né.

68 - Além dessa lembrança, tem mais alguma que você lembra de diferenciação no grupo?

Foi impedido de entrar no Tênis Clube também viu. Aí ele não entrou aquele dia, porque não deu pra entrar. Aí a gente foi conversar com a direção do clube também.

69 – Quem foi barrado?

Lobão. Entrar no Tênis Clube.

70 – Vocês iam se apresentar?

Não, entrar pro baile lá em festa. O cara da portaria não deixou.

71 – Enquanto capoeiristas para apresentação pela cidade?

Não, foi por causa da cor. Não, não, isso nunca teve. Teve problema só em Minas, mas foi para entrar, como é que diz, no baile lá de carnaval né, na apresentação não teve não. Mas também foi com o Lobão, o estatuto do clube não permitia a entrada de preto.

72 - Isso em que ano?

Em 1972 ou 1973. Não foi muito longe dessas datas não viu.

73 – Como era feita a divulgação da capoeira nos anos 1970 lá em São José dos Campos pela Besouro Mangangá?

Nós fazíamos panfleto né, panfleto pequeno, tinha essas rodas que a gente fazia dia de domingo na praça, juntava gente, distribuía.

74 - Todos os alunos participavam dessas rodas de divulgação?

Todos que quisessem ir né, convidava todo mundo. Agora entrava na roda só quem sabia jogar né. Se não ficava só cantando, não vai por o aluno que não sabe jogar numa roda publica né. Dentro da academia joga todo mundo, mas lá iam os que sabiam jogar né.

75 - Quem determinava quem entrava na roda ou não?

Eu e o Lobão. O pessoal que sabia. E mesmo assim quando chegava lá todo mundo já sabia quem jogava e quem não jogava. Quem não jogava fazia só o coro.

76 - Nessa época os treinos eram feitos com que frequência?

Tinha uma turma que fazia duas vezes por semana, e turma que fazia três vezes por semana, aí dependia, segunda, quarta e sexta, ou terça e quinta, ou pegava mais um dia, o pessoal que, mas a gente fazia divulgação na rádio, vira e mexe ou tava eu ou tava o Lobão no programa do

Álvaro Gonçalves, ou de algum radialista, sempre no horariorzinho no final da tarde, 18 horas né, as vezes pegava parte da manhã, eles recebiam bem, ai falava sobre a capoeira, era novidade, o que que era, convidava eles pro batismo né, foram no batismo muitos deles.

77 - Essa abertura de espaço, tanto da divulgação como de implementação da academia, na sua visão se deu por conta da figura do Mestre Damião enquanto militar na cidade?

Ah, aí eu não sei, pode ser que sim viu. Porque ele tinha uma boa penetração, porque era uma espécie de public relation né, do CTA com a cidade, mas, em outras cidades eu não vi problema né. Conversando com outros locais, por exemplo em Lorena o Suassuna, não montou, tinha um grupo lá em Lorena, que o Suassuna mandava aluno lá, de vez em quando, eu fui dar aula também, tinha gente, Taubaté também tinha um grupinho lá, não lembro quem é que ficou. E aí pelo Estado todo aí a capoeira teve uma penetração boa, primeiro porque é música né, o som é gostoso, roda de samba né, faz um sambinha também. Eu nunca vi discriminação com a capoeira, eu vi discriminação de cor, mas de capoeira não.

78 - Com relação aos valores ali da academia? Tinham valores em termos de conduta, como um capoeira se portar, como falar, como se relacionar, existiam valores presentes?

Acho que o principal era ensinar o pessoal, orientar a não brigar. Usar a capoeira para brigar ou pra fazer. Ela é um esporte né, para treinar, e no limite se defender. Mas não procurar fazer arruaça, brigar com ninguém, provocar só porque sabia a capoeira. Esse cuidado a gente tinha, e acredito que a maioria do pessoal que passou por ali, acho que ninguém fez nada assim que extrapolasse, na minha opinião, nunca deu problema com polícia, problema com jornal, rádio, que eu saiba nunca deu nenhum problema.

79 – O respeito ao Mestre, ao espaço, aos instrumentos, isso era transmitido nas aulas, nos treinos?

Isso sim, isso sim. Os caras tinham que começar o treino no horário né, tinha um horário para começar, encerrava num. Tinha um momento que acabava assim, quem já sabia jogar, que era da turma que ia entrar, podia entrar na roda dos que tavam terminando a roda. O cara chegava, turma das 18:00, ia começar as 18:00, então desde às 17:00, 17:30 tinha a roda. Aí o pessoal das 18:00 chegava mais cedo e entrava na roda, brincava e tudo mais, isso era permitido. Aí quando tava no treino, a não ser que ele entrasse para ajudar né, como um cara mais adiantado, podia entrar para ajudar alguém. Mas aí esperava terminar e entrava na sua hora e fazia o seu treino. No inicio era só eu e o Lobão que dávamos aula, depois começou a ter os alunos mais adiantados né, cordão azul, até cordão trançado, que começou a ajudar. A gente punha pra puxar a aula que era uma forma de treinar também né, preparar ele. Aí também tinha que ter todo o respeito, o que ele falasse era a regrinha né. A gente conversava muito sobre como tocar a aula, como ensinar o aluno né. Não tinha uma metodologia, tinha o treino que era ensinar, começava ensinando, fazia um aquecimento, aquecimento aquele normal né, aquecer a musculatura, é básico. E depois treinar os movimentos da capoeira né. E ai treinava com aquela sequência de movimento, primeira até a sexta, a partir da oitava, aí o aluno já começava a entrar na roda, ou fazendo a sequência que ele sabia ou diversificando devagarinho. E aí a coisa ia avançando, uma coisa que a gente chamava de esquete. Esquete era um, eu acho que todos os Mestres faziam isso né, mas na academia do Bimba, ele pegava e ensinava uma sequência específica de ataque e defesa né, que não tava na sequência de movimento. Então aprendia a dar meia lua de frente e uma armada né. Depois meia lua de compasso, defender com a cocorinha ou com a negativa né. Depois, o cara dá uma meia lua de compasso, você entra com a rasteira e fez o chapéu de couro e volta. Então o cara ficava treinando como fazer esse esquete. Aí quando o cara aprendia isso, aí na roda, qualquer movimento que o outro fazia, ele dava o chapéu de couro, podia dar fazendo rasteira, fazendo negativa né, aí aprendia a fazer a esquete com o

martelo voador, que é uma meia lua de compasso do outro lado né. Então você dava uma meia lua de compasso, o outro dava o martelo voador, o cara introduzia isso no jogo dele. Então ele aprendia a esquete, aí do jeito que ele ia usar isso na roda, ele usava como ele queria né. O cara dava uma meia lua de frente, ele dava, não tem nem sentido né, mas o cara pegava e dava um martelo de couro. Aí você falava, olha isso é bobagem, você tem que fazer nessa ordem, o Mestre chamava e orientava, quando era melhor pra ele dar aquele movimento né. E aí ia desenvolvendo né, esquete, várias esquetes.

80 - O que da capoeira você trouxe para a sua vida pessoal?

Eu trouxe muita coisa. Porque a capoeira tem uma coisa, ela entra no seu ser, e você passa ser o “ser capoeira”, não tem jeito. Por mais que eu queira, você joga capoeira numa discussão, toda aquela coisa que você aprendeu lá na capoeira, você faz a capoeira no discurso, faz numa festa. Qualquer lugar você ta sempre, você entra numa festa, mesmo que eu não queira, eu já tô olhando as rotas de fuga, mesmo que eu não. Eu vou lá, entrei assim, instintivamente eu já olho a rota de fuga, se tem janela, se ta baixa se é alta, por onde, qualquer confusão por onde eu saio. Isso aí é instintivo do capoeira. Qualquer lugar que você ta, você está sempre atento para ver como é que você, qualquer confusão. E o aprendizado maior, que eu aprendi com meu pai, é dissuadir a briga. Ninguém quer brigar. Aí o cara chega, nervoso “você fez isso”, “se eu fiz me desculpa, não é nada disso, sinto muito” coisa e tal, mas se o cara tentar te dar um soco você defende né. Enquanto estiver no palavreado, você amansar a coisa, porque vai brigar né. Então isso é um aprendizado. E o fato de você saber a capoeira, dominar, ter o domínio da capoeira, mesmo destreinado, te da segurança naquilo que você for fazer, isso que você ta fazendo, de dissuadir os outros, não quero machucar ninguém, não quero brigar com ninguém, então você vai sempre, porque que você vai brigar. Você tem a segurança de que você não ta com medo, você ta tranquilo e você também não quer brigar com a pessoa, então você vai dissuadir a pessoa da briga ta. Isso já aconteceu várias vezes, em várias situações o cara chega dando bronca e você chega calmo “ta bom, você tá com a razão, eu não sei o que que é”, “ah, mas foi isso e isso”, “então você me desculpa?”. Acabou, o cara vai embora. Isso é uma, assim, é até uma arma né, porque é uma forma de você lidar com a situação, em vez de partir para o confronto, vamos dissuadir, vamos parar com isso. Isso ajuda muito você tocar a vida em tudo, numa discussão as vezes, com uma pessoa, a toa as pessoas puxam o revolver, atiram no outro, bate, machuca, a troco, daquele momento cabeça quente né, depois acaba ficando amigo da pessoa né, “tava de cabeça quente, desculpa”, “ta desculpado”, vamos tocar o barco né.

81 – Na sua percepção, quais foram as mudanças mais significativas na capoeira desde a fundação da Besouro Mangangá até hoje?

Na Besouro Mangangá você fala?

82 – Na capoeira num geral, dos anos 1970 para cá, quais as mudanças mais significativas do que foi a capoeira para agora?

Olha, eu acho assim, eu enxergo três capoeiras assim, meu pai falava, Mestre Damião que, perguntavam pra ele “quantas capoeiras existem?”, tem Angola, tem Regional, tem tantas quantas forem os Mestres de capoeira. Pessoal critica o Mestre “ah, porque ele ta fazendo isso”, ele aprendeu e ele desenvolve. O Bimba não modificou lá a Angola, ele era Angoleiro e acabou montando a Regional dele, que é a capoeira Regional, também cresceu bastante e tem uma linha de trabalho. Dos angoleiros, cada um também tem as suas diferentes formas de ensinar o jogo, da tradição, e cada um ensina o que aprendeu, ou o que aprendeu mais a evolução que ele deu pra capoeira, que ele achou que podia acrescentar por um motivo ou outro. Então tá sempre surgindo novidade na capoeira. Eu vejo muita é, tem movimentos novos que tão surgindo. Na minha época já surgiram movimentos novos, por exemplo o movimento muito usado hoje em

dia, o parafuso, surgiu na década de 1970, surgiu na academia do Suassuna ta. O Suassuna foi o criador desse movimento “parafuso”. Deixa eu ver se tem outro que eu me lembro, que eu me lembre não. Agora hoje em dia tem, eu nem sei o nome, os caras dão uns nomes malucos aí (inaudível) e que funcionam né até, mas tem vários movimentos novos né. Não foge muito do, são movimentos bonitos. Acho que aumentou, isso acho que poderia falar assim, a capoeira rápida, cada vez ficou mais rápida e mais acrobática né dar pulo, saltos, nada contra hein. Falando assim, tem essa coisa aí do cara pular, dar muitos saltos. Naquela época já tinha isso né, mas era poucos saltos. Tinha o salto pra trás, salto pra frente, (inaudível) dobrado, pulo do macaco, que era um movimento, e tinha o parafuso né, que saiu na década de 1970, acho que 1972 mais ou menos, foi criado o parafuso, o movimento. Agora hoje tem até uns nomes aí que eu nem lembro, de vez em quando eu vejo na internet, o golpe tal e golpe tal, aí eu vejo o cara fazendo, acho bonito até, isso é (inaudível). Agora a capoeira ela vai sempre, ela é uma arte ainda em criação né. Mesmo na Angola, na Angola eu vejo, não é coisas que são novidades, são novidades porque eu nunca vi fazer né. Eu vejo os caras fazendo alguns movimentos na Angola é, diferentes daquilo que eu já tinha visto né. Tanto numa roda de capoeira que eu vejo, as vezes na internet, vendo algum jogo de capoeira, vejo algumas coisas diferentes. Mas é próprio da capoeira. Porque o Bimba modificou a Angola dele. Tem esse é, o Camisa, eu conheci ele como irmão do Camisa Roxa, na época a gente chamava de Camisinha, ele criou um grupo, montou um grupo chamado Abadá né. E ele não reinventou, dentro desse grupo dele, do Abadá, ele introduziu coisas da cabeça dele, coisas que ele viu, que ele aprendeu, que ele achou que tinha que colocar. Houve muita crítica em relação a ele, principalmente na Bahia, no grupo do Bimba. Mas eu acho que assim, que ele ta certo na minha opinião né, porque que tem que ficar (inaudível). É que nem a crítica que o Bimba recebia dos angoleiros na época né, “ah, o Bimba era Angoleiro, agora criou essa luta dele”, que é a luta regional baiana. Era luta regional baiana no começo né, depois ele pôs capoeira regional, pra ficar mais integrado com a capoeira, mas ela surgiu como luta regional baiana e depois virou capoeira regional. Já era uma capoeira mais em pé né, uma capoeira mais retilínea, não significa que é melhor ou pior do que a Angola, nada disso. Porque a Angola é muito bonita e muito eficiente também sob todos os aspectos. O Bimba desenvolveu, depois apareceu alunos dele também que conheciam defesa pessoal, isso ajudou a aprimorar. Foi a capoeira que eu aprendi né, com meu pai, foi essa capoeira que foi a regional baiana. Mas entrava em qualquer roda, jogava Angola, jogava Regional, capoeira pesada ou não, você jogava né, e dava conta do recado, e tinha agilidade, capoeira dá muita agilidade né, o corpo você. Agora, tem que aprender os fundamentos, cada vez mais viu. Os fundamentos da capoeira, é o básico dela, da capoeira, ai tem que, ai merece uma aula viu, tem que mostrar o que que é, quais são os movimentos fundamentais né. Como é que você lida com cada movimento. Você aprendendo isso aí, você consegue escapar de qualquer ataque e você consegue entrar no adversário.

83 - Da tradição que você aprendeu da capoeira, você acha que ela se preserva ainda hoje?

Preserva, só melhorou. Apareceu novos golpes. Se a pessoa pegou a base, o fundamento né, da capoeira, ele vai em frente sem nenhum problema. Na capoeira do Bimba, na da Angola eu não vi isso até hoje, pode ser que tenha, mas eu não vi. Eles tinham, mas ai eu acho que foi a introdução também do Bimba com influencia de outras lutas, meu pai nunca viu, ele falou que era da Regional, ele aprendeu, eu aprendi com o pai, e ele aprendeu na Regional. Que era é, na época dele, ele aprendeu um negócio chamado “golpes ligado”, que era agarramento, ele chamava agarramento. No Brasil tem uma luta, acho que duas ou três, pelo menos eu ouvi falar de duas tradição de luta de agarramento vinda dos indígenas, são lutas tipo aquela greco romana, e duas sem ser aquele “uka uga” que aquela é lá do Xingu, são dos índios aqui. Tem uma que é se eu não me engano marajoara e outra maranhense. A maranhense me parece que o nome dela é “atarracar”, atarracar duas pessoas se agarrando, isso é atarracar, é parecida com a greco

romana, e é daqui do Brasil dos índios (inaudível). Então não tem muita diferença se é romana, porque você vai fazer os agarramentos, ninguém vai fazer o agarramento de cabeça pra baixo né, vai fazer em pé, vai abraçar o outro, pegar o braço, vai fazer as mesmas coisas, é difícil inventar muita moda. E, tem uma outra que é a marajoara que é parecida também. Então, esses movimentos de agarramento né, que meu pai chamava de “golpes ligado”, ele ensinava como, não dar os golpes né, ele ensinava sair dos agarramentos. Então ele chamava de “golpes ligado” e eu treinei muito isso com ele, desde de pequeno, ele me ensinava “segurou você na mão assim, o que você faz, como é que você sai, como é que é isso”, ele chamava isso de desagarramento, e no treino isso era dado no treino dos “golpes ligado”. Ele ensinava, ensinava não, ele fazia, disse que na academia do Bimba eles treinavam o desagarramento, aí você precisa saber como é que o cara te agarra né, então agarrava o seu pescoço, assim, agarrava você por trás, o que que você faz, agarra pela frente.

84 – Muito ligado a uma sobrevivência urbana?

É, você se desvencilhar de um agarrão.

85 – A sequência da regional do Bimba que foi feito o Manual, a Especialização não passa por aqueles golpes?

Esse curso de especialização parou eu não sei em que época, mas o pai fez em 1947, os alunos da década de 1970, nenhum conhece isso. Então, tanto é que o pai “vamos por” o outro não quis por, porque não tinha uma sistematização, era o pessoal formado dele, que ele escolhia, aí ele ensinava um monte de truque.

86 – O Bimba não ensinava isso para todo mundo?

Não, mas não vai falar que eu disse isso não hein. Não, eu to falando que não, meu pai que falou isso aí. Para quem ele queria ensinar pô, aluno predileto, o pai foi um dos prediletos dele. Ele ensinava um monte de coisa, vai saber essas coisinhas bobas que eu to mostrando pra você? O cara segura por trás aqui, o cara a mais o que que eu faço. Qualquer um chega, segurou forte, “pum”, segurou forte, sai aqui.

Pra agarrar o cara o tinha que desagarrar, saber como sair, pra ver a reação do sujeito. Depois ele cobrava né “porque que você ficou apavorado, não sabe se defender? Esqueceu tudo na hora que precisa?”. Então você tem que saber essas coisas rápido. Se você treinou bem, aprendeu, é reflexo. Pra mim, pro cara me agarrar é difícil, mesmo qualquer luta, porque treinava muito desagarramento. E essas coisinhas bobas, você aprendeu dois, três aí, não é facinho? Alguém pegou no seu braço, sai. Pode estar apavorado, se você não lembrar de torcer o braço, ou outro, põe a mão aqui e abaixa, aí se você quiser dar um chute no saco dele, ou quiser, aí é problema seu, porque já se livrou do agarramento. Agora, se você ta agarrada ali, ta ferrada né. Fica gritando, pedindo pra sair, você ta.

87 – O que é a capoeira pra você?

A capoeira pra mim é a minha vida viu, a capoeira ela tem que ta dentro de você. Como eu falei, tudo isso aí que eu aprendi de capoeira pra mim só tem um problema, a idade, atrapalha um pouco, e o condicionamento físico, porque tudo isso aí ta em mim.

88 – O que é o capoeira pra você?

Capoeira é ser isso, é um estilo de vida. Ta sempre desconfiado, sempre olha de lado. É aquilo que te falei, se entra num lugar, o Lampião fala assim “lugar que só tem uma entrada e uma saída é cova”, sempre que eu chego num lugar eu fico procurando onde é que tá a outra saída, onde é que tá a saída, por aqui eu já sei que é entrada, ficar vendo se tem saída, antes de ir já fico preocupado, saber puta vou antes.

89 – Na roda é assim também?

Na roda também, porque na roda você tem que tá o tempo todo. Uma coisa que aconteceu na capoeira, na Angola menos, mas também ta acontecendo, na Regional mais. Que é o pessoal jogar muito afastado um do outro. Então isso aí, o pai que falava, a distância é um passo né, você tem que dar um passo pra pegar o cara. Agora o cara joga gingando, eu tô gingando, você ta aí eu tô gingando daqui ó, qualquer pontapé que eu dê, passa no vento, qualquer um que você dá passa no vento. Agora vamos jogar aqui em cima ó, ó altura do braço, tem jogo de braço, pessoal esqueceu como é que é, dar tapa, dar “pa”, “pa”, cotovelada. Então tudo isso ai sumiu, isso tudo a gente aprendeu, e eu jogo em cima, não jogo longe, o cara só no jogar perto você já desarma o cara, o cara que ta acostumado a jogar de longe, ele não sabe o que fazer.

O hino da capoeira pra mim eu aprendi como sendo o Iúna, que é o jogo de Mestre. Mas alguns falam que é Apanha a Laranja no Chao Tico Tico, que era o toque que se tocava e alguém jogava uma moeda ou um dobrão pro pessoal pegar com a boca e tocava Apanha a Laranja no Chao Tico Tico, que é assim ó. Esse é o Apanha a Laranja no Chao Tico Tico, tocando rápido né, tens uns que dizem que é esse. Agora o hino mesmo eu acho que é Iúna que é assim ó. Iúna é jogo de Mestre, na Regional, então, aí diz que na Angola também, mas é mais na Regional. Se dois Mestres entram na roda, você toca o Iúna, melhor você saber tocar. Porque se tiver um distorce, eles param xingam, e mandam tirar “põe alguém que sabe tocar o berimbau”, no ato viu. Como sendo Iúna o hino da capoeira, é jogo de Mestre. Você entra na roda, eu já fiz isso, você vai jogar na roda, eu tava já bem fora de forma já, isso foi em 1995, não, 1985, aí eu fui pra Brasília fazer um estágio de tráfego aéreo, fiquei lá uma semana, era pra ficar um mês, acabei não ficando e vindo embora. Aí eu vi academia do Mestre Tabosa. Tabosa foi do Senzala né, aí falei “puta se o cara foi do Senzala” vou entrar pra ver. Aí vi, tava treinando coisa e tal, aí fez a roda, eu pedi para ele para jogar “gostaria de jogar um pouco”, vou jogar. Aí já tinha visto o jogo dele, peguei o principal aluno dele, o mais bonzão né, esse ai que eu vou encarar para não ter mais dúvida né. Aí entrei na roda, já dei uns dois tombos no cara, o negão ficou branco, “pa”, “pa”, “pa”, aí brinquei, falei agora vou brincar um pouquinho né, se ele não me atacar eu não ataco ele, não faço nada né. Aí entra e saí, entra e saí, parou. Aí fomos pra perto do berimbau, aí o cara começou, toca o Iúna por favor. Aí já passou o sinal pro Tabosa, vamos jogar o Iúna né, que é um jogo só de beleza plástica, de entrar e sair, fazer que vai mas não vou, não é jogo de porrada, então os dois mestres mostram suas habilidades, foi muito bonito o jogo, puta o cara jogando, ver o Suassuna jogando também.

90 – Essa música só Mestre pode jogar?

Qualquer um joga em qualquer lugar, mas numa roda é só Mestre, quando toca Iúna é só Mestre que joga. Agora Mestre pode jogar o que ele quiser né. Normalmente, quando o cara vai entrar na roda e, não, ele pode entrar e jogar, se ele pedir o Iúna, ai tem que ser alguém que toque Iúna mesmo, porque esse toque é mais difícil.

Entrevistada: Everaldo Bispo de Souza

Data: 09 de abril de 2024

Meu nome Everaldo Bispo de Souza, Mestre Lobão, nascido em Itabuna Bahia, 1952, vou fazer 72 anos dia 07 de junho.

1 - Como a capoeira entrou na sua vida?

A minha capoeira entrou na minha vida, foi amor à primeira vista, quando eu vi o Luiz Medicina jogando capoeira, aí eu comecei a assistir no colégio lá em Itabuna, aí fui assistir varias, mas

eu tinha vergonha, eu não conhecia quase ninguém. Ai depois eu, tinha um amigo meu que treinava com um outro camarada, chamado Antônio Rodrigues. Eles treinavam numa garagemzinha, ninguém pagava nada. Aí eu fui lá treinar com eles. Quando eu cheguei lá o Antônio Rodrigues falou assim: “você veio treinar capoeira para esporte ou para brigar na rua?”. Eu falei não, eu vim treinar por esporte, porque ele já tinha me visto na rua eu com um berimbauzinho na mão, andando para lá e para cá dizendo que era capoeira, porque naquela época era muito famoso, pessoal falava que capoeirista batia em dez, batia em 15, acabava com festa e era a única coisa que a gente pobre tinha pra ver era a roda de capoeira. Aí me apaixonei pela capoeira. Comecei treinando com o Antônio Rodrigues.

2 – Você lembra quantos anos você tinha?

Eu tinha, sei lá, uns doze, quatorze anos eu acho, isso aí.

3 – Ali que você começou a treinar em grupo?

E aí eu comecei a treinar com o Antônio Rodrigues, até que um determinado, depois acho que de um ano mais ao menos, eu peguei amizade com o pessoal do Medicina, que o Medicina era muito melhor. Mas eu ia lá visitar. Até que um dia o Antônio Rodrigues descobriu que eu ia lá e cheguei na academia e ele me mandou embora.

4 – Tinha essa rivalidade entre os grupos?

Não tinha rivalidade, acho que era ciúme, era mais ciúme, não tinha rivalidade. Ai ciúme deu ir lá vir cá e ele mandou embora. Aí eu fiquei lá, eu queria ficar lá, aí fiquei lá com o Medicina treinando.

5 – E como foi essa iniciação na capoeira?

Foi legal, na verdade começou assim porque sempre teve essas brigas de bairro, e um determinado momento eu passando lá num bairro que tinha rivalidade com outro, pessoal sabe quem é quem, aí uma molecada me deu uns cascudos né. Me deu uns croques na cabeça. Aí eu fui treinar capoeira lá, era mais ou menos quatro que eu conhecia. Aí eu fui treinar capoeira por causa disso aí. Para me defender também. Aí cheguei até um dia encontrei com um, entrando no bairro da (inaudível), eu tava indo eu encontrei com ele na cabeceira de uma ponte. Aí rolou umas conversas, eu parti pra cima dele e dei um golpe, mas não pegou. Aí o cara falou “aí é capoeira, é capoeira” e ficou de longe lá, aquela lá vai não vai, não vai, aí separaram e não deu em nada entendeu. E aí depois também ficamos amigos depois. Aí eu comecei a treinar capoeira, aí comecei a gostar da capoeira, comecei a treinar.

6 - O fato de estar ligado a um grupo de capoeira já impunha certo respeito nas ruas?

Só de você fazer o movimento de capoeira, aí o cara já sabia que não era uma coisa normal, era uma coisa muito famosa na Bahia a capoeira. Então capoeira era um bicho perigoso né. Então já ficou de lá, o caro não entrou, aí eu também, ele não vinha eu também não ia, e ficou naquela lá e os caras “deixa pra lá, deixa pra lá” e acabou por aí.

7 – Ser visto como uma pessoa preparada para um confronto você acha que vem pela habilidade na luta ou no sentido de “não ando só”.

Não, no sentido da luta, de ser um cara forte. Porra agora sou respeitado né, agora eu tenho respeito. Não preciso sair brigando. Foi legal isso aí, que também deu força para eu continuar na capoeira e deu força também, que a gente as vezes tem mania de falar assim “o cara vem treinar capoeira, o cara vem pra brigar”, “não pega esse cara para treinar não, o cara vai arrumar confusão para a capoeira”. Mas eu acho que é o contrário, você tem que acolher esse cara,

porque no caminho, no meio do caminho ele vai perceber que ele é forte e que ele não vai precisar sair brigando e ele vai realmente treinar a arte, ele vai acabar se educando e educando mais pessoas para vir para a capoeira sem aquele intuito de brigar, porque também o brigar também, principalmente hoje é uma coisa perigosa, você bater numa pessoa, de repente você da uma queda numa pessoa, da um chute numa pessoa é uma coisa perigosa, antigamente não era tanto. Mas hoje é perigoso, se uma pessoa as vezes vai embora, ela volta com uma arma, ou ela te pega pela traição. Antigamente era faca, hoje ninguém usa mais faca pra cá. A galera já usa uma arma de fogo, então também é uma coisa perigosa hoje. Você saber, saber brigar, a hora certa, você tem que ter muita razão para brigar.

8 – Quem foi o seu Mestre?

Eu tive vários Mestres na capoeira. Meu primeiro Mestre foi Antônio Rodrigues, o cara que me iniciou. Depois eu, o Medicina, que é o cara que eu acho que é o maior capoeirista que eu tenho na minha mente, até hoje é vivo tá. O cara é incrível na capoeira. E depois mestre Suassuna, foi quem me formou como professor de capoeira e como Mestre de capoeira.

9 - Todos eles vêm da tradição da capoeira de Angola?

Não, o Antônio Rodrigues não era capoeira de Angola. Na verdade, não saberia nem definir que capoeira era a do Antônio Rodrigues. Porque não era Regional, não era Angola, era uma capoeira. O Medicina, diria que o Medicina é mais também pra capoeira hoje, uma contemporânea. O Suassuna também, nenhum era angoleiros não. Todos eram capoeiras que jogam, jogavam né, porque o Antônio Rodrigues já é falecido, mas os outros dois estão vivos. Jogavam o que viesse. Então eu considero eles assim capoeira. Muito além de ser um Angola ou Regional, eles eram assim, são capoeiras.

10 – O Antônio Rodrigues e o Medicina são de Itabuna?

São de Itabuna.

11 – Você sabe com quem eles se formaram?

Eu não sei, sinceramente eu não sei com quem o Medicina se formou. Foi uma boa pergunta, vou perguntar para ele. O Antônio Rodrigues também eu não sei a procedência dele. Eu sei que o Medicina é da linhagem do Suassuna, ele também treina com o Suassuna. Não sei se ele inicia a capoeira com o Suassuna. Mas ele também treina com muitas pessoas, treinou com Mestre Bimba, treinou com o Suassuna.

12 – O Suassuna também é de Itabuna?

(pergunta intervenção)

Suassuna é de Itabuna.

13 – Esse pessoal é o criador dessa capoeira contemporânea certo? Não tinha uma regional pura, não tinha uma regional pura?

(Pergunta intervenção)

Exatamente, não tinha esse lance só Regional só Angola. Tanto que antigamente a gente achava assim, vai ser os mesmos toques, tocava São Bento Grande de Angola e o que que era Regional para nós, era aquela capoeira acelerada, aí o que era Angola, tocado mais devagar se arrastando pelo chão, quando na verdade não era, depois, a gente veio saber a definição, porque a capoeira Angola era aquela capoeira diferente, mais cheia de manha, cheia de mandinga, de malícia entendeu. A Regional aquela coisa do Mestre Bimba, certinha aqui e tal. Mas aí, cria-se essa capoeira que vem, que sai tanto do Rio de Janeiro, que sai para São Paulo, uma capoeira que não foi treinada nem por Angoleiro e nem também por ninguém de Bimba, pessoas que

treinaram capoeira e que desenvolveram uma capoeira que você não diz é Regional, porque você vai ver porque exemplo, se você vai olhar para uma pessoa o Angoleiro vai dizer “ele é Regional”, o Regional vai dizer “ele não é Regional”, então é onde se vence a capoeira contemporânea que é um misto das duas entendeu. É Regional com movimentos de Angola e cria-se essa capoeira contemporânea que a galera chama hoje.

14 – Essa transformação que a capoeira foi tendo, na sua percepção quando foram esses marcos, daquilo que era uma capoeira que não tinha muito essa definição se era Angola ou Regional?

Eu acho que começa a partir do momento que os capoeiras vem, começam a sair da Bahia e vem para São Paulo. Na época de 1970 e alguma coisa, quando os capoeiristas saem para sobrevivência né, entendeu, eles saem para sobrevivência. Sai para o Rio de Janeiro, vem para São Paulo, e vem sobreviver e vai com essa capoeira. E tanto que você vai ver que por exemplo, os Angoleiros que não usam graduação, muitos usavam graduação. Mestre Pastinha usou graduação. Moraes usou graduação. Mestre Paulo dos Anjos que morou aqui em São José muito tempo, usou graduação. Então a capoeira tava nessa transição. Então, nessa época a capoeira tava.

15 – A gente sabe que a capoeira tem as suas tradições, os seus ensinamentos para além da luta, da dança. Dessa época, do treino em Itabuna até os dias de hoje, o que você poderia citar de tradições que foram incorporadas na sua trajetória, que você acha importante?

Olha, as tradições da capoeira elas se mantêm. Por exemplo, como uma coisa, o respeito a roda de capoeira, o não cruzar a roda, o não passar em frente de uma bateria entendeu, somente quando os Mestres estão tocando. Essas coisas elas sempre se mantêm. O respeito a arte. Elas se mantêm. E é uma das coisas que enriquece na capoeira, o canto, esperar a vez de jogar, isso é uma coisa que já vem de muito tempo entendeu. Não chegar na roda simplesmente cumprimentar e sair pro jogo. Isso é uma coisa que se mantêm na capoeira até hoje. Essa é uma das tradições entendeu. Cumprimentar o companheiro, cumprimentar no final. Eu digo para a galera se cumprimenta, como seja o jogo, seja violento seja tranquilo, terminou o jogo. Isso são as tradições que mantêm na capoeira. O cumprimento, o respeito ao companheiro dentro da roda. Essas tradições entendeu. Ao mais velho entendeu. Sempre o mais velho o primeiro. Ele é o primeiro a pegar no berimbau, a cantar, a sair pro jogo entendeu. Se tá num determinado local que vai comer, os mais velhos primeiro. Então essas coisas se mantêm, já tinha e tem que se manter e se mantêm na capoeira até hoje.

16 - Para além da roda esses ensinamentos reverberam na vida?

Exatamente. Isso é importante para a vida. Que a capoeira, para mim a capoeira é uma lição de vida. A minha, o pouco de educação que eu tenho, porque eu acho que tenho pouca educação, foi tudo baseado na capoeira. Eu aprendi através da capoeira tratando outras pessoas na capoeira, como tratar as pessoas, isso assim é muito importante, além da vida, isso é além da roda de capoeira, porque o capoeirista não é só aquele dentro da roda, que pá, que pula que joga. Ele é um capoeirista também além, ele tem que ser um capoeirista além da roda. Eu tenho um aluno que ele mora fora, ele é engenheiro. Ele falou assim. Trabalhava na Embraer. Ele falou assim, olha Mestre o que eu aplico na minha vida, dentro do campo do trabalho, com os funcionários é tudo baseado na capoeira que ele aprendeu. Então a capoeira é uma lição de vida.

17 – Quem foi o responsável pela concepção da Besouro Mangangá?

A gente treinava em São Paulo, sábado e domingo, isso em 1969 para 1970. E lá eu conheci o Tequinho, o Esdras filho né. Ai, a gente treinava e treinava, a gente treinava na rua das Palmeiras

em São Paulo. A gente se encontrava final de semana e aí houve a formatura em 24 de outubro de 1970, aí ele, em um determinado tempo, ele falou assim “o negão o que você tá fazendo, meu pai vai abrir uma academia pra mim, você não quer ir lá me ajudar?”. Eu tinha recém chegado em São Paulo, eu tava trabalhava aqui, trabalhava aqui, trabalhei numa empresa de estofado que faliu e não me pagou, trabalhei de borracharia também que não gostei, aí falei vamo bora. Aí fui. Aí vim pra cá com ele, pai dele tinha aberto a academia aqui na rua Paraibuna, 586 entendeu, aí vim com ele, vim pra cá. Fiquei por um tempo. A academia lotou no dia, tava na época da ditadura, me lembro que tava o brigadeiro Paulo Vitor, tava lá, foi cortar a fita. Jornal Agora, jornal Vale Paraibano, a segurança do brigadeiro tudo armado na porta da academia, no fundo da academia, academia lotada. Foi bonita a festa. Aí começamos a dar aula. É segunda, quarta e sexta. Eu me lembro que no primeiro mês nós tivemos 52 alunos. Eu acho que o Esdras não lembra disso. 52 alunos matriculados. E aí a capoeira pegou em São José. E a capoeira pegou em São José porque o Tenente Esdras todo o mês de outubro trazia na semana da asa, ele trazia os capoeiristas de São Paulo. Suassuna, Limão, Silvestre, outros capoeiristas, Belisco, ele trazia uma galera pra cá. Eu cheguei a vir também. E aí quando a capoeira vem pra São José ela já tem um nome, capoeira em São José. Ai ela, aí a academia “bau” bombou.

18 – Esse nome vem por essa iniciativa?

Besouro Mangangá, foi um nome, eu acho que quem deu o nome Besouro Mangangá foi o Esdras, Esdras Filho entendeu, ele que deu o nome Besouro Mangangá. Ele achou o nome. Porque era assim, hoje não. Hoje você tá, por exemplo você tá numa academia, num grupo quando você sai, você se forma capoeira, você já leva o nome. Por exemplo, sei lá. Da franquia. Ai todo mundo leva o nome. Isso começou na verdade quando o grupo Senzala ele se dissolve, era o grupo Senzala, Senzala, Senzala um grupo grande no rio, acho que em 1982, 1980 um negócio assim, nos anos 1980. Ele se dissolve e o Camisa funda o Abadá. No que o Camisa funda o Abadá “pau”, aí todos os grupos começam, aí todas as academias grandes que nem Cordão de Ouro e outras, funde, aí começam a crescer, fazer grupo também. A Cordão de Ouro foi uma que, cada um, quando a gente tava se formando a gente ficava assim “o negão que nome se vai colocar na sua academia?”, aí vou colocar Dois de Ouro, a sua “Santa Maria”, aí o Esdras acho que vou colocar Besouro Mangangá. Porque não tinha aquele negócio de sair com a franquia. Cada um tinha que sair, cada um arrumava seu nome, o Mestre continuava ali, o Mestre, mas cada um arrumava o seu nome. Hoje não. Hoje a pessoa sai, é Besouro Mangangá, vamos sair, todo mundo Besouro Mangangá, tal, é sei lá, é Dois de Ouro, todo mundo sai Dois de Ouro. Então naquela época não tinha isso, então todo mundo que saísse colocava o nome na sua academia. Hoje não, hoje a galera sai para fortalecer com o nome do grupo. Mas antigamente não era assim. Tanto que eu tava num país é, um tempo atrás, e o cara perguntou “porque você não é Cordão de Ouro?”, porque aí eu expliquei para ele como que era antigamente, cada um tinha, cada um saía com o seu nome. Eu acho que isso vai retornar entendeu, de cada um por o seu nome, eu acho que é legal. O Mestre não deixa de ser o Mestre da pessoa. Mas acho que isso é legal. É o mesmo capoeirista, exatamente, Cordão de Ouro é o Besouro Mangangá.

19 - Em São Paulo você chega em que ano?

Eu chego em São Paulo em 1969.

20 – Como você acha o grupo do Suassuna?

Porque quando eu saí de Itabuna, o Medicina falou assim “Vai treinar com o Suassuna, vai lá com o Suassuna”, e também era o capoeirista mais famoso. Mas independente disso já vinha porque eu conhecia o Suassuna lá no Medicina. Foi até uma história até legal, porque nos

sempre tivemos o Medicina como o Deus da capoeira, o Deus assim, maneira de jogar, nós nunca vimos o Medicina levar uma desvantagem de ninguém. Ele sempre, todo mundo que aparecia para jogar, ele não era um cara violento, mas ele sobressaía sobre todo mundo. Assim, ele era o top. Rapidez, equilíbrio, é o toque do berimbau. E aí um certo dia a gente ia treinar um domingo, aí falaram assim “Suassuna ta aí, Suassuna ta aí, Suassuna ta aí”, a molecada toda né. Eu falei assim “e Suassuna é bom?”. O Cara falou assim “Lógico Pelé” ele me chamava de Pelé, “ele é o Mestre do Medicina, e eu falei “sim rapaz, mas ele é bom?”, “mas lógico, é o Mestre do Medicina é bom”, aí eu falei “tá bom”. Aí fomos pra lá, domingo de manhã, me lembro. Aí chega o Suassuna, baixinho, todo rapidinho, explicando. Aí deu uma aula lá, falou, falou, falou né. Aí foi jogar com o Medicina. E o Medicina tinha mania de quando ele tinha, depois eu vim descobrir que ele era fã do Bruce Lee o Medicina, e quando ele encaixava o pé dava aqueles gritinhos, ele deu vários gritos, eu falei “Medicina é melhor, ele é Mestre do Medicina, mas o Medicina é melhor”. Então Medicina é um cara realmente era muito bom de capoeira, hoje não ele tem 70 acho que 73 anos por aí, mas um cara muito bom, muito com controle, treina muito, até hoje, não tem ninguém que acompanha ele no treino com 70 e tantos anos de idade. Treina muito, um cara que tem um controle muito bom de capoeira, para mim o maior capoeirista que eu já vi na minha vida, foi o Mestre Medicina. Então Medicina pra mim é como se diz, o cara.

21 – E aí você veio com a indicação?

(Pergunta intervenção)

Ai sabendo, vim treinar com o Suassuna. Mas a gente treinava. Mas na verdade a gente treinava mais é, a gente treinava mais entre a gente. Treinava mais sábado e domingo, treinava eu, treinava Caio, treinava Neci, treinava Freguesia, Esdras, tinha uma galera, Eli, Derval, tinha uma galera de uns 15 que a gente treinava final de semana. E até quando foi ter a formatura, 24 de outubro de 1970, eu era meio novo, a galera falou “não, não, vamos formar Lobão, formar Lobão”, Suassuna falou “ele é meio novo”, “vamos formar Lobão”, aí me formaram por pedido da galera, porque eu tava sempre com a galera treinando, era rapidinho. Mas aí eu vim me desenvolver mesmo quando eu vim pra cá. Tanto que eu não conseguia tocar e cantar, eu pegava, ficava na Paraibuna, eu me fechava na academia, tinha o disco de Bimba, Camafeu de Oxóssi, Caiçara, e eu me trancava, colocava a vitrolinha, pegava o berimbau e ficava tocando e cantando junto entendeu. Professor de capoeira, como professor de capoeira não toca. E não se exigia antes, para a gente treinar instrumento. E agora não, agora já o aluno já desde os primeiros meses, primeiro ano, a gente já manda ele tocar instrumento, já ir pegar ritmo, é importante.

22 – Esse apelido de Lobão, vem do grupo do Suassuna?

Esse apelido de Lobão vem de uma família, que quando eu, quando eu era pequeno, tem um lance, eu lendo um livro agora chamado, eu descobri o que eu era, um livro chamado é A Escravidão Pós Abolição, então era comum as pessoas chegarem na casa de uma família pobre, principalmente os pretinhos e fala assim “olha dona Maria, que menino bonitinho, deixa eu ir pra levar, ou esse menina, deixa eu ir pra levar pra casa, pra morar com a gente, eu dou escola, dou comida, dou roupa”. Era comum. Então o que era isso, isso nada mais era do que um escravozinho ou uma escrava, fazer o trabalho de casa, ir pra feira para comprar pão, para dar recado, era um escravozinho entendeu. E eu falei, caramba, eu fui nesse meio aí. Mas foi um pessoal que me colocou na escola para estudar, estudava de tarde, isso eu tenho consideração por eles. Até isso, eu acho que se não fosse eles, não saberia o que seria uma escola. Mas eles me colocaram na escola. E essa família é Lobão, sobrenome muito tradicional. Família de sobrenome Lobão na Bahia. E ai a galera começou a me chamar de Lobão. E eu não queria, não gostava. Os capoeirista “Lobão, Lobão”, e ai pegou o apelido e ficou Lobão. E é um apelido que eu trago de criança na Bahia. Todos os pretos eram Pelé.

23 – E essa história dos apelidos na capoeira, como que é isso? De onde vem na sua vivência?

Segundo os historiadores dos capoeiristas, o apelido sai de quando havia uma perseguição na capoeira e se deva, para a policia não achar o capoeirista, chamava por apelido. Diz que chegava numa comunidade procurando por exemplo quem é Gavião, quem é Lobão, aí se a pessoa falar não conheço esse cara, não sei quem é. Isso também era uma forma de bravura também. Ai eu não sei se isso é real, ou se o apelido é uma coisa que ficou tradicional na capoeira.

24 – Desde que você começou a pratica da capoeira em Itabuna, essa pratica do apelido já era presente?

Isso aí já existia, já existe, e fora do país também. Tem um, o pessoal as vezes faz evento, marca um dia só para dar apelido. Eu acho que o apelido acontece assim, num determinado furo, numa coisa, numa brincadeira acontece. Agora você parar e que apelido você da para essa pessoa, eu acho que uma coisa assim sem graça, você vai chamar cachorro louco, porque, tem cara de cachorro louco, o negócio não tem graça, acho que o apelido é legal quando ele acontece, vai acontecendo. Tem gente que não tem apelido na capoeira, mas tem gente que tem. Já tem gente que faz uma campanha contra apelido, o nome é o nome que os seus pais deram.

25 – Esse preparativo para a abertura da Besouro, quando você chega em São José já tinha sido organizado?

Já tinha, a academia já estava pronta. Eu só entrei. Eu chego para inauguração, no dia da inauguração, 16 de maio de 1971.

26 - Nesse período quando você chega ficou morando onde?

Eu fiquei morando na academia, fiquei morando na academia um tempo, depois, não lembro depois quanto tempo, o Tenente Esdras me leva para a cada dele. Ele tinha um quarto lá, aí eu fico lá um tempão, acho que fico com ele uns 04 anos. Ai depois eu alugo uma república, uma galera aqui na Vila Betânia, aí eu começo a levar a minha vida. Nesse período, nesse meio tempo eu conheci um pessoal de Araras, e eu ia terça, eu saía terça-feira de manhã cedo para Araras, dava aula em Araras a tarde, e a noite pegava um ônibus, o último ônibus que saia de Araras para São Paulo, chegava na rodoviária correndo que o último ônibus tava saído de São José para cá, 15 para meia noite. Vinha para cá e dava aula, ficava aqui quarta, quinta-feira de novo. Fiz isso aí um tempão. Foi com isso aí que eu comprei o meu primeiro carro, com esse dinheiro que eu juntava, dinheiro lá entendeu, aí pagava uma micharia no salão lá, e aí fiquei fazendo isso um tempão em Araras. Era um pessoal lá de Araras que eu conhecia, fez uma Besouro Mangangá lá, e fizemos vários eventos, Suassuna foi com o Airton Onça, com a galera, foi legal.

27 – Com relação aos primeiros alunos que você citou?

Eu me lembro do primeiro aluno, Nilton Carlos Blair, é vivo, a gente tem contato entendeu, tinha Dr. Paoli, nossa tinha muita gente.

28 – Esse grupo dos primeiros alunos, do que você se lembra, qual era o perfil desses alunos?

Estudantes, a maioria de classe média entendeu. Maioria branco, maioria branco.

29 – Os primeiros treinos depois da inauguração começaram logo na sequência?

Logo em sequência.

30 – Nesse primeiro grupo e os alunos que sucederam a maioria eram homens?

Maioria homem. Eu lembro que a Mariangela, sua mãe faz um grupo de mulheres, para ter mais mulheres. Treinavam separadas. Mas assim, gozado porque assim, faz-se um grupo de mulheres, né para mulher treinar com mulher, mas depois elas sentem a necessidade de se unir com os homens para um melhor desenvolvimento, legal, mas houve esse grupo.

31 – Professora mulher dando aula para mulheres?

Então as pessoas tem mais confiança, os pais né, os maridos, os namorados, treinar com mulher tudo bem. Depois quando a pessoa vê que não tem nada a ver né, se o ambiente é de respeito pode treinar com qualquer pessoa, mas tem aquele negócio, é mulher então pode ir, mulher que ta dando aula.

32 – Qual era a idade desses alunos?

Ensino médio, as pessoas eram mais novas que entravam na capoeira.

33 – Com relação a essa denominação Professor e Mestre? Qual a diferença na hierarquia?

A diferença é de sabedoria, a diferença as vezes idade. Nem sempre a pessoa as vezes com idade. Geralmente quando a pessoa tem uma idade “ai Mestre” só por causa da idade, mas o lance é a sabedoria, o tempo que a pessoa tem, o reconhecimento que ela tem perante os outros Mestres, isso é o que manda. Quando a pessoa te chama assim de Mestra, é porque ela conhece o seu perfil, conhece a sua trajetória, é a trajetória que vai dizer quem é Mestre, quem é Professor. Geralmente quem é novo é Professor, Instrutor, Professor, aí ela vai pegando a bagagem, pegando o tempo de casa e a galera vai reconhecendo, é o Mestre na arte, é um Mestre na capoeira, nunca é uma pessoa novinha. Mas hoje não, hoje a capoeira ta cheia de moleque Mestre, tem pessoas que criticam isso aí, tem muito gente nova Mestre.

34 – Pela questão da graduação?

Exatamente.

35 – Quem foi que te disse Mestre?

Então, esse negócio de Mestre, foi uma coisa, isso é um, para mim é um lance que eu nunca aceitei eu ser Mestre do lado do Suassuna, Mestre do lado do Paulo dos Anjos, Mestre do lado de Joel, eu não queria. Eu nunca quis. E houve umas três vezes a gente estar em evento em São Paulo, ai vem um cordão para Lobão, porque eu usava um cordãozinho desde a época que eu me formei, cordãozinho já era velho, já estava desse tamaninho já assim, e a galera queria que eu virasse Mestre, eu falei gente não tenho problema com esse negócio não, meu negócio, eu gosto é de capoeira. Mas a galera queria “não mas é chato, a gente ta usando a mesma graduação que a sua”. Eu falei, não, para mim não tem problema nenhum, vocês estarem usando, “não, mas não é justo, se tem que pegar”. Ai no terceiro evento, foi no Mestre Geraldinho, sei la 1990 alguma coisa. Aí cheguei lá, antes de começar o batizado o Geraldinho reúne todo mundo, “então estamos aqui” aí eu falei ai meu deus do céu, mais uma ladainha. Ai com o cordão para eu usar, graduação. Suassuna falou, todo mundo falou. Aí eu trouxe, agradei todo mundo e guardei. Ai depois de um certo tempo eu comecei a usar, porque eu não, não faz, para mim não tem cabimento entendeu, eu sou aluno do Mestre Suassuna ou do Mestre Medicina, e ele ta com a graduação alta, a última graduação e eu também ta do lado dele, acho que tem, fora de propósito. Aí eu demorei para aceitar isso. É o cordão branco. Ai com o tempo, depois de um tempo eu fui aceitando, mas é uma coisa que não me sobe a cabeça. Agora eu conquistei esse lugar, mas não uma coisa que eu. Foi em 1992, sei lá, por aí.

36 – Até os idos dos anos 1990, você não se intitulava Mestre?

Não, eu usava verde amarelo, azul e branco. Não me intitulava como Mestre. A galera me chamava do que queria, professor Lobão, Mestre Lobão, tudo bem. Para mim não fazia diferença isso aí não.

37 – Esse reconhecimento pelo que você traz, é um reconhecimento que vem do grupo?

É um reconhecimento que vem do grupo, depois passa a ser dos capoeiristas em geral.

38 – Essa nova formação da capoeira, que vem com essa graduação, hoje muitos Mestres novos, como isso é visto pelos capoeiristas antigos?

Os capoeiristas antigos aceitam, mas muitos criticam. Porque é muitos caras novinhos do lado de gente com anos e anos de casa entendeu. Ai Mestre. Tem muita gente que critica, tem muita gente que, alguns grupos mandam os caras irem para cima entendeu. Não respeita. Então acontece muito isso.

39 – Dentro de um espaço de treino cabem dois Mestres dentro de uma academia?

Cabem dois Mestres.

40 – A Besouro formou Mestres de capoeira?

Já formamos um, dois, já formamos uns dois Mestres. É que eu sou ruim de formar. Eu acho que a pessoa tem que ser capoeirista, independente de ser Mestre, eu vejo, ela tem que ser capoeirista, independente de patente, de graduação, de contra mestre, é capoeirista. Vai chegar um dia que ela vai ganhar o título de Mestre. Na verdade, o título de Mestre ela conquista nas andanças, com outros Mestres. Não basta eu chegar aqui e falar assim você agora é Mestre. E aí? Mas você é um cara que não roda, não, ninguém te conhece no mundo da capoeira, você vai ser só um Mestre para ter um diploma lá na parede. Quando falar assim o Mestre André, Mestre André quem é? Quem é esse André? O que é que ele faz? Joga aonde? Ai fica essa indagação porque ninguém conhece. Então o Mestre ele tem que rodar. O capoeirista ele tem que rodar, ele tem que se tornar conhecido, jogar aqui jogar ali. Não dá pra ele ir no Brasil inteiro, mas ele tem que fazer o seu nome no mundo da capoeira.

41 – Existe uma resistência para formar Mestres mulheres?

Não, eu não vejo que tem resistência não. Eu acho que tem poucas mulheres Mestras na capoeira, tem aumentado aos poucos, mas a mulher não é tão insistente como os homens na capoeira entendeu. Mas existe mulheres na capoeira, acho que precisa de mais. É o lance, é provar ali no seu caminho, fazer, tem que fazer a sua estrada, e a galera vai reconhecer. E é legal quando a gente reconhece uma pessoa, fulano de tal Mestre, isso é importante quando outros Mestres te reconhecem, te respeitam.

42 – Como era no grupo que começou a se formar de capoeiristas em São José dos Campos, a primeira instituição formal de treinos, como era o convívio, os códigos, era um grupo que para além da academia estava unido?

Era um grupo que tava unido sim, tanto fazendo apresentação, em escola, fazendo apresentação em praça, era um grupo que treinava bastante, porque era uma coisa nova, não existia internet, não existia Faustão, não existia entendeu. O lazer era a capoeira. Se marcasse um treino domingo a academia enchia. E foi se formando os capoeiristas, Baite, Carlos Inácio, Tampinha, Dentinho, Nove e Meio, Dez, Chocolate, essa galera era uma galera entendeu, Corisco, que era um dos primeiros alunos também entendeu, o Nilton, e ai foi se formando, e era muito legal o convívio com esse pessoal.

43 – As rodas de divulgação da capoeira eram feitas onde?

Acontecia na praça Afonso Pena. Afonso Pena era o palco de roda de capoeira.

44 – Você falou que a maioria dos alunos eram brancos, de uma classe média da cidade?

A maioria era branco de classe média, aí depois começa a surgir algumas pessoas. Algumas pessoas mais pobres, que trabalhavam em fábrica no dia a dia, mas a maioria no início era a maioria de classe média, pessoal aqui do Esplanada entendeu. A maioria desse pessoal.

45 – Como era na cidade quando tinham as apresentações nas praças, as vezes em clubes, em espaços fechados e abertos, a recepção das pessoas em São José com relação ao grupo de capoeira? Tinha alguma distinção por ser branco, preto ou pardo?

Uma coisa que aconteceu uma vez, a capoeira já tinha bastante tempo, acho que 1980 e alguma coisa, aqui nós fomos fazer uma apresentação, apresentação não, fizemos uma roda perto de um restaurante chamado Fino, ali perto da Nelson D'Ávila, e chegou um delegado, não sei se era (inaudível) embargou lá, aí queria prender um menino, aí nós chamamos o nosso guardião entendeu, Tenente Esdras. Ai Tenente Esdras foi lá, deu um esporro nele, porque ele era amigo dele e ele liberou o menino, porque queria prender porque não queria deixar fazer roda de capoeira, isso foi o único que aconteceu. Mas era bem, todo mundo aceitava a capoeira, a capoeira sempre foi bem aceita em São José dos Campos.

46 – Você acredita que esse acolhimento, essa recepção tem a ver com o fato do Tenente, Mestre Damião estar ligado com o militarismo da cidade, com a Aeronáutica?

Sim, esses dias da fizeram essa pergunta, como era a capoeira, porque na época era a Ditadura né. Eles abriram as portas pra gente. O Tenente Esdras foi o cara que abriu as portas, ele que ia atrás de jornais, os dois jornais da cidade ele tinha muito acesso, ao jornal Agora, ao Vale Paraibano. Ele que mexia os pauzinhos de apresentações no CTA, ele que faz. Então a capoeira deve muito ao Tenente Esdras entendeu. Essa iniciação em São José dos Campos, ele que fazia todo o trâmite, ele era, como diz, o empresário, que ele mexia com tudo, levava a galera, ligava para o pessoal, ligava para o jornal, o jornal tava pronto, então ele é. Tem um lance que eu não esqueço, que a capoeira já tem nome, é a única na cidade né, ela tem nome. Nós demos uma vez uma camiseta, a gente dava para a molecadinha, tinha assim capoeira Besouro Mangangá. E aí tem um moleque, um moleque, um engraxate, que tinha muito engraxate em São José, e o engraxate acho que ele faz um roubo numa loja de biscoito sei lá, e o jornal, acho que o Jornal Agora, estampa a foto assim, nem a cara do moleque, estampa o logo assim, o moleque acho que fez um roubo acho que de biscoito, de bala uma coisa assim. Ai o Tenente Esdras fez uma carta para o Vale Paraibano, Vale Paraibano não, para o Jornal Agora, e o cara fez um reportagem se retratando. Ele fez o cara se retratar entendeu. O cara agiu de má-fé entendeu. Aí ele fez isso e os caras se retrataram. Então ele defendia muito a capoeira. Então a capoeira em São José deve muito ao trabalho dele, ele sempre foi, a academia tem que ser assim, não é um santuário, ele fala que era um Templo, a capoeira é um Templo, e ele tratava isso, levava isso a sério. Então a capoeira deve muito. Então todo o desenvolvimento que a capoeira teve em São José nós devemos ao Tenente Esdras, ele que fez todo esse trâmite.

47 – Desde o início vocês tinham esse cuidado de trazer os outros Mestres né? (pergunta intervenção)

Sim exatamente, trazer os Mestres, cuidar da imagem da capoeira, porque tem que cuidar, porque tem muitos lugares que o cara, as pessoas falavam assim “a capoeira aqui nunca mais” em outra cidade, porque o cara chegava, bagunçava, ia beber, ou se não era briga, e aí queimava o nome. E as vezes chegava outra pessoa com intenção de fazer um trabalho como capoeira e falava “nossa tá difícil, porque o fulano de tal chegou lá e fez isso, fez aquilo, bagunçou, tá

difícil pro pessoal acreditar”. E aqui não, nós nunca tivemos esse, tanto que nós agíamos assim, as vezes até como justiceiros, que não era a nossa causa. Apareceu um cara uma vez lá no alto, no alto da ponte dando aula de capoeira, o cara que veio do Rio, disse que foi pra, chamou a molecada para tirar pau para berimbau e que ia estuprar o moleque lá onde ele foi pegar as madeiras. Nossa, nos fomos lá, a galera para pegar ele, ele teve que ir embora de São José entendeu. Porque a gente ia, quando via alguém querendo fazer um trabalho de capoeira. Que é o cara? O cara é qualificado? A gente ia lá pra fechar a academia. A gente pensando hoje não era nosso papel fazer isso entendeu.

48 - Tinha uma preocupação com a imagem da capoeira?

A gente tinha uma preocupação com a imagem da capoeira, exatamente. Para não ser associado a toda a capoeira. Porque se, a capoeira fez isso, qual capoeira? Inclui todas, então a gente tinha essa preocupação, que, a gente pensando hoje não era nosso papel fazer isso. Se a gente visse alguma coisa errada a gente tinha que reportar para a autoridade para a polícia, não a gente ir lá como justiceiro, defensor da capoeira. Era uma construção. Até hoje a gente tem esse cuidado, a gente não vai cuidar se o cara ta fazendo um trabalho ruim lá, se ele qualquer coisa, a gente não vai lá, mas a gente tem esse cuidado de manter o trabalho bonitinho. Essas rodas que a gente faz, é uma roda para incluir todo mundo, eu tenho o cuidado de cuidar da roda, de não deixar a roda virar uma roda de pancadaria, de briga, uma roda de todo mundo, de criança, de mulher, todo mundo participar, roda de conscientização.

49 – Essa imagem que você trouxe de capoeira de Itabuna, que galgava um respeito na comunidade por ser um capoeira, por estar vinculado a um grupo, isso em São José você acha que já não carregava esse estereótipo?

Eu acho, que sim, mas eu acho que talvez até inconscientemente esse lance da capoeira, da gente cuidar. Tanto que a gente, a gente treinava muito, eu e o Esdras, a gente tinha um treino que ele saia do João Cursino ali onde ele estudava e a gente treinava uma hora e meia, eu e ele, só nós, a gente treinava, treinava, treinava, então a gente treinava pra caramba, treinava muito entendeu, para manter essa linha de capoeira, essa capoeira forte que tinha.

50 – Na fundação da Besouro o Tenente já não estava mais envolvido nos treinos?

Não, não, ele aparecia de vez em quando, brincava um pouquinho, quando ele levava alguém do CTA, chegava alguma autoridade ele levava lá, e as vezes ele brincava um pouquinho entendeu, ele quando tinha as coisas lá no CTA ele mandava a banda tocar: “pisa na linha, levanta o boi, levanta” ele gostava dessa música, a banda tocava e a gente jogava no ritmo da banda. Ele brincava.

51 – Vocês se apresentavam dentro do CTA também?

Sim, sim. O Tenente Esdras fazia um movimento, que eu só vi ele fazer até hoje. O Pulo do Gato. Aí eu pedia, faz de novo, e ele “não, não vou fazer não”, nunca vi ninguém fazer.

52 – Você chegou a jogar capoeira com ele?

Sim, sim, cheguei a jogar.

53 – Nessas apresentações todos os alunos eram convidados?

Todos os alunos eram convidados, quem podia ir.

54 – É um movimento que existe até hoje?

Aham. Mas antes tinha mais moleque na capoeira, mais molecada. Hoje quase não tem. Antes qualquer hora a gente fazia uma apresentação, vamos fazer uma apresentação de manhã, ou de tarde, hoje é raro. Hoje quase não tem moleque na capoeira aqui. Tem as vezes nas comunidades aí, ainda tem, quem tem projetos. Hoje é mais gente de 20 e tantos anos 28, 30, 40, 50 que vem

para a capoeira, não tem mais. Molecada não, era 14, 15, 16 entrava bastante, agora isso desapareceu da capoeira.

55 – Porque você acha que teve esse distanciamento?

Não sei, não sei se é shopping, se é outras artes, tem mais outras artes, tem judô, tem jiu-jitsu, tem um monte de coisa e separou muito. Tem muita capoeira em todo o canto, as vezes condomínio tem capoeira, quando não tem capoeira tem jiu-jitsu, então dividiu muito, separou muito. Antes a galera vinha de bairro longe pra caramba para treinar aqui. Hoje não sai mais entendeu. Mais quem ta na redondeza, por perto.

56 – Pensando na formação da Besouro, no encontro desses capoeiristas para começar esse projeto, tinham valores que eram praticados? Algumas virtudes, algo que fosse transmitido na prática em como um capoeira se posiciona, algum tipo de combinado, no sentido de postura?

Tinha, tinha o lance de além de ensinar o capoeira, o educar, o comportamento. Tinha o comportamento quando sair pra rua para além da capoeira, para quando a coisa esquentasse fora, na rua, não ficar usando a capoeira, mas usar os artifícios que o Tenente Esdras passava pra gente. Ele passava alguns artifícios pra gente, como usar um cinto de cabo de aço. O dobrão né. O cinto de cabo de aço eu usava. Tinha que ter guardado aquilo lá, era um cinto com uma bolinha, que tirava na mão. Então tinha toda essa maneira de se comportar na rua. Não beber, para não estar bêbedo quando, numa confusão, evitar confusão, mas se não tivesse como evitar entendeu. Se tivesse areia na mão jogava no olho do sujeito para, entendeu. Tinha todo esse lance do comportamento dentro e fora. Ou você bate ou você corre, sei lá.

57 – Esses ensinamentos, acabaram ficando pelos anos 1970, é algo que não se transmite mais essa prática da sobrevivência?

Não, hoje não, hoje é a pessoa tem que treinar capoeira, ela tem que saber se comportar né, transmitir, não sair mais é, é uma coisa assim mais pra vida, as pessoas vêm para aprender capoeira, como se defender, jogar, ser bom capoeirista entendeu, hoje o capoeirista quer ser bom capoeirista. E uma coisa também de saúde, é uma questão de saúde né.

58 – Na sua percepção que tem essa trajetória de uma vida na capoeira, desde a fundação da Besouro quais foram as principais mudança no cenário da capoeira, na prática da capoeira?

A mudança é, o pessoal sempre pergunta isso, eu falo que como eu to dentro assim, eu não vou vendo muito, mas a mudança é muito grande. A capoeira ficou mais técnica, a capoeira ficou mais floreada entendeu, mais saltos dentro da capoeira que quase não tinha, a capoeira ficou mais plástica, a capoeira ficou mais forte entendeu, tudo isso ai foi acontecendo na capoeira, a capoeira ta mais forte, os caras treinando mais, pesquisando mais como jogar. Muito mais ligada a uma pratica esportiva.

59 - Na sua percepção isso é positivo ou negativo?

É positivo, eu acho que é positivo, porque ela trabalha bastante os fundamentos, a musicalidade hoje é mais forte na capoeira do que antigamente, o conteúdo da musicalidade. Isso é muito, eu acho isso muito positivo.

60 – A minha mãe traz muito um relato, quando eu converso com ela, dessa mandinga dos antigos Mestres quando vinham e como que quando eles entravam na roda, cada um de certa forma deixava a sua assinatura, quase como uma linguagem de comunicação entre os capoeiras, mas no jogo, na sua percepção você acha que isso ainda é presente nas rodas?

Muito pouco, só com as pessoas mais velhas, os mais antigos na capoeira ainda têm, a gente, vamos falar do papa, Mestre João Grande, quando ele entra na roda ele ainda pega o berimbau, ele faz o seu terço, ele terço tal, tal, tal ali, poucos capoeiristas tem essa, de fazer isso na roda. Hoje a molecada, molecada é maneira de dizer, pessoal mais novo é mais direto, mais trabalha, uns mais floreado, que nem o grupo do Suassuna, trabalha bastante coluna, mais floreio essas coisas, jogo bom também, jogo dentro, mas é mais objetivo, o pessoal hoje é mais objetivo dentro da capoeira. Aquela coisa mandingado, muito pouco isso hoje.

61 - Você acha que isso foi se perdendo pela necessidade de mostrar uma capoeira?

Uma capoeira forte, mostrar que eu sou melhor, que meu grupo joga mais que o seu, que meu grupo trabalha mais, é joga mais bonito, joga mais forte entendeu. Foi se perdendo.

62 – O que é a capoeira para você e o que é ser um capoeirista?

A capoeira pra mim é uma lição de vida entendeu. Na capoeira eu, minha vida, mais da metade da minha vida, alias minha vida toda é capoeira, eu lido com capoeira, sobrevivo com capoeira, rodo o mundo com capoeira, conheço muitos países com capoeira. Então a capoeira ele que meu deu direção, ele fez eu ficar, minha educação é baseada também nos aprendizados da capoeira, foi tudo na capoeira, sobrevivência, tudo, a maneira deu tratar as pessoas, tudo eu aprendi na capoeira, fui atras de atuar por causa da capoeira, então a minha vida é capoeira. Então a capoeira pra mim é uma lição de vida. Eu vejo capoeira em tudo o que eu faço, em toda a minha caminhada, a maneira de tratar, isso pra mim é capoeira.

Ser capoeira é ser insistente, é resistente, capoeira é resistência, capoeira é ser saudável entendeu, uma pessoa alegre, forte, é isso.

63 – Se você pudesse trazer pra gente o conto mais antigo que você conhece, qual seria?

“Eu pisei na folha seca eu vi fazer chuê chuá. Chuê chuê chuê chuá, eu vi fazer chuê chuá”.

Tem outra também que o Tenente Esdras é gostava né: “Pisa na linha levanta o boi, levanta meu boi na linha. Pisa na linha levanta o boi, levanta, levanta. Pisa na linha levanta o boi, amanhã é dia santo. Pisa na linha levanta o boi, levanta meu boi do chão”.

Tem muitos cantos, é que a gente as vezes nem lembra, nem canta mais, que vai se renovando. Mas tem uns que fica como paranaue, paranaue nunca sai de moda. “oi sim, sim, sim, oi não, não, não”.

Comentários após a entrevista:

A capoeira hoje ela tá em todo o mundo, tá na Europa, ela ta nos Estados Unidos, ta em todos os países, ta na Ásia, então a capoeira hoje ta em todas as escolas, pronto, como quem diz assim, a pessoa então, a pessoa já viu que é uma coisa criada pelos negros, hoje ela ta em todos os países do mundo e tá nas escolas, então ela é uma coisa boa. Ai eu falei não, mas a gente tem que contar a história que foi, como que houve o sequestro dos caras, que não pediram para sair de lá, ninguém veio da África de transatlântico pra cá não entendeu. Veio morrendo, veio sequestrado entendeu. Muitas coisas ruins aconteceram, negro era morto que nem barata, morria no transporte, e a gente tem que falar o que é a capoeira. Porque quando você fala do judô, é você fala que o judô é oriental, ótimo, tudo bem. Mas você fala, eu fiz um podcast esses dias, falei que a capoeira era preta, nossa isso ta dando um milhão de gente falando mal, de gente falando bem. Ai eu falei e se eu falei falaria de novo, as pessoas tem que saber o que é a capoeira. Porque a capoeira, aí eu falei também, porque tem gente que faz, que vai dar aula, porque a capoeira pode estar em qualquer lugar, ela pode estar na igreja, ela pode estar na, qualquer canto do mundo, agora você não pode desmistificar a raiz da capoeira, como que ela é. Não se vai na igreja, tem um cara na igreja que fala: “aqui você não pode cantar nada que fale de Iemanjá”. Poxa, que isso? Então você está negando a história da capoeira. Então você não pode negar a

história da capoeira. Ai você fala que a capoeira é uma coisa preta é uma coisa de preto, ah então, já vem a discriminação. Não a capoeira é uma coisa preta, porque a igreja proibida. A igreja ó, o Papa autorizou a escravidão e a igreja condenava quem ajudasse um escravo a fugir. A igreja condenava. Então, eu não sou fã de igreja, se você me chamar para ir em um casamento na igreja eu vou, mas eu não vou a igreja não. É uma instituição que para mim não agrega nada ir na igreja, se você quiser fazer sua oração, tudo bem, mas não sou fã de igreja porque ela sempre foi contra. Agora ta tudo bem? Não é assim. Então eu falo, então vocês que dão aula de capoeira realmente contar a história da capoeira, independente da sua cor, não pode negar. Não pode negar o que foi a escravidão, como chegaram aqui. E até hoje tem o preconceito, até hoje tem o preconceito. Então vocês têm que estar atento a isso. E o pessoal fala, o racismo reverso. Racismo reverso só se o preto pegar ir pra Europa, pegar todo mundo trazer pra cá, fazer trabalhar, é ridículo né. Então precisa uma consciência do pessoal, principalmente do pessoal da capoeira. Falta isso pra muitos, e muitos grupos não trabalham isso. Trabalham a capoeira em si, o cantar, o jogar bem e tal. Quem faz esse trabalho mais consciente é o povo da Angola entendeu. Mas a maioria dos grupos não trabalha isso de conscientização.

64 – Tem até música que fala que hoje só tem gente branca em roda de capoeira, como é a sua leitura deste cenário? Ainda que brancos estejam nesta prática, é importante esse resgate do que isso significa?

É importante o resgate do que isso significa. Eu já fiz essa pergunta várias vezes, porque eu não vejo preto na capoeira. Tem a mãe de um menino aqui que é preto que fala assim, a mãe do Nego D'Água, fala assim “nossa Nego D'Água só você de pretinho lá na capoeira?”. Eu gostaria que tivesse mais pessoas pretas na capoeira. Eu não sei se eles não se identificam com a capoeira. Eu não sei se é condição financeira. Eu não sei, eu não sei, sinceramente eu não sei responder porque tem mais brancos na capoeira. Não sei se eles, sei lá. Muitos pretos embranqueceu né, com essa mentalidade de que a coisa preta é uma coisa ruim, então acho que eles não quer se ver dentro daquilo lá.

Uma vez nós fizemos um trabalho aqui em São José, com uma academia de ginástica, que a gente fazia um trabalho, até chegar a capoeira vinha o navio negreiro, vinha os escravos, vinha o cara que vendia os escravos na feira, depois os caras rebelavam, criavam a capoeira, para jogar capoeira. No primeiro dia fizemos um ensaio, tinha lá acho que uns dez negros, no segundo dia era gente de variados grupos, do Zé Carlos, de vários lugares. Não tinha ninguém, para resumir nós tivemos que pegar algumas pessoas pintar de preto para fazer o trabalho. Os caras falavam assim: “eu não, Lobão querendo que eu faça papel de preto, de escravo, não vou não”. Então, se vê, aonde tá, as pessoas. É importante o trabalho dos movimentos negros, mas acho que eles não conseguem atingir o tanto de gente que deveria, para as pessoas se conscientizar o que ele é na sociedade, que ele é preto e ele tem que ter orgulho e tem que mostrar ele como ta ali. Então isso, aquilo que você falou, acho que ele tem vergonha de se apresentar, fazer uma cultura preta a galera já vai. Então a gente vê na umbanda, no candomblé. Eu tava vendo agora no Instagram, falei caramba, só tem uma pretinha, o resto é tudo branco. As pessoas não se identificam (...) Então eu assim que precisa isso na capoeira, a galera trabalhar isso de conscientização, tanto pro branco quanto pro preto. Eu falei que a galera tinha que ler o livro Escravidão do Laurentino Gomes, um livro muito bom que todo mundo tinha que ler. Outro dia eu conversando com cara, um colega meu né, fazia capoeira, branco né, falei pra ele sobre a escravidão, comentando sobre o livro, ele falou assim “é Lobão, mas agora hoje já se passou, bola pra frente”. Hoje ta tudo perfeito né, para o branco e para o preto, num tá.

65 - Você acha que esse lance de se ser considerado um Esporte Nacional contribui para esse distanciamento das raízes da capoeira?

Sim, também, eu acho que tem isso aí. Ai a pessoa chega aqui ela não, a pessoa não cola, porque é uma coisa também que é uma coisa que tem que ser colocada devagar. Não posso chegar aqui, você não tem nada a ver com raízes da capoeira, vem fazer capoeira porque achou bonito. Aí chega aqui, a capoeira é assim, tal, tal, tal. Aí fala opa, o negócio é mais forte, não sei se eu quero, não sei se é isso que eu quero, então a pessoa que vai dar aula tem que chegar bem devagar, bem namorando aos pouquinhos, e falando para a pessoa ir entendendo, não pode já chegar e “pá”. A pessoa pode levar um choque, você não sabe qual a reação da pessoa entendeu (...) hoje que eu fui e estou pesquisando, to indo atrás, ninguém contou isso, nunca ninguém contou isso, nunca, nunca, ninguém falou. Por isso que eu acho que é uma falha, as pessoas só focam na capoeira, no respeito, na técnica, na tradição, mas não vai a fundo buscar isso, para passar para as pessoas, para explicar o que que é, para que as pessoas também vá buscar entendeu, aí fala “pô Lobão falou disso, eu vou procurar”. Eu indico para os meus alunos, agora gente leem o livro, leem esse livro tal. Você não pode chegar e falar agora você tem que fazer assim, a pessoa tem que ir absorvendo por ela mesma entendeu, fazendo os trabalhos, eu to promovendo alguns trabalhos, conversando com as pessoas para a gente promover alguns trabalhos de estudo de bate papo para a gente promover isso, é importante.

66 - Essa diferenciação racial, você sentia isso dentre dos espaços da capoeira?

Não, isso dentro do espaço da capoeira, eu nunca senti essa diferença, Tanto que eu poderia dizer, não eu não tenho problema nenhum com o racismo, porque eu, primeiro que a maioria me conhece na cidade, então onde eu vou a maioria, os mais velhos me conhecem. Então poderia dizer, não, não existe racismo, tudo tranquilo, é mimimi. Mas a gente sabe que existe. A gente vê o olhar. Se ta num lugar. Agora uma coisa que eu falo as pessoas, o preto ele precisa se preparar, com conhecimento, porque o racismo ele não vai acabar, ele entrar num lugar, em qualquer lugar de cabeça erguida, entrar e sair, sabendo que é um lugar branco, que ele é, vão olhar diferente, mas que ele ta ali e tá pouco se lixando. Se ele ta ali, ele ta pagando entendeu, nada de cabeça baixa não. Ele tem que se preparar, pro cara não ficar em depressão, “fui tratado mal, fui tratado mal ali, houve o racismo comigo”, não. Você tem que levantar a cabeça, mas para isso você tem que ser forte.

67 - Você acha que esse empoderamento a capoeira te trouxe?

Sim, com certeza. Eu lendo, ouvindo outras pessoas, não só pessoas da capoeira, mas pessoas de outros grupos. Ouvindo gente, americanos, ouvindo Denzel Washington falando entendeu. Tem uma fala que eu quero ainda falar sobre o cristo que o milagre, eu acho que um dos milagres de cristo foi que ele nasce branco em um lugar que não tinha branco. Ele já nasce branco em um lugar que não tem branco, um olho azul, cabelo liso, olha é um milagre. Já nasce fazendo um milagre para ele mesmo. Já pensou se eu falo isso? Num podcast, ave maria.

Quando os caras vão para o exterior e volta com americanos, com alemão, com francês jogando capoeira, quando a galera vai para a Globo, quando o Boneco vai para a Globo falar de capoeira, quando os artistas da Globo, tão pensando em capoeira. Essa capoeira começa a dar uma levantada. A capoeira vai lá fora, e aí ele volta com outra roupagem com o estrangeiro. Isso é próprio de nós brasileiros, nossa a coisa veio de fora. Eu conheço uma pessoa que aqui ela não deixava a filha treinar capoeira, mas um dia chega pra mim e fala assim “olha a minha filha ta fazendo capoeira nos Estados Unidos com um americano, um Mestre americano”. Aí descobri que o cara não era americano, mas estava lá a muito tempo, aí aqui é coisa de malandro.

Entrevistada: Mariangela Faggionato dos Santos

Data: 09 de abril de 2024

Meu nome é Mariangela eu tenho 69 anos sou de cor parda e mulher.

1 - Conta para gente como é que a capoeira entrou na sua vida?

A capoeira faz parte da minha família, meu é Mestre Damião, Tenente Esdras, mas Mestre Damião e ele foi aluno do Mestre Bimba, e eu nasci numa casa em que a capoeira estava presente, através do meu pai.

2 - Com quantas anos você iniciou a prática da capoeira e em que ano?

Quando foi inaugurada a Academia aqui em São José dos Campos, acho que em 1970/1971, eu tinha 17 anos. Antes disso meu irmão Esdras treinava em casa com meu pai. Depois ele começou a ir para São Paulo para treinar na Academia do Mestre Suassuna. Na realidade eu comecei a treinar em São Paulo também, quando eu ia com ele nos batismos e em algumas aulas. Depois quando foi inaugurada a capoeira em São José passamos a treinar aqui, com ele e com o Mestre Lobão.

3 - Como foi essa iniciação na capoeira na Academia?

Era assim, naquela época São José era uma outra cidade, era uma cidade menor, mais interiorana, foi assim um “bum”, porque tinham poucos movimentos culturais na cidade, ao mesmo tempo ela fica numa região extremamente conservadora que é o Vale do Paraíba. Então era um algo que mexeu com a estrutura da cidade, porque era muito efervescente, então estourou a academia quando foi aberta, muitos convidados, papai tinha muitas influencias porque ele era militar, era maçom, conhecia muitas pessoas na cidade, então foi um “bum”, na época foi um “bum”. Nós também já tínhamos uma histórica na cidade, porque papai por ser militar, nos mudávamos muito de cidade, um ano morando numa cidade, ele era transferido, dois anos em outra. Quando chegamos aqui eu tava na minha adolescência, com 13 anos, e ai a gente praticamente fincou o território em São José, paramos de mudar, ele foi trabalhar no CTA, morávamos no CTA, na época Centro Técnico da Aeronáutica. E ai fomos vivendo aqui na cidade, uma cidade ainda bem interiorana. Assim, a capoeira quando a Academia foi inaugurada, ela era assim uma novidade na cidade, porque assim, não eram só as rodas de capoeira que existiam, quer seja no espaço da Academia Besouro Mangangá. A capoeira sempre tava nas praças em São José, nos clubes, nas ruas, na época nós éramos convidados para participar dos desfiles de 7 de setembro, desfiles em diversas comemorações que existiam na cidade. Então assim, ela começou a fazer parte de diversos movimentos dentro da cidade. E não era só a capoeira que existia nestes movimentos, porque eu também venho de um espaço familiar em que nós nos reuníamos em rodas para tocar violão, meu pai tocava violão, meu pai tocava acordeão, meu pai tocava piano e meus irmãos também. E isso, essas rodas de samba, de música, de canto, fazia parte da nossa casa, e isso também nesse momento em que foi criada a Academia, também fazia parte. Então não eram só rodas de capoeira, eram rodas também de violão, de samba, de cantoria, de dança. Então eram momentos extremamente festivos, em que a capoeira e também depois das rodas de capoeiras se transformavam em roda de cantoria de samba, eram momentos extremamente festivos na cidade e que não existia antes, isso não existia antes. Depois ai passamos a desfilar também nas escolas de samba, na época tinham escolas de samba, blocos em São José, eles convidavam a academia para desfilar, a gente se apresentava. Então assim, fomos sendo inseridos em diversos espaços na cidade.

4- Quem foi o seu mestre?

Foi meu irmão, foi meu irmão o Esdras, e o Lobão também, os dois, eu treinava com os dois, e treinei com o Suassuna em São Paulo também.

5 – A capoeira possui tradições. Você consegue citar quais você aprendeu nesta trajetória?

A você imagina, ela tava dentro da minha casa né. A capoeira sempre teve dentro da minha casa, dentro do meu território, do território principal da minha vida que é a minha casa. Então assim, as cantorias mesmo sem ser na roda tavam ali presentes. Os bate papos, as conversas, quer seja na hora do almoço, domingo era muito festivo na casa do meu pai. Porque minha mãe é de origem italiana, italiano adora gente, comida, muita gente, muita visita. Então esses momentos principalmente nos finais de semana, eram os momentos festivos em que a gente batia papo. Em casa sempre a gente sentava em roda para bater papo. Ai era música, mas também era de bate papo, então se conversava sobre valores, política também, porque é uma família também que tem um veio político muito grande, discussões do social, e também de discussões de valores, do que significava toda essa questão desses espaços, a origem da capoeira ela tem um pé grande de negros, meu pai era mulato. Os papos eram vários, se conversava sobre várias questões, várias questões, quer seja de cultura, papai lia muito, nós também aprendemos a ler muito, na casa tinha muito livro. Então se discutia sobre tudo, desde de cultura até questões sociais, se discutia sobre a capoeira, se conversava sobre os instrumentos, as rodas de capoeira, se dava muita risada, se brincava muito, essa era a nossa vida, principalmente nos finais de semana.

6 – Você chegou a treinar com o Mestre Damião?

Não, não. Não treinei com o papai, vi ele jogando capoeira, mas não treinei com ele, treinei com o meu irmão, com o Esdras, e com o Lobão. E também quando vinham outros mestres, porque também nessa época né, a capoeira ela tava ganhando assim um universo muito grande em São Paulo através do Suassuna e diversos mestres que vieram da Bahia. E esses mestres vinham muito para São José, muito. Principalmente nos batismos né. Então a gente acabava tendo, também aprendendo com eles né.

7 – Como nasceu a ideia da Besouro Mangangá?

A meu pai né. Meu pai era...meu pai a capoeira tava presente no meu pai né, ele foi assim aluno do Mestre Bimba na Bahia em Salvador né. Ele com o irmão dele Martinho né, eram assim aficionados pela capoeira. Trouxeram a capoeira para São Paulo né. Para o Rio de Janeiro. E assim, e o papai como ele mudava muito de cidade, moramos até fora do pai em Washington, ele levou a capoeira para lá, onde nós estávamos a capoeira estava presente, através da figura do meu pai né. E todo mundo conhecia ele como um praticante de capoeira, como aluno do Mestre Bimba. Então aonde ele chegava ou convidavam ele para tocar piano, ou violão ou falar de capoeira né. Que era toda essa parte cultural que tava presente nele, tava presente na vida dele, no ambiente de trabalho dele, por onde ele circulava todo mundo conhecia o Tenente Esdras como um violeiro, como uma pessoa que tocava piano e como uma pessoa que era Mestre de capoeira, então assim criar a Academia de capoeira ou abrir a Academia de capoeira sempre foi um desejo muito grande do meu pai, levar a capoeira para tudo quanto era lugar entendeu, isso fazia parte dele.

8 – Quem foram as pessoas envolvidas no processo de abertura da Academia aqui em São José dos Campos?

Tiveram muitas né, porque assim não é uma coisa tão simples de se fazer e até se quer que a coisa realmente de certo você tem que fazer contatos. Papai fez contato com todos os amigos dele da época, até pra fazer realmente uma coisa dar certo né, numa cidade extremamente conservadora né, de famílias quatrocentões né.

9 – Teve alguma objeção explícita na época declarada?

Não, nenhuma. Porque meu pai sempre foi muito respeitado na cidade, pelos amigos que eles tinham, que ele tinha, desde da câmara municipal, até a universidade, a maçonaria, o próprio Ministério da Aeronáutica né. Então ele sempre teve muito acesso a todos esses lugares e assim

ele sempre foi uma pessoa que se dava bem como todas as pessoas, os clubes da cidade né, então ele era uma pessoa muito querida. Então ele contou com um contingente muito grande de pessoas, muito bem posicionadas na cidade, o que favoreceu que desse certo o projeto dele, que não era um projeto assim tão simples de assimilar, abrir uma academia de capoeira, num espaço, numa região extremamente conservadora né. E desde o começo a coisa deu certo.

10 – E como foi a inauguração? Você lembra o ano em que foi inaugurada?

Não lembro né, vou fazer 70 anos, aí você tá querendo muito de mim, tem que buscar nos livros direitinho.

11 – Você estava presente?

Tava presente, claro que eu tava presente.

12 – Você lembra se tinha alguma figura pública presente ali no dia?

Várias, várias. Mas assim, se você me perguntar hoje, tinha várias. Tinha o brigadeiro do CTA, tinha o pessoal da universidade na época já da UNIVAP, tinha políticos, na época grande amigo dele de maçonaria, Dr. Coimbra, que depois lá pra frente virou Senador, que inclusive papai ajudou a escrever a lei que transformou a capoeira no esporte nacional, que foi projeto deles, entendeu. Quer dizer é uma parceria com diversas pessoas, e pessoas que são engajadas, pessoas que são referências, até para facilitar todo esse caminho entendeu.

13 – E quem foram as primeiras pessoas que se matricularam na academia?

A academia, ela assim, ela foi um espaço aberto. Como teve todo um preparo, foram feitas apresentações na cidade e divulgação, das pessoas que nos conhecíamos que papai conhecia, enfim. O Esdras na época também já tinha antes da inauguração da capoeira tinha dado aula no CTA né, já tinha feito todo um preparo do território para apresentar a capoeira. Então foram essas pessoas que foram chamando outras, amigos né. E na medida que no espaço que era, cidade pequena, quando você começa tocar o berimbau, atabaque nas apresentações, o povo vai chegando. Quem frequentava a academia? Todo mundo. Tinham pessoas de todos os extratos sociais né, desde aquela pessoa que era engraxate né, que era engraxate, até aquelas pessoas que, vou falar do universo real que a gente viveu, até aquelas pessoas que eram envolvidas até com algumas coisas meio né, ilícitas. O espaço recebia qualquer um. A academia tava de espaço aberto. Lá dentro todos eram respeitados. Fora cada um tinha a sua vida. Então tinha pessoas desde estudante universitário, médico, advogados né, até aquela pessoa que vendia bala na esquina, ou que era, na época ainda tinha sapateiro né, e ali dentro todo mundo era praticante de capoeira, nós éramos amigos, e mesmo fora dali, mesmo fora dali a gente se encontrava, se cumprimentava e se respeitava.

14 – Quem conduzia os treinos na época da inauguração?

O Esdras e o Lobão.

15 – Já eram intitulados Mestres?

Professores. Foram formados por Suassuna. E aí depois passaram a ser Mestres de capoeira. Todos formados pelo Suassuna.

16 – E você logo na inauguração já começou a treinar?

Comecei a treinar. Comecei a treinar, a participar das rodas. Eu era a única mulher.

17 – Tinham mais mulheres?

Não. Durante muito tempo, só eu.

18 – E como era esse relacionamento nesse universo só de homens?

Eu nunca fui desrespeitada. Nunca, nunca. Muito pelo contrário, os rapazes e os meninos que treinavam sempre cuidaram de mim, assim no sentido de respeito, os treinos. Nunca, nunca teve uma passada de mão, nunca teve uma chacota, as brincadeiras eram gostosas. Era um respeito imenso, imenso né. Só que assim, na cidade você sentia que tinha aquela coisa “nossa ela luta capoeira” né. Eu tinha a minha vida social, eu na época, a gente tinha baile, brincadeira dançante né, então tinha aquela coisa “nossa não pode chegar muito perto dela”, primeiro que ela é irmã do Esdras e também o Lobão foi adotado como irmão né, o Lobão é o irmão querido, até hoje a gente se curte muito, ele fala que eu sou irmã dele, e ele viveu em casa, morou em casa quando veio para São José, que ele veio de São Paulo para cá.

19 – Ele veio para a inauguração?

Ele veio para a inauguração e morou em casa muito tempo até se adaptar na cidade. Então quando eu chagava nos espaços era assim “nossa é irmã do Esdras né, do Lobão” entendeu, “ela luta capoeira”, então era aquela coisa, mas me respeitavam, as pessoas me respeitavam. Mas na academia durante muito tempo não tinha mulher treinando. Depois quando eu recebi faixa, a faixa que a gente diz que é cruzada, que tem várias cores né, e aí até para atrair mulheres eu comecei a dar aulas.

20 – Foi depois de quanto tempo de abertura?

Um pouco de tempo. Primeiro começou a entrar sabe, a namorada de um capoeirista, a irmã de outro né, aí a irmã da irmã.

21 – Treinavam com você como professora?

Começaram a treinar com o Lobão, com o Esdras, depois aí eu também passei a dar aula, quando recebi o cordão trançado. Aí montei aula só para as meninas, aí também fui fazer faculdade de educação física né, e aí eu dava aula, durante um tempo eu dei aula para as meninas. Mas é engraçado que no começo treinar capoeira né, e eu era a única mulher, era uma coisa meio assim né na cidade, o pessoal gostava, achava bacana, mas tinha uma coisa meia aí, eu acho que tinha uma coisa meio, sabe aquela nuvem no ar, meio que o pessoal achava bárbaro as rodas, super legal, mas pairava uma coisa no ar, me respeitava tudo, mas com o tempo isso foi se desfazendo, assim sabe, até por causa das rodas de samba, que aí depois a gente transformava das rodas, transformava numa coisa de brincadeira, de cantar, e a coisa foi ganhando uma outra dimensão. E as meninas de assistir a roda de capoeira, de ir lá pra ver a roda de capoeira, começaram a se interessar de participar da roda de capoeira. E aí é que começaram as namoradas, as irmãs, as esposas de capoeiristas, e depois aí eu comecei a dar aula. A coisa ganhou uma dimensão enorme né. A coisa começou a crescer e as mulheres começaram a fazer parte.

22 - Nessa época, nos anos 1970, o tratamento com as alunas que foram chegando, tinha diferenciação? Em termos de qualificação ou seriedade com relação ao tratamento de quem tinha lugar naquele espaço?

Eu nunca me senti sem lugar. Muito pelo contrário. Muito pelo contrário. Eu sempre me senti incluída. Eles cuidavam de mim, no sentido assim, entrava na roda as vezes até derrubava alguns capoeiristas. Tem até um rapaz que se tornou Mestre, que no batismo dele, eu dei uma rasteirinha, ele acabou caindo e as vezes a gente se encontra e até hoje ele fala “você me derrubou no meu batismo” e a gente da risada, “cuidado com essa mulher”. Naquela época tinha muitas brincadeiras extremamente gostosas, não era nada malicioso né. Mas eu me sentia assim, acolhida né. E as meninas que participavam, as mulheres que participavam eram muito respeitadas assim né, muito acolhidas também.

23 – As apresentações eram feitas juntas quando começou o treino das mulheres ou eram rodas separadas?

Não, juntas, sempre juntas. Sempre treinava junto. Depois que eu formei um grupo de meninas para treinar capoeira, mas eu acho que até hoje é junto o treino, porque há uns anos atrás eu voltei a treinar capoeira e era junto. É que ai eu criei um horário que tinha meninas só né. Garotinhas pequenas e tal. Mas nas as rodas e os treinos eram sempre juntos. Eu comecei a dar aula e as meninas começaram a treinar comigo e tal. Mas também participavam de aulas com o Esdras, de aulas com o Lobão. Sempre foi misto. É que de repente eu criei um grupo de meninas que treinavam.

24 – Com essas meninas o tratamento também na mesma levada de respeito?

Era tudo igual, era tudo igual. Na capoeira assim, tem que dar os golpes tudo igual. Vai dar um martelo é aqui, vai dar porrada no saco, vai dar porrada no saco entendeu, é naquele que fica pendurado para dar chute.

25 – Você lembra na época qual o método que você usava para dar aulas para as mulheres?

(Pergunta intervenção)

É que ai na época eu já tinha começado a faculdade de educação física, então eu me sentia assim estimulada a criar um grupo de meninas para começar a dar aulas, mas isso não quer dizer que elas tinham aula só comigo não né. Elas tinham aulas também com o Esdras, tinham aula como Lobão, não era um espaço essa grupo vai ser só de mulheres, isso nunca teve na academia.

26 – Você acha que foi um atrativo para as mulheres saber que havia um grupo de mulheres?

(Pergunta intervenção)

Não, não, não porque na realidade não eram uma coisa fechada né. Mesmo quando eu dava aula, ai Lobão as vezes tava lá, ou dava aula no horário, porque nunca era só uma professor entendeu, o Esdras tava lá, o Lobão tava dando aula, o Esdras tava tocando o berimbau, mas ai ele vinha e dava aula também, o Esdras tava lá. Eu não sei hoje como é que ta o espaço da capoeira, naquela época era tão assim, integrado, não era assim agora eu sou seu professor, não era assim entendeu. Você tava treinando, era um horário que o Esdras tava dando aula, mas o Lobão tava lá, ele também ia lá, ai hora ele dava uma coisa, ai tocava o berimbau ou ia no atabaque e o Esdras ensinava não sei o que lá. Era um espaço muito, sabe assim, não sei como é que eu posso, integrado, era um espaço muito integrado, plural, assim, era integrado entendeu, não eram uma coisa uma hora só fulano ta dando aula, não era assim.

27 - A sua identificação na academia era como professora, havia uma resistência para a sua titulação como mestre?

Eu nunca me preocupei com isso, assim que eu queria ser mestre, eu queria treinar capoeira. Eu não tava muito preocupada em ser mestre ou ser professora, sei lá o que entendeu. Para mim eu queria pertencer aquele espaço, para mim aquele espaço até hoje é um espaço sagrado, que existe dentro de mim esse espaço sabe. Porque assim foi um espaço que eu aprendi muito né, aprendi a me defender, aprendi a me reconhecer a me transformar numa mulher forte, empoderado de mim mesma né, convivendo com uma diversidade de pessoas ali, e que a gente conseguiu construir um espaço de respeito né, um com o outro, dentro e fora, até hoje eu encontro pessoas na cidade e que tem um rapaz que ele anda de bicicleta que foi engraxate né, já ta mais ou menos na minha idade, ele passa de bicicleta e “ê capoeirista” da um berro na avenida, ai acho uma delícia “oi, e ai ta jogando muito?”. Até hoje ainda existe isso entendeu.

E ai de repente eu to num outro lugar, to num bar bebendo uma cerveja com amiga, ai chega alguém “nossa, oi capoeirista” não sei o que lá. Então assim, a capoeira ela existe dentro de mim, porque é um espaço sagrado, eu aprendi muita coisa lá entendeu. Hoje eu sou essa pessoa porque eu tive esses momentos na roda de capoeira convivendo com essas pessoas praticantes de capoeira, capoeiristas entendeu, participando das rodas, das apresentações né, com os mestres, mestres que vinham de fora, mestres que eram pessoas humildes, que não tinham tido nenhuma educação formal em escola, mas tinham um aprendizado imenso para passar né, e eram respeitados e era uma delícia ta na presença deles né. Então isso tem dentro de mim, a capoeira ta na minha veia. E tudo o que eu aprendi, essa coisa da ginga, expansão e recolhimento, você vai e você volta para se recolher e se fortalecer e você vai pra vida e você volta para se fortalecer, o som do berimbau, do atabaque, é um espaço magico, de magia, é um espaço de magia, uma roda de capoeira, você ta num treino de capoeira, você ta num treino de capoeira, você ta dentro de uma academia de capoeira, só quem passou por isso sabe o que é sabe, sabe o que é, e muitas vezes não da pra transformar em palavra. Ta em você né. Depois eu segui a minha vida como professora de educação física, depois fui fazer psicologia, dentro do meu consultório tava a capoeira, depois fui ser professora universitária, dentro da sala de aula tava a capoeira, tava ali sabe, tudo o que eu aprendi, a mandinga, a magia, o vai e volta, a ginga, tudo, tudo né, dali pra frente que eu fiz na minha vida a capoeira tava presente, tudo o que eu aprendi na capoeira tava presente nas minhas aulas, nas minhas palestras, em tudo o que eu atuei profissionalmente, na minha vida. É uma coisa que só quem passa pela experiência sabe disso. Ta na sua célula, ta no seu corpo, ta na sua pele. E quando você vê o som o berimbau, mesmo hoje que eu to, meu corpo ta envelhecido, você não resiste entendeu. Quando o atabaque começa a tocar e canto vem, é uma coisa que só quem participou disso sabe o que é.

28 – Você mencionou que na fundação da academia, os alunos eram de classes sociais e de vivências diferentes, você lê como uma predominância brancas em razão da localidade em que a academia estava situada quase no centro da cidade, ou havia brancos, pardos e pretos?

Tinha de tudo, naquela época tinha de tudo, naquela época tinha de tudo. E assim, é engraçado isso né, que até em toda a minha trajetória, trabalhei com educação ne, fui professora universitária, quando se vai para essa discussão, claro eu sei da questão do racismo, sei de todas essas questões, mas assim eu não sei também se por causa da nossa vida, mudando de cidade, de cultura para cultura, a gente conviveu com diversos tipos de pessoas, com uma diversidade imensa de pessoa, e a gente não foi assim formatado especificamente dentro de uma cultura espeicida de uma cidade, eu acho que a gente teve um privilégio de um lao, teve um privilégio de conviver com muitas culturas, muitas culturas, e a gente não ficou preso assim co m valores, mesmo na minha casa também, sempre era uma casa que cabia pessoas. Ninguém tava preocupado, no que eu vivi na minha casa, quer seja nos encontros de almoço de domingo, quer seja quem circulava, os amigos. Ninguém tava preocupado que classe social pertencia essas pessoas, que sobrenome elas tinham. Isso nunca existiu dentro da minha casa, nunca. Nem se é preto, branco, índio, se tem sapato ou se ta descalço, se patenteia o cabelo, isso na minha casa nunca existiu. Minha mãe vem de uma origem de imigrantes de italiano, minha avó veio da Itália com oito anos, para trabalhar na lavoura no Vale do Paraíba com os pais dela, minha bisavó e meu bisavô né. Então assim na casa da minha avó também quando eu ia nas feiras, era uma casa que recebia muita gente, porque os imigrantes recebiam. Eles vinham as vezes lá das roças né, da onde eles moravam para a cidade para comprar coisas, minha avó tinha um sítio dentro da cidade. As pessoas pernoitavam na casa da minha avó e a porta tava sempre aberta para todo mundo, para todo mundo. Ela teve uma pensão, mas na casa dela tinha alguns cômodos né, que eram, na parte, porque era um sítio dentro da cidade, que as pessoas pernoitavam, porque elas vinham fazer compra. Ela abrigava as pessoas né. Ou quando as

peessoas chegavam na cidade. E era uma casa que, não se tinha preocupação se a pessoa tinha dinheiro ou não tinha, de que classe social era, qual era o sobrenome dela, não. Então a minha infância também foi essa coisa da casa da minha avó e a casa dos meus pais, que também era uma casa que não se tinha preocupação. Meu pai era uma pessoa que ele era extremamente intelectual, inteligentíssimo né, mas ele se dava com todo mundo. Desde o vendedor de jornal, até o cara que vendia papel na rua sei lá o que, e tratava muito bem todas as pessoas. E em casa também todas essas pessoas circulavam. Não era essa coisa aí é o seu doutor. Não tinha isso. Eram pessoas, que circulavam. Então, essa coisa de ter preconceito, eu não vivenciei dentro da minha casa entendeu. É claro que quando você vai para a vida, se vai participando de diversos espaços sociais, você vai percebendo, agora dentro da minha casa não. Da casa da minha avó não. Na minha casa não tinha essa fala, porque não se tinha distinção. Porque assim, se chegasse, por exemplo, mesmo mamãe tinha pessoas que trabalhavam para ela, mesmo na minha casa depois, as pessoas sempre sentaram na mesa para comer junto com a gente sabe. Mesmo as pessoas que limpavam a casa ou sei lá o que. Ou chegava uma pessoa que ia concertar o portão né, um serviçal que fazia conserto de portão, ou encanamento, ele sentava na mesa para almoçar entendeu. Vamos comer um bolo, vamos tomar um café. Meu ia lá fazer o serviço com ele, chegava lá, quem é, é o seu fulano aqui, amigão, que veio fazer um serviço aqui em casa. Então assim, não se tinha preocupação dos status.

29 – Você acha que essa pluralidade que veio dessa casa do Tenente Esdras, Mestre Damião e da Ia reverberou para dentro da Besouro Mangangá?

Com certeza, com certeza. Porque assim, na academia nunca teve isso, nunca teve. Ali dentro todo mundo era igual, não se estava preocupado. E olha que tinha estudante universitário, médico, advogado, sei lá mais o que, o rapaz que era engraxate, o que trabalhava não sei aonde.

30 - E essa pluralidade que foi se criando dentro desse espaço, como era assimilada pela cidade de São José dos Campos?

Falar uma coisa, não sei, não sei. Porque assim, nunca me preocupei na época de entender isso.

31 - Já testemunhou algum tipo de conflito por conta da presença de pessoas negras ou mesmo pessoas de uma classe social mais baixa em espaços como clubes ou praças públicas?

Eu soube na época, mas eu não estava presente neste momento, porque tem um clube aqui na cidade, que na época era um clube elitizadíssimo e eu soube que o Lobão foi barrado na porta, Mestre Lobão. E aí, meu pai teve que conversar com as pessoas, pediram desculpas. Eu soube disso, mas eu não estava presente nesse momento. Fora isso eu nunca participei de nenhum momento que tenha ocorrido isso sabe. Não sei se porque eu não estava preocupada em enxergar isso, porque isso também não era uma coisa que fazia parte do meu dia a dia, porque eu fui criada numa família e em diversos ambientes que não se tinha preocupação em relação a isso, então talvez isso não me chamasse a atenção, não sei, mas assim não posso falar pra você a não ocorreu, não. Talvez porque eu nunca me preocupei em ficar buscando isso, porque não era também o que eu vivia na minha casa, então quando as pessoas chegavam para mim estava tudo legal, porque a gente se tratava muito bem, a gente se respeitava né.

32 - Havia algum tipo de receio ou respeito pelo grupo dos capoeiras? Algum receio de conflito?

Eu acho assim, as pessoas tinham um relacionamento. Claro, tem aquele lado assim “são os capoeiristas”, as vezes tinham umas coisas assim “nossa os capoeiristas”, “nossa toma cuidado”, parece que tinha aquela coisa assim eles lutam capoeira, sei lá o que.

33 - O pessoal da academia costumava andar junto?

A gente se encontrava, não era turma. Não uma coisa a turma vai sair junto. Não era isso. A cidade era muito pequena, então era uma cidade que você saía na rua e encontrava todo mundo, porque não é uma São José de hoje, não é. As ruas eram poucas, os bairros eram pequenos. Existia os barzinhos, tinha aquilo e aquilo outro. Os encontros, muito encontro em praça pública. As praças públicas eram muito valorizadas, a praça Afonso Pena da cidade era hiper valorizada, e fora outros ambientes. A gente se encontrava. Se encontrava ocasionalmente. Ou quando marcava para fazer roda e aí se transformava em roda de samba. Ou se encontrava ocasionalmente, quando se encontrava ocasionalmente sempre se transformava numa roda, é claro. Na época jogar capoeira, tem dois, três, quatro, cinco, quem tem o berimbau vai buscar, ou já andava com o pandeiro no carro. Meu irmão andava com o berimbau, pandeiro, sempre alguém ali morando perto trazia, ou batia na mesa ou batia palma e pronto, tava armada ali a roda de capoeira. É óbvio, naquela época era uma coisa que pipocava, os capoeiristas tão aí, vamos fazer roda. Então tinha roda, chegou tinha roda. Hoje não é muito assim, mas na época era.

34 - Era bem recepcionada?

Muito. Então por exemplo tava, era a coqueluche. Nossa e assim chegava no centro da cidade, tem três, quatro capoeiristas ali, “os capoeiristas tão ali”, vamos fazer uma roda. Aí daqui a pouco começava bater palma, pronto, aí ia chegando um chegando outro, aí já chegava o berimbau que não tava mas veio né, aí o outro que morava perto trouxe o atabaque, mas começou com palma. Pronto.

Começa com um, meu pai pegava o violão, daqui a pouco vinha o pandeiro, ou então uma caixa de fosforo, botava arroz em uma garrafinha, pega o berimbau, ou não tem, não sei, daí do samba virava capoeira, voltava pro samba. Na cidade era assim também, porque na época era um “bum”. Falar naquela chegaram os capoeiristas virava festa na cidade, porque era uma novidade. Os batismos eram grandes eventos, vinham Mestres de fora, o jornal na época Vale Paraibano, a rádio falava.

35 - Como era feita a divulgação da academia?

Nas rádios, nas rádios, na época era rádio, nas rádios locais. Os espaços sempre eram cedidos né, era Associação, o Sesc, nessa época ainda não tinha Sesc, tinha Sesc mas não tinha a unidade né, ele funcionava numa casinha. Mas a imprensa queria divulgar, não precisava nem pagar manchete, eles queriam estar lá. Então durante, é assim, muito tempo a capoeira era a estrela da cidade, os capoeiristas também, juntou dois, três, roda.

36 – E haviam códigos de linguagem entre os capoeiristas da Besouro Mangangá? Havia gírias que eram utilizadas?

Tinham brincadeiras, a gente sempre usava muita brincadeira assim né, a roda, hoje eu não sei como é que tá né, faz tempo que eu não participo de roda de capoeira. Eu fui num final de semana numa roda do Lobão, eu adorei, eu voltei no tempo, aquelas brincadeiras, aquelas, sabe, sempre é o momento de fazer uma brincadeira e dar risada né. Assim, era um espaço gostoso, lúdico. Ao mesmo tempo que a gente tava ali praticando uma luta, a gente, a luta também era, ninguém estava interessado em machucar ninguém, a gente tava, claro tinha horas que testava um pouco, quem, quem se defendia mais ou quem atacava mais, mas sempre virava um espaço de brincadeira, lúdico e sempre surgia uma brincadeira, sabe dos mestres com os alunos. Mas sempre existiu um respeito imenso pelos Mestres, os Mestres sempre eram. E hoje nessa roda que eu participei, final de semana passada, eu senti isso né, um super respeito pelos Mestres. As brincadeiras ocorrem, um brinca com o outro, da risada, quer seja na hora do jogo quer seja durante as conversas, bate papo, mas um super respeito pelos Mestres. Isso é muito legal.

37 - Qual era a frequência dos treinos e duração na época?

A duração era assim, a gente treinava e depois começavam as rodas. Você podia ficar uma hora treinando as sequencias e tudo. A roda não tinha hora de acabar, a gente foi. Podia ser duas horas, é como toda roda de capoeira, tem hora para começar, mas não tem hora para acabar. Uma hora uma hora e meia. A última roda era a melhor, a última roda da academia era a melhor, não tinha hora para acabar. Então aí, quem fosse podendo ficar, ficava, as vezes até treinava de novo, e ai participava, alguns iam embora, mas ai treinava de novo, ou ficava lá tocando berimbau ou ajudando a fazer umas outras coisas, e a ultima roda do dia era a melhor porque começava e não tinha hora de acabar. Como também as rodas que a gente fazia nas praças, nos locais públicos, que tinham muitas na época, tinha hora para começar, mas não tinha hora para acabar.

38 - Todos os alunos eram convidados para as apresentações?

Ia quem queria. Olha vai ter roda, vou. Ou então, tava passeando na rua XV, se encontrou, vamos fazer uma roda.

39 - Você chegou a ir para a República na praça em São Paulo?

(Pergunta intervenção)

Não, joguei na academia do Suassuna. A gente participou também de um programa de televisão na Bandeirantes na época, foi bem legal. Fomos para Joinville né, a gente foi convidado para ir pra lá, fazer uma apresentação na universidade federal de lá, foi bem bacana.

40 - Essa viagem para Joinville foi a Besouro Mangangá ou foi a Besouro e a Cordão de Ouro?

(Pergunta intervenção)

Só a Besouro, só a Besouro. Uma super apresentação na cidade, foi promovida pela Universidade de lá Federal.

41 – Quando da Besouro foi criada, quais eram os valores instituídos pelo grupo?

Primeiro tem a célebre frase do seu avô, a calma é a virtude dos fortes, isso na minha casa. Se juntavam ai tinha lá as rodas de samba, a capoeira. A calma é a virtude dos fortes. E isso tinha, tinha assim, tinha o logo da academia super lindo que é até hoje. E tinha bem grandão lá “a calma é a virtude dos fortes”.

42 - O que Mestre Damião queria transmitir com isso?

Que eu acho que é essa própria mandinga que eu digo da capoeira né, que é esse movimento que você vai que você recua, nesse movimento de criar uma sinergia, uma sintonia, de quanto que eu me lanço, de quanto que eu me retraio. Num movimento sincronizado, que não pode ser nem muito forte nem muito fraco. Mas é essa calma mesmo sabe, essa calma que não é falta de força, é uma coisa de ir descobrindo as oportunidades, eu acho que é tudo isso que esta por trás dessa frase, a calma é a virtude dos fortes entendeu. Que você vai, volta, percebe o quanto, de que maneira, como, que eu acho que tem haver com esse movimento de expansão e recolhimento né, com esse movimento de ir pra vida depois voltar, de que maneira. Eu acho que essa frase ela, ela traduz muitas coisas sabe. Não é uma coisa que você vai falar a calma. Não, não é uma coisa assim entendeu. É essa coisa de ficar atento né, ficar atento e percebendo entendeu. Uma consciência do corpo. Seu avô sempre falava e você presenciou isso né. Na ginga, olha o pé. Como é que você vai e como é que você volta. Como é que você vai para o outro, como é que você volta. Isso é capoeira. Como é que você vai para o mundo, como é que você se recolhe.

43 - Esses valores para além dessa frase na parede na academia, eram conversados nesse espaço?

Sempre, sempre depois de uma roda de capoeira tem um bate papo com o Mestre. Sempre tinha e ainda tem porque eu presenciei isso na roda.

44 – Isso era presente na Besouro nos idos dos anos 1970?

Sempre, sempre tem um bate papo no final da roda. Senta todo mundo né, depois que acaba a roda, o treino depois tem a roda, aí senta todo mundo no chão sabe, com o Mestre ali como centro e aí é o bate papo entendeu. E aí o bate papo, é um bate papo sobre tudo. Sobre os valores da capoeira, sobre, os alunos podem falar, o respeito ao Mestre, o respeito ao berimbau, o respeito aos atabaques né, a ancestralidade, tudo isso é conversado numa roda. O respeito entre as pessoas que frequentam a academia. Tudo isso, a roda termina com um bate papo com todo mundo sentado no chão. O Mestre em uma posição um pouco mais elevada, porque sempre tem um banco, onde senta as pessoas para tocar, o Mestre fica ali e os alunos em volta sentados no chão, na roda, que toda a academia de capoeira tem um círculo pintado no chão, que é a roda né. Senta-se em roda, com o Mestre em uma posição de importância junto com os instrumentos né. E aí conversa com os alunos, e aí conversa com os alunos.

45 - A capoeira sofreu muitas transformações ao longo dos anos, pensando desde os anos 1970 para cá. O reconhecimento enquanto esporte nacional, essa difusão internacional da prática, considerada patrimônio cultural. Na sua percepção esse reconhecimento trouxe quais mudanças que foram mais significativas em termos do que é a capoeira para você?

Assim, eu vou falar da minha percepção né, porque, volto vejo as rodas hoje. Eu penso que lá atrás década de 1970 era uma coisa mais livre vamos dizer assim. Não se eu posso chamar de livre. Mas era uma coisa menos formatada né. Eu acho que na medida que você transforma algo num esporte aí começam a ter regras mesmo, formalizadas, até de treinos, disso e daquilo outro. Hoje você tem a capoeira participando dos jogos estaduais né, a ideia é levar para as Olimpíadas né. Então ela vai ganhando outro lugar, é óbvio, ela vai ganhando outro lugar né. Tem perdas e ganhos nisso, eu acho que tem perdas de naturalidade de uma coisa mais solta mais livre né, e tem ganhos também de você ter regras né, tem competições então tem regras, golpes que tem que ser feitos, quem vai ser premiado quem ganha, ela participa dos diversos jogos que tem hoje, jogos formalizados mesmo com regras. Lá atrás na década de 70 era uma coisa mais espontânea, tinha claro os treinos, os golpes, mas não tinha tanta, tinham as regras também, de convivência né, uma série de coisas, que isso era discutido com os Mestres né, porque o aluno de capoeira ele deve respeito ao Mestre né, o Mestre é responsável por ele e ele é responsável por ter escolhido esse Mestre e esse espaço para praticar a capoeira e ele tem que respeitar o que é discutido ali, o que é combinado. Era uma coisa de combinado. Como que a gente vai combinar de conviver aqui. Como é que é a capoeira que é praticada aqui. Como é que a gente vai cuidar desse espaço sabe. Tudo isso era ali discutido na conversa, tipo um Mestre griô conversando lá com o seu povo né. Porque o Mestre de capoeira é um Mestre Griô né. Então assim, e aí o aluno que realmente quer pertencer aquele espaço, aquela academia, ele tem que respeitar o Mestre e aquilo que o Mestre conversa com ele, porque ele tá escolhendo participar daquele grupo né. E é o Mestre que cuida daquele grupo, tanto que o respeito pelo Mestre é imenso. Até hoje né. Na última roda que eu fui, esse final de semana, 2024, abril, primeiro sábado de abril de 2024, eu quase chorei na roda, de tão emocionada que eu fiquei de sentir essa força do Mestre perante os alunos dele, e perante os alunos que ele formou, e perante de outros Mestres, porque o Lobão era o Mestre mais antigo ali, respeitado. E não tem nada no papel, você tem que. É uma coisa que é construída na relação né. Mas isso lá atrás era muito mais forte, porque eram acordos que eram construídos na relação. Porque eu queria pertencer

aquilo ali e eu queria reverenciar aquele Mestre, para mim era importante ouvir o que ele tinha para falar né e escutar o que ele tinha para falar né. De como que eu tinha que ta cuidando daquele espaço, qual o significado do berimbau, qual o significado do pandeiro, dos atabaques, dos golpes, de como me portar ali dentro, de como participar da roda, de como tratar os outros capoeiristas né. Tudo isso eram conversas que eram trocadas ali, construídas ali, não existia uma coisa, regra no papel, então assim era o Mestre que ia ali conversando com os seus alunos né, com quem tinha escolhido aquele ali como Mestre, entendeu. Então essa é a grande diferença né, porque as construções eram feitas ali de uma maneira muito mais natural, muito mais, não tinha nada no papel né, a medida que ai você tem uma associação de capoeira, você tem ela esporte nacional, ai vem umas regras no papel né, tem uma lei que criou isso.

46 – Na sua percepção então algumas tradições seguem preservadas?

Eu acho que as tradições seguem preservadas sim, principalmente o respeito pela roda, pelos instrumentos, pelo Mestre né, foi o Mestre que eu escolhi, é ele que conversa comigo, ele me ensina, ele tem uma riqueza imensa, e assim, se o Mestre olhar eu sei o que ele está falando para mim, isso ainda tem até hoje. E se o Mestre me olhar, e o Mestre é quem conduz a roda, a cantoria né, ele é a figura principal ali, junto com os instrumentos e ele é reverenciado, e é assim que é na capoeira. Tem que ser assim. Sempre foi assim né. Ele é colocado nesse lugar entendeu, e até hoje eu sinto que isso tá de uma maneira que ninguém é obrigado, você faz uma escolha. É uma escolha. Porque você escolheu tá ali com aquela pessoa como Mestre que você reverencia entendeu. Se um Mestre está tocando o berimbau e ele dá um sinal para parar, para. Para e ninguém questiona. Ta jogando entendeu, o Mestre fala que parou, parou. Se ele teve um comportamento que o Mestre acha que não tá legal para a roda, parou a roda. Ninguém questiona, vai questionar com o Mestre porque que parou? Porque parou. Na conversa ele vai conversar de diversas formas, mas se ele falar parou, parou. O sinal vem, e o berimbau é um instrumento, eu fico até arrepiada. Ele é um instrumento. Ta jogando capoeira, aconteceu alguma coisa, baixou o berimbau. Baixou o berimbau reverenciou. Baixou o berimbau reverenciou. Tanto que você entra na roda, você reverencia os instrumentos. Você reverencia o instrumento, normalmente o Mestre ta ali. Você reverencia os instrumentos, você abaixa não é. Na época de Mestre Bimba ainda tinha uma oração, meu pai fala. Você reverencia, você baixa a cabeça e você reverencia o berimbau, os instrumentos né. Aconteceu alguma coisa, o berimbau abaixa. Baixou o berimbau é para parar ou é para sair da roda. Você olha para o Mestre e ele vai dizer o que você tem que fazer.

47 - Que musica você traz mais antiga da capoeira? Que você se recorda, a que mais te toca?

Que meu pai amava: “pisa na linha levanta o boi, levanta seu boi da linha. Pisa na linha levanta o boi, levanta, levanta. Pisa na linha levanta o boi, amanhã é dia santo. Pisa na linha levanta o boi, levanta, levanta”. Essa a música do papai. Qual outra que tinha que era legal? Eu adoro Iuna. Iuna é um jogo que você joga lento. É bem mandinga, mandinga pura né. Qual outra? Esse pisa na linha levanta o boi é maravilhoso. Tem, não sei. Pisa na linha, no funeral do papai a gente entrou contando ela, no funeral do papai, Mestre Damião, a gente entrou tocando o berimbau. Tem ela, qual mais? Pisa laranja no chão tico tico, se eu for embora na mão eu não fico. O Esdras gostava dessa. Essa na pisa na linha levanta o boi a gente cantava em homenagem ao meu pai em todas as rodas, isso aí fazia parte. Mas tem músicas lindas, é que agora realmente não vem a cabeça.

48 - E o que é a capoeira para você?

Pura magia. Capoeira é pura mandinga. Pura magia. É uma coisa que não se explica, quando você entra para treinar capoeira, é uma coisa, não é só a questão da luta. É muito mais do que

isso. É uma experiência que vai além né. Eu acho que não tem palavras para explicar, você vivencia isso né. Eu acho que é uma coisa é, é isso, além. Além daquilo que você pega sabe. Eu não tô falando de mágica, eu tô falando de magia, de mandinga, você entra num universo assim, mais ou menos como os mantras orientais, quando você começa “om”, você vai para um lugar um algo além, além do material. Mas ao mesmo tempo você tá no chão. A capoeira é muito chão, é terra e é ar. Capoeira é, depois da educação física eu fui para a psicologia né, e toda a minha formação depois da faculdade foi na área corporal. Também passei por muitas coisas de linhas orientais, estudei muito isso. É yin-yang. É ground. Terra, mas também a força do universo sabe. Essa coisa do símbolo do infinito né que cria essa coisa de terra e ar, terra e o universo, eu fico até arrepiada. Isso é capoeira, porque ela te dá ground, te dá força, porque você tá com o pé no chão, é a presentificação, chão. Mas ao mesmo tempo universo. Então eu acho que são esses dois pontos assim que tão presentes na roda sabe.

49 – E o que que é o capoeirista para você?

É muita coisa, é tudo isso do que eu falei. Mas ele é uma figura assim forte, mas gostoso, brincalhona né, porque nas rodas de capoeira embora você esteja ali defesa, ataque e defesa, mas brincadeira também, é ludicidade, tá junto né, é esperteza né. O capoeira ele, o verdadeiro capoeirista, ele carrega tudo isso no bojo dele, na sacolinha dele né, no “bornazinho” dele sabe, ele carrega tudo isso, pelo menos assim o verdadeiro capoeira sabe, que assimilou realmente o que que é a capoeira, o que que é a roda de capoeira, o que que é o Mestre de capoeira na vida dele entendeu. Ele traz tudo isso no “bornazinho” dele, na sacolinha dele entendeu. Ao mesmo tempo que ele é uma figura forte, que vai e volta né, que expande e se recolhe, ele faz isso com muita força, mas com muita ludicidade. Com muita magia, eu acho que a capoeira é muita magia, muita mandinga né. E o capoeira ele carrega tudo isso sabe, ele é uma figura forte, mas lúdica, alegre.

50 - Esses aprendizados que você teve desde os anos 1970 na Besouro e durante o período que treinou, você pode exemplificar onde eles estão presentes na sua vida?

Em tudo, em tudo. Se eu tô num lugar que por exemplo acontece alguma coisa. Isso é capoeira. Eu tô conectada com a roda. Isso é ginga. Quando eu me levanto daqui num lugar que de repente acontece algo que me mobiliza, eu tô em pé, mas eu tô em pé e eu não preciso fazer movimento, mas a ginga tá comigo. A ginga tá comigo sabe, expansão e recolhimento, o que que tá acontecendo aqui, qual é. Em qualquer lugar, em qualquer lugar. A capoeira ela tá aqui, eu não preciso nem fazer o movimento, mas ele tá ocorrendo. Isso é mandinga, isso é mandinga entendeu. Tô na rua, tô andando, pa. A capoeira tá aqui. É mandinga, é mandinga. Uma pessoa vem, a capoeira tá aqui. Meu pai falava isso. Os Mestres estão aqui, eu não tô sozinha. O capoeira nunca tá sozinho. Ele nunca tá sozinho. Ele tá aqui, você põe o pé no chão, você não precisa gingar, a capoeira tá ali. Você tá ali, você tá ali. Porque pode vir na fala, essa expansão e recolhimento, pode vir na fala, pode vir no gesto. Necessariamente você não precisa dar um golpe, ela se apresenta de uma outra maneira. Isso é capoeira para mim. Quando eu falo de mandinga é isso, ela tá de diversas maneiras. Ela é tão grandiosa, a prática da capoeira é tão grandiosa, que as vezes você tá cantando e a capoeira tá ali, na maneira como você tá cantando, se tá dançando, a capoeira tá ali. Porque o tempo todo você tá ali, mas você tá se cuidando, você tá vendo o espaço como é que tá, as pessoas que tem ali, teu pé tá no chão mas você tá conectado com o universo, com tudo o que tá acontecendo ali. Essa é a verdadeira capoeira.

51 - Hoje tem até música que fala que só tem gente branca na roda de capoeira, como você olha esse cenário?

Eu acho assim que, não sei. Pode até ser que sim, não sei. Nessa roda que eu participei tinha um pouco de tudo, tinha pardo, tinha branco, tinha preto, tinha tudo. Eu não gosto de falar que

é um espaço só para o negro, eu acho que é um espaço, que chega quem quiser, que chega quem ta afim. Foi esse espaço que eu vivi lá atrás, eu não vejo que exista algo que impeça qualquer um, no espaço que eu vivi na academia, quem chegasse era bem-vindo. Quem quisesse chegar, se é preto, branco, pardo, oval, obtuso, baixo, gordo, não tem uma perna, não tem um braço, ta afim é bem-vindo. A pertence a classe social, ta afim é bem-vindo né. Qual é a regra respeitar a roda e respeitar os Mestres e os instrumentos entendeu. É bem-vindo. Agora não sei se existe hoje, isso nas academias, não sei, sinceramente não sei. Eu acho que continua sendo assim, pelo menos nessa roda que eu fui, final de semana próximo agora, abril, 2024, segundo sábado do mês, tava ali presente quem quisesse estar, porque o som o do berimbau chamou, atabaque chamou, a pessoa se interessou, os alunos de diversas academias que praticam. Eu acho que é um espaço aberto. Eu não vejo assim como o espaço da capoeira ta embranquecido, ta empretecido, ta sei lá o que, eu particularmente tenho que é um espaço aberto para quem quiser chegar, desde vê a roda, e é um espaço aberto também que se tiver gente jogando ali, praticou capoeira não sei aonde e quiser jogar, é só fazer um sinal e joga. É uma roda aberta. Eu vejo as rodas de capoeira, os espaços de capoeira, sempre como espaços abertos. Se quiser jogar tem que respeitar os instrumentos e o Mestre, pedir permissão. Afinal é um espaço que alguém é o responsável ali, é a pessoa que cuida daquele espaço. Pode entrar, a porta ta sempre aberta. Eu vejo dessa maneira. Então não sei, pode ser a minha visão, o meu sentimento. Mas eu vejo sempre como um espaço aberto.

ANEXO A – Registros Fotográficos

A1 Esdras Magalhães dos Santos – Mestre Damião / Tenente Esdras acervo pessoal



A2 Itinerários da Capoeira – Da esquerda para a direita: Mestre Bimba e Mestre Damião



A3 Associação Cultural e Desportiva Besouro Mangangá acervo digital - Evento de Capoeira Besouro Mangangá 1970



A4 Itinerários da Capoeira – Mestre Esdras e Mestre Lobão



A5 Itinerários da Capoeira – da esquerda para a direita: Mestre Esdras, Mestre Suassuna, Mestre Lobão, Caio e Professora Mariangela



Foto 3 — O Ritmo (elenco instrumental da Capoeira). Da esquerda para a direita: Esdras Filho, Suassuna, Lobão, Caio e professora Mariangela.

A6 Pró-Memória São José dos Campos – Imagens do Batismo capoeira – Sala Veloso (24 de abril de 1976) - Fotografo Amado



A7 Associação Desportiva e Cultural Besouro Mangangá acervo digital – Anos 70



A8 Acervo pessoal – Da esquerda para a direita: Mestre Lobão, Mestre Suassuna, Mestre Damião, Mestre Tinta Forte e Mestre Esdras



A9 Associação Desportiva e Cultural Besouro Mangangá acervo digital – Homenagem a Mestre Damião

